FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.880 QUARTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 2022 R$ 5,00

Movimento ontem no Hospital Sorocabana, na Lapa, em São Paulo Zanone Fraissat/Folhapress

Em consulta, maioria se opõe a prescrição para vacinar criança

Cerca de 100 mil se manifestaram até dia 2, diz governo; Saúde deve desistir de cobrar aval médico de dose infantil

A consulta pública realizada pelo Ministério da Saúde apontou que a maioria foi contrária à exigência de prescrição médica no ato da vacinação contra a Covid-19 em crianças. Cerca de 100 mil pessoas se manifestaram até o dia 2 de janeiro.

A Saúde deve desistir de cobrar aval médico para aplicação de doses no grupo de 5 a 11 anos. Procurada, a pasta não confirmou.

A informação sobre a oposição majoritária à prescrição foi dada por Rosana Leite de Melo, secretária extraordinária de Enfrentamento à Covid-19 do ministério, em audiência pública ontem.

Em nota enviada ao STF, ela já afirmara que o imunizante é seguro para crianças, o que contraria questionamentos feitos pelo ministro Marcelo Queiroga e por Jair Bolsonaro (PL).

A Saúde deve divulgar hoje as recomendações para a vacinação de 5 a 11 anos com doses da Pfizer. A expectativa é que a campanha de aplicação já comece neste mês.

Os lotes pediátricos serão entregues por meio de contrato do governo para receber 100 milhões de vacinas da farmacêutica americana em 2022. O total pode ser ampliado para 150 milhões de unidades. Cotidiano B3

SP tem fila em pronto-socorro e demora para agendar teste

A espera por atendimento em prontos-socorros públicos e privados na capital paulista é de até seis horas, como consequência do surto de influenza e do aumento de casos de Covid-19.

Nos três primeiros dias do ano, 20.333 com sintomas respiratórios passaram pela rede municipal de saúde.

Do total, 11.585 pessoas apresentavam um quadro suspeito de coronavírus —o equivalente a 57%.

A demanda por testes de Covid também cresceu na cidade. Pacientes enfrentam dificuldade e espera de dois a cinco dias para agendar um horário e realizá-lo em farmácias. Saúde B1

Rio de Janeiro cancela Carnaval de rua em 2022

Após reunião com blocos e patrocinadores, o prefeito Eduardo Paes (PSD) cancelou ontem o Carnaval de rua no Rio de Janeiro devido ao aumento de infecções por Covid. O desfile na Sapucaí, porém, permanece confirmado. Eventos privados também estão mantidos. Cotidiano B5

Turistas nas atrações do parque aquático Thermas dos Laranjais, o maior de Olímpia, cidade no interior paulista chamada de 'Orlando brasileira' Joel Silva/Folhapress

Cotidiano B5

Orlando brasileira

Com águas termais e novos resorts, o setor turístico de Olímpia (a 438 km de São Paulo) aguarda receber na temporada até 750 mil turistas —mais de 13 vezes a sua população.

Esporte B7

Árbitro da final da Libertadores ri ao relembrar lance com Deyverson

Ilustrada C1

Fake news, fim do mundo, alienígenas e crises se misturam na arte da era Covid

EDITORIAIS A2

O fazedor de crises

Sobre a revolta de servidores contra Bolsonaro

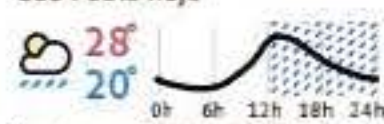
Retrato da invasão

Acerca de perfil de radicais nos Estados Unidos

ATMOSFERA

São Paulo hoje

28° 20°

0h 6h 12h 18h 24h

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

ARTIGO

Guido Mantega

Retomada vai vir com fim do bolsonarismo

A economia terminou 2021 estagnada. O que está em jogo é se continuaremos com a política econômica desastrosa do governo Bolsonaro e de outros candidatos neoliberais ou se vamos retomar a via do social-desenvolvimentismo rumo ao Estado de bem-estar social. Mercado A11

Ex-ministro da Fazenda e do Planejamento e ex-presidente do BNDES (governos Lula e Dilma)

Lula

Ilustração Luciano Veronezi

Para Planalto, há viés eleitoral em ameaça de servidor

Integrantes do governo e assessores diretos de Jair Bolsonaro (PL) dizem ver influência político-eleitoral da oposição nas ameaças de paralisações e greves de categorias do funcionalismo por aumento salarial em 2022. Mercado A10

Elio Gaspari

Por Capitólio, FBI já pegou 700

Cinco dias após a invasão do Capitólio, o chefe do FBI em Washington avisou: "Nossos agentes vão bater na tua porta". Bateram numas mil e prenderam ou indiciaram 724. Falta o peixe gordo, que tenta se blindar. Poder A5

Quadro melhora, e médico descarta operar Bolsonaro

O Hospital Vila Nova Star, onde Jair Bolsonaro (PL) está internado em São Paulo, descartou a necessidade de cirurgia e informou que a obstrução no intestino se desfez. Até ontem não havia ainda previsão de alta. Poder A5

Veja produtos que ficaram isentos na entrada no Brasil

Mercado A15

Congresso invadido foi ensaio de plano da ultradireita

Mundo A8

Propaganda partidária na TV é sancionada

Poder A4

opinião

Leandro Assis e Triscila Oliveira

SIMPATIA DE ANO NOVO

COMPLETE A ILUSTRAÇÃO PARA QUE O SEU DESEJO SE REALIZE EM 2022

COLE A FOTO Nº 01

COLE A FOTO Nº 02

COLE A FOTO Nº 03

COLE A FOTO Nº 04

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

O fazedor de crises

Ao patrocinar reajuste a policiais, Bolsonaro desperta sanha de servidores e provoca um novo tumulto

A maior marca a ser deixada pelo governo de Jair Bolsonaro (PL) talvez seja a capacidade do presidente da República de criar graves problemas para si próprio e o país. O mandatário revelou-se insuperável nesse quesito.

Seus arroubos autoritários, a relação errática com o Congresso e o negacionismo na pandemia, entre outros comportamentos desestabilizadores, agravaram nos últimos três anos a delicada situação social e econômica brasileira.

Perspectiva de baixo crescimento, ausência de reformas, dólar caro e inflação elevada refletem, em grande medida, o estilo tosco e barulhento do presidente.

Eis que, na reta final para seu último ano de mandato, Bolsonaro armou talvez a maior bomba contra sua administração, capaz de implodir o que ainda resta da confiança dos agentes econômicos ou levar o país a ondas de paralisações no serviço público, com prejuízos para toda a população.

Ao exigir da equipe econômica, no final de 2021, dinheiro para reajustar salários de policiais federais, sua base de apoio, Bolsonaro despertou a sanha de demais servidores por elevação de vencimentos.

De pronto, centenas de auditores da Receita Federal entregaram cargos de chefia em protesto contra a falta de regulamentação de um bônus de desempenho e cortes no orçamento do órgão.

Agora, funcionários em posição de comando no Banco Central ensaiam fazer o mesmo. E servidores da área de planejamento e orçamento decidiram em assembleia aderir a paralisação, no dia 18 próximo, para pressionar o Planalto a negociar um reajuste salarial.

Novamente por sabotagem do próprio Bolsonaro, seu governo perdeu a chance de fazer uma reforma administrativa nos últimos três anos. A solução da equipe econômica foi congelar os vencimentos dos servidores civis. Pois, segundo estimativa oficial, cada 1% de aumento linear ao funcionalismo custaria R$ 3 bilhões.

É provável que a pressão atual por reajustes não existisse, ou fosse bem menor, se o presidente não tivesse liderado o movimento ao conceder aumento aos policiais e ao ter aventado, no início de dezembro, a possibilidade de um reajuste a todo o funcionalismo.

Afinal, ao longo dos últimos dois anos pandêmicos, os servidores públicos foram talvez o único grupo a não ter perdido parte de seus rendimentos ou empregos —algo que se tornou praxe no setor privado.

Ademais, segundo o Banco Mundial, o prêmio salarial para os servidores federais no Brasil, na comparação com seus equivalentes (inclusive por escolaridade) na iniciativa privada, chega a 67%.

Mas, consistente, Bolsonaro não perderia nova chance de tumultuar.

Retrato da invasão

Pesquisa mostra perfil complexo e preocupante dos responsáveis pelo ataque ao Capitólio

A célebre imagem de um homem fantasiado de viking na invasão do Capitólio, há um ano, pode ter passado a impressão de que os responsáveis pela ação se resumiam a fanáticos extremistas.

O cenário identificado por uma pesquisa da Universidade de Chicago com base no perfil dos invasores é mais complexo e preocupante. Mais da metade são empresários ou trabalhadores qualificados.

Praticamente todos têm ao menos o ensino médio completo, e um terço, curso superior ou pós-graduação. Apenas 1 em cada 7 tem ligação com grupos radicais.

Outra conclusão da pesquisa é alarmante: 8% dos americanos adultos acham justificável o uso de violência para reverter a eleição de Joe Biden com base em suposta existência de fraudes. São 21 milhões de pessoas, ou uma Grande São Paulo, dispostas a praticar atos ilegais de força para reinstalar Donald Trump na Casa Branca.

O estudo mostra como é simplista atribuir o fenômeno da ultradireita a uma minoria de desajustados manipulada por populistas que exploram a precariedade da economia. Parece haver uma razão mais profunda a atrair pessoas bem estabelecidas profissionalmente para a radicalização.

Uma hipótese apontada é a avaliação de homens brancos de que sua posição social estaria ameaçada por imigrantes e minorias.

Este cenário não é exclusividade americana. Na França, o candidato presidencial Eric Zemmour abraça a teoria do "declinismo", gerado pela ascensão de grupos muçulmanos, enquanto no Chile José Antonio Kast chegou ao segundo turno da recente eleição prometendo construir um fosso na fronteira norte do país contra imigrantes.

No Brasil, o discurso anti-imigração não tem a mesma força, mas é compensado por "ameaças" exploradas pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), das novas expressões de gênero às ações compensatórias raciais.

Na campanha que se avizinha, o presidente deverá ter como estratégia alimentar o sentimento de que a coesão social está sob risco em meio a este ativismo identitário.

O risco é o radicalismo presidencial adentrar o mainstream por aqui também, gerando uma situação potencialmente perigosa, especialmente em caso de a eleição acabar contestada. Não é um cenário impensável: no passado, setores médios e empresariais já deram mostras de que são permeáveis à retórica do capitão.

Tempos sombrios na ciência

Hélio Schwartsman

Paul Feyerabend é o Bakunin da filosofia da ciência. Se, nos anos 50, ele ainda era um bem-comportado discípulo de Karl Popper, nos 70 já defendia o anarquismo epistemológico. A palavra "anarquismo" aqui não é força de expressão. Para Feyerabend, não existem regras que caracterizem o método científico.

Não há diferenças objetivas entre ciência, astrologia e entusiastas da dança da chuva. O que temos são só discursos com diferentes capacidades de impor-se. Para Feyerabend, a melhor forma de assegurar o avanço das ciências é deixar que elas interajam livremente com esses outros discursos, num deliciosamente anárquico vale-tudo.

É raro ver as ideias de Feyerabend saírem do ambiente de discussões puramente teóricas em departamentos de filosofia, mas, de vez em quando, isso ocorre. Vem ocorrendo nos últimos meses na politicamente correta Nova Zelândia. Uma comissão do governo propôs que o "matauranga maori", o conhecimento tradicional maori, fosse incluído no currículo escolar em pé de igualdade com a ciência "ocidental".

Um grupo de sete acadêmicos da Universidade de Auckland escreveu uma carta para um jornal criticando a ideia. Os professores não se opunham ao ensino do "matauranga", mas sustentavam que não fosse como ciência. A reação foi meteórica. Os signatários da carta foram chamados de racistas e colonialistas. Associações de cientistas e políticos se juntaram ao coro. Alguns membros do grupo correm agora o risco de ser expulsos da Royal Society, que abriu uma investigação disciplinar. É claro que também houve quem os defendesse.

Acho que faltou um Bolsonaro à Nova Zelândia. Se eles tivessem tido um líder como o nosso, teriam visto quão mortal pode ser o vale-tudo.

Feyerabend envelheceu mal. Se, nos anos 70, dava para sonhar que a ciência se enriqueceria com um pouco mais de anarquia e subjetivismo, hoje vivemos tempos epistemologicamente mais sombrios.

helio@uol.com.br

A serviço do presidente

Bruno Boghossian

O Ministério da Saúde mobilizou a máquina do governo para satisfazer os caprichos de Jair Bolsonaro. Na reta final de 2021, a pasta abriu uma consulta pública com perguntas feitas sob medida para confundir os pais e dificultar a vacinação de crianças contra a Covid. Nesta terça-feira (4), organizou uma audiência pública para espalhar desinformação sobre os imunizantes.

A operação foi montada a jato. Em 16 de dezembro, o corpo técnico da Anvisa autorizou o uso da vacina da Pfizer em crianças de 5 a 11 anos. Naquela mesma noite, Bolsonaro atacou publicamente a decisão da agência: levantou riscos do imunizante e disse que divulgaria os nomes dos responsáveis pela análise. Dois dias depois, o Ministério da Saúde anunciou a tal consulta pública.

Um formulário foi divulgado na antevéspera do Natal. As perguntas eram direcionadas para atender aos critérios que Bolsonaro tentava inventar, como a apresentação de receita médica e de um termo de compromisso assinado pelos pais.

O objetivo da consulta não era obter uma análise sobre a segurança e a eficácia das vacinas. Essa avaliação já havia sido feita pela Anvisa e por uma câmara técnica do próprio Ministério da Saúde. A ideia, ao contrário, era criar dúvidas e adiar o início da aplicação das doses.

A enquete não saciou o desejo do presidente. O ministério realizou uma audiência pública em que deu espaço para conhecidos porta-vozes do movimento antivacina. Um deles citou os raríssimos casos de miocardite em crianças vacinadas. Ele não quis dizer que a incidência dessa inflamação é maior em crianças que desenvolvem Covid. A Anvisa se recusou a participar do evento.

Foi um espetáculo de manipulação política, com transmissão ao vivo pela TV oficial do governo. Em vez de realizar uma análise sóbria dos imunizantes e organizar o início da aplicação das doses, o Ministério da Saúde preferiu fertilizar teorias da conspiração. Tudo para dar uma aparência técnica à sabotagem diária liderada pelo presidente.

Este Brasil me obriga a beber

Mariliz Pereira Jorge

Uma moda que começa a ganhar o mundo, mas ainda não chegou por estas bandas, é a do "Dry January", ou janeiro seco. A ideia é cortar o álcool durante todo o mês. Eu havia lido sobre o assunto em veículos estrangeiros, mas este ano vi as reportagens se multiplicarem por aqui e o assunto aparecer, mesmo que timidamente, nas redes sociais. Talvez falte o incentivo financeiro para que influenciadores abracem a causa como fizeram com o "segunda sem carne", que irritou os pecuaristas. Mas isso é outro assunto.

Ao que consta, o "Dry January" começou em 2011, por meio de uma iniciativa individual. A britânica Emily Robinson se preparava para uma meia maratona e decidiu cortar a bebida alcoólica. O seu relato sobre os benefícios daquele período ganhou notoriedade por meio da ONG Alchool Change UK, que passou a promover uma campanha com o apoio do Departamento de Saúde Pública do Reino Unido.

Mais recentemente, virou moda nos Estados Unidos, onde 15% dos americanos afirmaram em pesquisa da YouGov que planejavam ficar sem beber no primeiro mês de 2022. É uma maneira saudável de começar o ano, uma espécie de detox coletivo depois de tantos exageros no Natal e Réveillon, sem falar dos quase dois anos da pandemia, que elevou o consumo de álcool no mundo todo.

Não faltam pesquisas que mostram os ganhos para a saúde: melhora do sono, da disposição física e mental, do convívio familiar, da relação saudável com a bebida, além de uma bela economia. Talvez a rainha Elizabeth não concorde. É bom lembrar que assim que os médicos cortaram sua birita, ela baixou no hospital.

Mas ficar um mês sem beber no frio do hemisfério Norte é uma coisa. Outra é resistir ao convite para um chopinho gelado no fim de tarde do nosso verão. Faça chuva ou faça sol, uma coisa é certa, este Brasil de Bolsonaro me obrigada a beber.

"Dry January" talvez só no ano que vem.

Idolatramos geladeiras

Lygia Maria

Mestre em Jornalismo pela UFSC e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

Há quem critique o conceito de "brasileiro cordial", do sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), porque o brasileiro seria agressivo, mal-educado, mas isso é um equívoco. "Cordial" vem do latim "cor, cordis", que significa "coração". Ou seja, o brasileiro é um ser passional —logo, dado a fazer bobagens.

Não consegue separar o privado (emoção) do público (razão), acha que o Estado é uma ampliação do círculo familiar, ou seja, acha que o espaço público é a casa da mãe joana (nepotismo, patrimonialismo, personalismo etc.). Como esclarece o sociólogo, "a inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado (...) o indivíduo afirma-se ante os seus semelhantes indiferente à lei geral, onde esta lei contrarie suas afinidades emotivas".

Um exemplo é a idolatria à pessoa de Jair Bolsonora a partir do "ele é gente como a gente!", só porque veste camiseta de time de futebol, come pizza em pé na calçada ou tira foto usando chinelos, sentado em uma cadeira de plástico em um boteco nas férias de fim de ano.

No outro lado, temos o "Lulinha paz e amor", "Lula ladrão, roubou meu coração" e uma adoração messiânica ao ex-presidente Lula. Segundo a militância, Lula é o único capaz de salvar a população brasileira, e quem se recusa a votar nele é um herege. Puro sebastianismo: a crença de que dom Sebastião (1554-1578) voltaria como um novo messias para levar Portugal à glória novamente.

Nas últimas eleições, ouvimos que Henrique Meirelles não é simpático, que Marina Silva é frágil. Boulos bradava "vamos voltar a fazer política com emoção". Não! Foi por causa da emoção que atolamos nessa lama polarizada. Um jornalista disse que já é hora de perdoar o PT. Perdoar um partido que causou estrago devastador na economia e se envolveu em corrupção? Perdoamos pessoas pelas quais nutrimos algum tipo de sentimento e apenas quando assumem responsabilidade pelos erros cometidos.

Políticos e partidos são como eletrodomésticos. Uma geladeira serve apenas para resfriar alimentos. Um político é um funcionário público que deve ser eficiente e só, como uma geladeira: parou de gelar? Conserte ou compre outra. Ninguém ama uma geladeira, idolatra uma geladeira.

Não somos máquinas, claro, mas ser humano não significa estar em constante estado de torpor emocional. Entre o brasileiro apaixonado e um computador há gradações e há situações em que cada habilidade humana (razão e paixão) é mais adequada. Idolatremos humoristas, músicos, santos. Tratemos políticos pelo que de fato são: parafusos de uma engrenagem que deve manter um país funcionando de forma eficiente.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Não é renúncia

Tributação de empresas optantes pelo Simples é de 8,2% sobre receita bruta

Guilherme Afif Domingos
Assessor especial do Ministério da Economia e autor do artigo 179 da Constituição, que determina tratamento diferenciado às micro e pequenas empresas

O Congresso Nacional aprovou recentemente medida importante para restabelecer a verdade sobre o Simples: a de que esse regime diferenciado de tributação não deve ser considerado renúncia fiscal. Seria dispensável a aprovação dessa lei se não houvesse um posicionamento equivocado da Receita Federal —que é seguido por muitos analistas que se baseiam nessa visão sem atentar para a realidade.

José Roberto Afonso, um dos maiores especialistas em contas públicas e tributação, tem demonstrado, com base em dados da própria Receita, que o Simples é extremamente positivo em termos de simplificação da burocracia, mas não envolve renúncia fiscal. No último número da revista Conjuntura Econômica, da Fundação Getulio Vargas, em artigo com Geraldo Biasoto Jr. e Murilo Ferreira Viana, Afonso mostra mais uma vez, com números bastante detalhados, a realidade da tributação sobre as micro e pequenas empresas (MPEs) optantes pelo Simples, que, quando devidamente ajustada, corresponde na média a 8,2% sobre a receita bruta —enquanto as que declaram pelo lucro real é de 7%, e as do lucro presumido, 8,8%. Interessante observar que esses dados não têm sido contestados pelos críticos do Simples. São simplesmente ignorados.

As críticas aos MEIs (microempreendedores individuais) pecam por ignorar que, sem essa sistemática, a grande maioria dessas empresas não existiria. Não fosse o MEI, milhares de pessoas que perderam seus empregos ou fontes de renda durante a pandemia somente poderiam ter desenvolvido alguma atividade na informalidade. Também profissionais de várias especialidades tiveram na "conta própria" uma alternativa de receita.

Ainda no tocante ao MEI, as críticas são generalizadas sem considerar dois pontos. O primeiro é que são as empresas que não querem contratar profissionais como celetistas. O segundo é que se toma a minoria como regra, em vez de olhar os números. Afonso mostra que a maior concentração de receita dos "conta própria" está na faixa de R$ 1.500 a R$ 2.000, seguida da de R$ 3.000 a R$ 5.000.

[...]

As críticas aos MEIs (microempreendedores individuais) pecam por ignorar que, sem essa sistemática, a grande maioria dessas empresas não existiria. Não fosse o MEI, milhares de pessoas que perderam seus empregos ou fontes de renda durante a pandemia somente poderiam ter desenvolvido alguma atividade na informalidade

É evidente que a legislação do Simples pode ser aprimorada, inclusive elaborando degraus de saída para evitar a criação de novas empresas ao se atingir o limite com o intuito de escapar da burocracia. Na verdade, o problema não está no Simples, mas no complexo. As propostas de reforma tributária que estão em discussão no Congresso, as PECs 45 e 110, infelizmente não resolvem a complexidade do sistema fiscal nem representam modernização.

A proposta de convivência de dois sistemas por dez anos (PEC 45), ou cinco anos (PEC 110), é absolutamente impraticável e geraria confusão e insegurança, pois até hoje vemos pontos da legislação do IVA (Imposto sobre Valor Agregado) sendo alterados pela jurisprudência.

A rápida evolução da tecnologia vem provocando a desmaterialização e desterritorialização das atividades econômicas, e os países industrializados buscam formas de tributar as operações. O IVA, do qual o Brasil em 1966 foi um dos precursores na implementação, embora com distorções, não atende a essa nova realidade. Não vale a pena "aprimorar o obsoleto". Precisamos discutir um sistema que se adapte à realidade e se baseie na tecnologia para tributar a "nova economia".

A prorrogação da desoneração da folha para 17 setores criou discriminação para os demais. Passou da hora de se criar um imposto sobre transações, que permita gerar recursos para a Previdência sem onerar o fator trabalho para todos os setores.

Voltando ao início, cabe destacar que o Simples não pode ser considerado "renúncia fiscal" —a exemplo das isenções contidas no texto constitucional para vários setores.

Bolsonaro e o genocídio indígena

Mata-se um povo quando se criam condições que podem levá-lo à destruição

Deborah Duprat
Advogada e subprocuradora-geral da República aposentada, participou do Tribunal do Genocídio, no Tuca (Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), como representante da sociedade na acusação

A concepção dos povos originários da América como inferiores e a violência do projeto colonial vão alimentar, em larga medida, as teorias raciais do século 19 e a própria formação dos Estados nacionais, com a noção de homogeneidade que lhe é correlata. A combinação desses ingredientes culminou no nazismo e no Holocausto judeu, chamando a atenção da Europa, pela primeira vez, para o fenômeno da eliminação dos "seus outros".

Em 11 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio. Em ambos os casos, parte-se da premissa de que, se os direitos humanos são universais, é fundamental assegurar o pluralismo das sociedades nacionais, com abandono da ideia de superioridade de um grupo sobre os demais.

A convenção diz que o genocídio é crime tanto em tempo de paz como em tempo de guerra e o define como a prática de atos cometidos com a intenção de "destruir, no todo ou em parte, grupo nacional, étnico, racial ou religioso". Já o seu artigo 2º, "c", diz que constitui ato de genocídio "submeter intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial".

A Constituição Federal determina a demarcação das terras indígenas porque são espaços essenciais à autodeterminação desses povos. A negativa ou omissão deliberadas da demarcação configura o crime de genocídio na modalidade inscrita no artigo 2º, "c", da convenção —ou seja, mata-se um povo quando lhe são impostas condições de vida capazes de levar à sua destruição física. Seus membros morrem, e os sobreviventes se submetem a um processo de integração à cultura dominante. O povo preexistente deixa de existir. Foi o que aconteceu com vários povos indígenas ao longo do projeto colonial.

Dito isso, é preciso denunciar que está em curso um processo de genocídio dos indígenas no Brasil, capitaneado pelo presidente da República. Discursivamente, ele trata esse segmento da sociedade como inferior e diz que não irá demarcar —como não demarcou— um centímetro de área indígena. A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), em ação proposta perante o Supremo Tribunal Federal, evidenciou que esses discursos levaram a ondas de invasões de terras indígenas. Dados do Prodes, sistema do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), revelam que, em 2019, a taxa anual de desmatamento em toda a Amazônia foi de 34,41%, mas que esse incremento foi de 80% quando consideradas apenas as terras indígenas.

[...]

Bolsonaro organizou toda a burocracia para negar direitos territoriais a esses povos [indígenas] e abrir suas terras para atividades que ele considera produtivas. Embutidas nesse aparato, as velhas ideias da supremacia racial e da necessidade de assimilação das culturas dissidentes. Isso tem nome: genocídio

No contexto da Covid-19, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos concedeu medida cautelar em favor dos povos indígenas Yanomami e Ye'kwana, apontando a presença, em seus territórios, de 20 mil garimpeiros. Também assim procedeu em relação aos povos indígenas Munduruku, Guajajara e Awá, todos com seus territórios invadidos e vítimas de ampla disseminação da doença. Relatório de 2021 produzido pelo Conselho Indigenista Missionário aponta que os casos de invasão de terras indígenas em 2020 tiveram um acréscimo de 137% em relação a 2018. Foram atingidas pelo menos 201 terras indígenas, de 145 povos, em 19 estados.

Jair Bolsonaro organizou toda a burocracia para negar direitos territoriais a esses povos e abrir suas terras para atividades que ele considera produtivas. Embutidas nesse aparato, as velhas ideias da supremacia racial e da necessidade de assimilação das culturas dissidentes. Isso tem nome: genocídio.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Ficha que será usada para a vacinação de crianças Reprodução

Consulta pública

"Maioria em consulta pública é contra prescrição médica para vacinar criança" (Saúde, 4/1). Ainda bem que o povo brasileiro tem juízo e não segue orientações absurdas de certos governantes.

José Celso Righi
(São Bernardo do Campo, SP)

Podemos fazer melhor

Recomendo uma leitura atenta do artigo "Como sobreviver às mudanças globais", de Ernesto Lavina (Tendências / Debates, 3/1). Não sei se ainda temos tempo de reverter o irreversível. Nenhum organismo vivo cresce indefinidamente. Produzimos alimento suficiente para toda a população mundial mas temos quase um terço dela desnutrida. Podemos fazer melhor que isso.

Sérgio Colotto (São Paulo, SP)

Faça o que digo

Por que Bolsonaro está seguindo a ciência no seu caso ("Bolsonaro interrompe férias, é internado e mobiliza aliados após dias de desgaste", Poder, 3/1)? Está num dos melhores hospitais do país, interrompeu as férias de um dos melhores cirurgiões, está seguindo os ritos ortodoxos... Por que não recorreu à Prevent Senior e não se sujeitou a tratamentos alternativos? O que Bolsonaro recomenda à população é diferente do que adota para si.

Paulo Bittar
(São Paulo, SP)

*

Com a facada de 2018, Bolsonaro foi eleito sem fazer nenhum debate com os oponentes. Agora, hospitalizado com obstrução intestinal, novamente talvez não precise debater as questões nacionais com seus opositores. É preciso ter cuidado e torcer para a sua melhora.

Bismael B. Moraes
(São Paulo, SP)

*

Tanto Bolsonaro como seu médico estavam em férias quando a urgência surgiu. Bolsonaro havia ignorado a situação de calamidade da Bahia, mantendo-se indiferente ao fato e gozando suas férias entre jet ski e parque de diversões. Já seu médico, tão logo avisado da urgência envolvendo um paciente, interrompeu suas férias nas Bahamas, desembarcou em Guarulhos e foi, de pronto, ao hospital examiná-lo. Uma boa lição de comprometimento com responsabilidades assumidas poderia ser aprendida com este caso.

Zara Figueiredo Tripodi
(Belo Horizonte, MG)

*

De um lado, um profissional responsável interrompe suas férias para cuidar de um caso fecal. Do outro, um pusilânime não interrompeu suas férias ostentação para cuidar do povo que está sofrendo e morrendo em enchentes históricas.

Antonio Marques
(Cotia, SP)

Não combina

A coluna "2022: a mudança virá", (3/1), da notável jornalista Catarina Rochamonte, contraria a intenção do título, pois mal disfarça o desejo de que tudo prossiga como está. Título e texto não batem, são inconciliáveis.

Renata Lopes Gonzaga
(Belo Horizonte, MG)

Alerta

Gostaria de alertar o colunista Joel Pinheiro da Fonseca ("Que Lula é esse?", Poder, 4/1) de que foi desse modo que a mídia colaborou para o golpe do impeachment da presidente Dilma e para a eleição do desastre Bolsonaro. E respondendo à pergunta do articulista: vou pagar para ver sim. Com muita consciência e com a experiência dos meus 72 anos.

Marylizi Thuler, professora aposentada (São Paulo, SP)

*

Não querer o retorno de Lula à Presidência é um direito que Joel Pinheiro da Fonseca tem. Mas é patética a tentativa de reeditar o "eu tenho medo" de 2002, como se o sujeito nunca tivesse governado o país.

Alex Fabiano Nogueira
(São Paulo, SP)

Desenvolvimento

Parabéns ao ex-presidente Lula e ao ex-ministro Sergio Rezende pelo artigo "Educação e ciência para reconstruir o Brasil", sobre o que realmente é necessário para retomarmos o desenvolvimento econômico e social (Tendências / Debates, 4/1). Sim, educação, ciência e tecnologia são a base da existência das nações mais desenvolvidas. E parabéns à **Folha** por dar aquele espaço, ainda que deva estar recebendo críticas por isso.

Adilson Roberto Gonçalves,
pesquisador da Unesp (Campinas, SP)

Lula

Reconheço as boas coisas que Lula fez pelo país. Mas testemunhei fatos associados a ele, a seus companheiros e ao seu partido absolutamente injustificáveis. A consequência tem sido essa espiral descendente que o Brasil vive desde que ele foi substituído por Dilma. As artimanhas do destino me farão votar pela primeira vez em Lula neste. Mas que ele não desaponte a mim a aos brasileiros. Não sei se aguentamos outra desilusão.

Luiz Oliveira (São Paulo, SP)

Estado de São Paulo

Sobre "Doria descumpre promessa de reduzir secretarias e repete Bolsonaro" (Poder, 31/12), esclareço que o estado tem três secretarias especiais que não têm estrutura própria e são parte da organização de outras pastas. Não têm custo adicional. Os integrantes da Casa Militar, por exemplo, são policiais da Secretaria da Segurança Pública. O mesmo vale para a Secretaria Particular e Comunicação. A PGE é um órgão técnico vinculado ao Gabinete do Governador, com organização enxuta e sem paralelo com uma pasta como Educação.

Vinicius Santos, Secretaria de Comunicação do Estado (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

PAINEL DO LEITOR (19.DEZ., PÁG. A3) A cidade de Curvelo fica em Minas Gerais, não em São Paulo, como estava na carta de Helvecio Rocha.

ERRAMOS (2.JAN., PÁG. A3) A seção foi publicada sem o selo "Erramos", o que prejudicou a compreensão da nota que corrigiu a reportagem "Conheça dez lugares badalados abertos em São Paulo neste ano".

poder

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Reversão

Lideranças do PT têm colocado a reforma trabalhista na Espanha, também chamada de contrarreforma, como referência para um eventual novo mandato de Lula. Gleisi Hoffmann, presidente do partido, diz ao Painel que "o desenvolvimento do Brasil só é possível se o povo tiver acesso a emprego com garantia de renda digna e direitos assegurados, o que garante consumo". Lula escreveu nas redes sociais que é importante os brasileiros acompanharem o que acontece no país europeu.

NO BATENTE Lula também afirmou que o presidente da Espanha, Pedro Sánchez, está "trabalhando para recuperar direitos dos trabalhadores".

CHAMADA Ele compartilhou reportagem do site Brasil de Fato com o título "Espanha revoga reforma trabalhista que precarizou trabalho e não criou empregos".

MAPA Gleisi, por sua vez, falou em "notícias alvissareiras" ao abordar revogação de privatização de empresas de energia na Argentina e a nova reforma na Espanha. "Já temos um caminho", escreveu.

COMO É Na Espanha, a nova reforma revisa uma outra que foi feita em 2012 e que teria impulsionado a precarização das condições de trabalho no país. Entre outras medidas, ela extingue os contratos por obra, limita os contratos temporários e estabelece regras mais rigorosas nas terceirizações.

HISTÓRICO O ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia (sem partido-RJ), diz ao Painel que o PT parece que chega às eleições "trazendo os mesmos erros que geraram a recessão que o Brasil passou durante dois anos do governo Dilma [Rousseff]."

GESSO Segundo ele, um dos principais articuladores da reforma em 2017, revogá-la iria "engessar o mercado de trabalho". Maia afirma que "o Brasil não vai voltar a crescer criando restrições. O Brasil vai crescer se criarmos condições para melhorar a produtividade do trabalho".

VITRINE O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), decidiu priorizar a tramitação da reforma tributária em 2022. A ideia é tentar aprovar as mudanças no sistema de impostos para ganhar visibilidade e se viabilizar na disputa à Presidência.

FRICÇÃO A estratégia também deve gerar atrito com o ministro da Economia, Paulo Guedes, que defende a aprovação de uma reforma fatiada, diferente da que tramita no Senado.

TAPA As empresas de ônibus com contratos de transporte público nas principais cidades cobram ajuda financeira federal e municipal para cobrir o rombo causado pela pandemia e o preço dos combustíveis e evitar reajuste nas tarifas.

DADOS Levantamento da NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos) mostra que 35 cidades aumentaram os valores da tarifa desde dezembro.

PIOR Otávio Cunha Filho, presidente da NTU, alerta que a tendência é piorar muito a qualidade do serviço ofertado com o início das negociações salariais dos funcionários do setor, que já estão em andamento e devem se encerrar até maio.

AGUARDO No âmbito federal, as empresas defendem a aprovação do marco legal para o setor e apostam no projeto em debate no Congresso sobre custeio do transporte para idosos.

TROCA Autora da PEC que barra militares da ativa em cargos da administração pública, apelidada de PEC do Pazuello, a deputada Perpétua Almeida (PC do B-AC) diz esperar que a mudança no comando da Comissão de Constituição e Justiça, com a saída da bolsonarista Bia Kicis (PSL-DF), possa dar novo fôlego ao projeto.

TRAVADO Bia colocou uma aliada, Chris Tonietto (PSL-RJ), como relatora, e a PEC parou. O texto foi apresentado há seis meses. "Com a Bia é difícil trabalhar", diz Perpétua.

CRISE O bolsonarista Carlos Jordy (PSL-RJ) diz à coluna que Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) precisa de "muita paz e luz" e que ele acredita que ideias que não batem com a realidade estão sendo "plantadas na cabeça" do filho de Jair Bolsonaro (PL).

ACORDA Os dois têm se desentendido nas redes sociais desde que Jordy publicou vídeo em que cobra empenho do presidente para que os bolsonaristas consigam eleger mais deputados e senadores.

TIROTEIO

> Essa audiência é circo, distração enquanto enrolam para não vacinar as crianças

De Atila Iamarino, doutor em ciências pela USP, sobre a audiência pública do Ministério da Saúde para debater a vacinação de crianças

com Fabio Serapião e Matheus Teixeira

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Propaganda eleitoral é exibida em TV de restaurante em 2010 Antonio Scorza - 8.out.10/AFP

Bolsonaro sanciona volta da propaganda partidária à TV e veta compensação

Presidente barra artigo que previa renúncia fiscal pela cessão do horário na programação; associações defendem derrubada do veto

Marianna Holanda e Ranier Bragon

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou na segunda-feira (3) a lei que prevê a volta da propaganda partidária no rádio e na televisão, mas vetou a compensação fiscal às emissoras pela cessão do horário na programação.

O projeto havia sido aprovado pelo Congresso em dezembro, retomando medida extinta em 2017. Na volta do recesso parlamentar, em fevereiro, os deputados e senadores podem analisar o veto de Bolsonaro e derrubá-lo, caso haja apoio de mais da metade dos parlamentares.

O Diário Oficial da União desta terça (4) trouxe a sanção e os argumentos do Ministério da Economia para o veto da compensação às emissoras.

"A proposição legislativa ofende a constitucionalidade e o interesse público uma vez que instituiria benefício fiscal, com consequente renúncia de receita", diz a pasta. Segundo o Palácio do Planalto, o trecho fere as leis de Responsabilidade Fiscal e de Diretrizes Orçamentárias de 2021.

Em nota conjunta, a Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) e a Abratel (Associação Brasileira de Rádio e Televisão) defenderam que o Congresso derrube o veto.

"A compensação fiscal é a contrapartida do Estado, assegurada desde a década de 1980, pela cessão do tempo destinado à transmissão da propaganda partidária. Apesar de não representar ressarcimento financeiro, ela atenua o impacto negativo com a queda de audiência, perdas de receitas publicitárias e custos operacionais impostos às emissoras", diz o texto.

Segundo as associações, a decisão do governo representa "confisco indevido e inconstitucional do tempo de programação e de recursos tecnológicos das emissoras", que ficariam sob ameaça de desequilíbrio financeiro.

Para 2017, último ano da veiculação da propaganda partidária, o projeto de Lei Orçamentário estimou em R$ 319 milhões (R$ 406 milhões em valores atualizados) a renúncia fiscal em favor das emissoras.

Naquele ano, o Congresso extinguiu esse tipo de veiculação, distinta do horário eleitoral —transmitido a cada dois anos, no período das eleições.

O argumento usado foi a necessidade de reunir recursos (a compensação às emissoras de TV e rádio) para a criação do Fundão Eleitoral. O objetivo era minimizar o desgaste público pela implantação de mais uma fonte de financiamento das campanhas.

O Fundão Eleitoral começou a vigorar em 2018 com o caixa de R$ 1,7 bilhão. Dois anos depois, aumentou para R$ 2 bilhões e, agora em 2022, saltou para R$ 5,1 bilhões.

De acordo com a nova lei, a propaganda partidária será transmitida entre 19h30 e 22h30, em rádio e TV, tanto em âmbito nacional quanto estadual. As transmissões serão feitas em bloco, por meio de inserções de 30 segundos e ocorrerão no intervalo da programação normal.

A formação das cadeias será autorizada respectivamente pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e pelos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), que ficarão responsáveis pela necessária requisição dos horários às emissoras.

O TSE ainda editará resolução para regulamentar os pontos da lei, incluindo o período de exibição, que deve ter início já no primeiro semestre deste ano —no segundo semestre não haverá propaganda partidária na TV e rádio em decorrência das eleições.

Do tempo total disponível, no mínimo 30% deverá ser destinados à promoção e à difusão da participação política das mulheres.

Para ter acesso ao tempo nas emissoras, os partidos deverão cumprir a cláusula de desempenho prevista na Constituição Federal —ou seja, a obtenção de um piso mínimo de votos nas eleições gerais. Assim, o espaço de cada agremiação irá variar de acordo com bancada na Câmara.

A sigla que tiver conseguido eleger até 9 deputados nas eleições anteriores poderá usar 5 minutos por semestre. Aqueles com 10 a 20 deputados poderão usar 10 minutos. E e as legendas com mais de 20 deputados terão tempo de 20 minutos.

O PL, partido de Bolsonaro, terá direito a essa fatia maior, de 20 minutos por semestre (excluídos os semestres de eleições). Em 2018 o partido elegeu 33 deputados. O PT de Luiz Inácio Lula da Silva, hoje o principal concorrente de Bolsonaro na corrida presidencial de outubro, também terá direito à maior fatia na propaganda. Em 2018 o partido elegeu a maior bancada, 54 deputados.

O presidente da República se alinha ao discurso da antipolítica, ou seja, contrário a mecanismos como a propaganda partidária, mas, na prática, atuou quase sempre em consonância com os interesses do que seu grupo classifica como "a velha política".

Hoje em dia, por exemplo, Bolsonaro integra e é sustentado politicamente pelo centrão (está filiado ao PL), grupo que tem o fisiologismo entre suas características.

A maioria dos partidos defendeu a volta da propaganda partidária, o que indica que poderá também haver uma movimentação, em fevereiro, para a derrubada do veto de Bolsonaro à compensação fiscal às rádios e TVs.

Caso isso não ocorra, a questão poderá ter a palavra final dada pela Justiça, que pode ser acionada por associações ou por partidos políticos.

A medida aprovada no Congresso e sancionada por Bolsonaro traz ainda novas proibições de conteúdo que não estavam previstas na lei revogada pelo Congresso em 2017.

Não serão permitidas a veiculação de imagens que incitem violência, prática de atos que resultem em qualquer tipo de preconceito racial, de gênero ou de local de origem; e utilização de matérias que sejam fake news comprovadas.

Também não será permitida a participação de pessoas não filiadas ao partido responsável pelo programa veiculado, nem haver propaganda de candidatos a cargos eletivos e a defesa de interesses estritamente pessoais ou de outros partidos políticos.

Bolsonaro está internado desde a madrugada de segunda (3) em São Paulo, por causa de uma obstrução intestinal. Segundo auxiliares, ele deve permanecer no exercício da Presidência durante o tempo em que ficar hospital —como em ocasiões anteriores.

DIVISÃO DO TEMPO DE TV ENTRE PARTIDOS

Partidos que elegeram até 9 deputados
5 minutos por semestre

Partidos que elegeram de 10 a 20 deputados
10 minutos por semestre

Partidos com mais de 20 deputados
20 minutos por semestre

COMO SERÃO AS TRANSMISSÕES

- Feitas em bloco, por meio de inserções de 30 segundos
- Ocorrerão no intervalo da programação normal das emissoras de rádio e TV, das 19h30 às 22h30

Sem teatro, o FBI já pegou 700

A Polícia Federal americana pescou os lambaris, falta o peixe gordo

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles 'A Ditadura Encurralada'

Nesta quinta-feira (6) completa-se um ano da insurreição trumpista que pretendia melar o resultado da eleição de Joe Biden.

Cinco dias depois da invasão do Capitólio, Steven M. D'Antuono, chefe do escritório de Washington do Federal Bureau of Investigation, avisou: "Nossos agentes vão bater na tua porta". Até agora bateram numas mil portas e prenderam ou indiciaram 724 pessoas de 45 estados americanos. Abriram 170 investigações e partiram da análise de cem mil peças de comunicação digital. Sem lava-jatismo, quase todo dia havia alguém sendo interrogado.

O sujeito dizia que esteve no Capitólio por dez minutos e o FBI mostrava, com vídeos, que ele esteve lá das 14h45 até por volta das 15h05, com um amigo que agarrou um policial e empurrou uma porta. Outro achou que passara despercebido e o FBI bateu à sua porta em outubro, mostrando-lhe que esteve no Capitólio por pelo menos 17 minutos. Outros, que posaram ao lado de estátuas ou quadros, foram logo achados. Um discreto desordeiro que passou despercebido passou a articular um ataque a uma prisão. Seu cúmplice era um agente disfarçado.

Os agentes procuraram agulhas no palheiro, mas nunca dispuseram de tantos meios para achá-las. Exibicionistas incriminaram-se nas redes sociais. Além disso, o FBI rastreou os celulares que estavam ligados no Capitólio e na sua vizinhança durante as horas dos distúrbios. A isso somaram-se as câmeras dos policiais e pistas oferecidas por centenas de pessoas.

Sempre sem lava-jatismo, em junho os condenados eram 100. Alguns tomaram penas leves, com liberdade condicional, outros, que vandalizaram o prédio ou agrediram policiais, tomaram até cinco anos de cadeia. Boa parte da turma que arrombou janelas foi alcançada. Um deles, apanhado em julho, estava com a mulher e dois filhos.

Entre os atletas que escalaram as paredes do prédio havia um fuzileiro naval da reserva. Também havia sido fuzileiro o primeiro a entrar à força na Rotunda do Capitólio, às 14h25. O rapaz de 19 anos que se filmou botando os pés sobre a mesa da presidente da Câmara, Nancy Pelosi, foi alcançado em abril. O palhaço que circulou com roupa de bicho e chifres na cabeça foi alcançado três dias depois e tomou até 41 meses de prisão. Queria notoriedade, tornou-se exemplo.

Havia de tudo naquela multidão: jovens, velhos, famílias, veteranos, pastores, policiais (alguns pastores policiais), professores e malucos fantasiados, todos movidos pela realidade paralela instigada pelo presidente Donald Trump.

Eram todos lambaris e no primeiro aniversário da insurreição peixe gordo se protege, tentando blindar a documentação da Casa Branca relacionada com o episódio. Sabe-se que o ex-prefeito de Nova York Rudolph Giuliani foi um dos instigadores, muitas vezes tendo tomado algumas a mais. Sabe-se também que Ivana, filha de Trump, tentou chamá-lo à razão, mas ele passou horas diante dos aparelhos de televisão. Seus advogados pediram à Corte Suprema que preserve o sigilo das movimentações na Presidência.

Deve-se esperar que a Corte se pronuncie, pois o caso é constitucionalmente intrigante. O ex-presidente quer manter o sigilo que Joe Biden, seu rival na campanha, dispensou. O FBI brilhou, mas nos limites de sua investigação só pegou lambaris.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Presidente melhora, e médico descarta realização de cirurgia

Bolsonaro tem boa aceitação de dieta líquida, e sonda nasogástrica é retirada

Carolina Linhares

SÃO PAULO O Hospital Vila Nova Star, onde Jair Bolsonaro (PL) está internado em São Paulo, descartou a necessidade de uma cirurgia e informou, nesta terça-feira (4), que a obstrução no intestino do presidente se desfez. Bolsonaro segue, contudo, sem previsão de alta.

Segundo boletim divulgado no começo da noite de terça, o presidente evoluiu com boa aceitação da dieta líquida durante o dia, e a sonda nasogástrica foi retirada. "O trato digestivo do paciente mostra sinais de recuperação."

Bolsonaro foi internado com obstrução intestinal na madrugada de segunda (3), interrompendo suas férias no litoral de Santa Catarina após ter sentido dores abdominais.

Nas redes sociais, a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, publicou uma foto de Bolsonaro caminhando nesta terça. O presidente e seus seguranças não usavam máscaras.

Pela manhã, o médico responsável pelo tratamento intestinal de Bolsonaro desde a facada sofrida em 2018, Antônio Luiz Macedo, descartou, por enquanto, a possibilidade de uma cirurgia, segundo a coluna Mônica Bergamo.

Bolsonaro respondeu ao tratamento conservador, o que afastou a possibilidade de intervenção neste momento.

Em entrevista à CNN, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho mais velho do presidente, afirmou que Bolsonaro pode ter alta em breve. "Ele, a qualquer momento, pode sim ter uma liberação por parte da equipe médica", disse.

Segundo Flávio, o presidente está bem-disposto. O senador chamou de "idiotice sem tamanho" a tese de que a facada não ocorreu e afirmou que Bolsonaro terá que conviver com as consequências do atentado para toda a vida.

"Ele tem que ter uma restrição alimentar permanente. É uma rotina de alimentação difícil de cumprir na vida pública. [...] É uma coisa que a gente vai conviver permanentemente. Ele não pode se dar ao luxo de fazer muitas coisas que ele gostaria de fazer com tanta frequência", disse, mencionando que o pai gosta de comer pastel, pizza e churrasco.

"Quando ele está no Palácio do Planalto, em dia de trabalho, ele consegue comer bem e ter os horários certos. Agora quando não está, como aconteceu agora, ele está suscetível a que isso aconteça", disse.

Bolsonaro (PL) caminha no hospital acompanhado por seguranças

Michelle Bolsonaro no Twitter

"Ele [Bolsonaro] tem que ter uma restrição alimentar permanente. [...] Ele não pode se dar ao luxo de fazer muitas coisas que ele gostaria de fazer com tanta frequência"

Flávio Bolsonaro (PL-RJ) senador e filho mais velho do presidente da República

A avaliação sobre a necessidade de cirurgia dependia da chegada de Macedo ao hospital. O médico estava de férias nas Bahamas e voltou para São Paulo na madrugada desta terça. Segundo o cirurgião, um avião providenciado pelo hospital fez seu transporte — o Vila Nova Star não respondeu se repassará os custos à Presidência da República.

A **Folha** fez um orçamento de voo fretado das Bahamas a São Paulo com duas empresas e obteve custos de R$ 340 mil e R$ 680 mil.

A internação ocorre em meio ao desgaste do presidente após uma série de críticas por não ter interrompido as férias diante das enchentes na Bahia. Bolsonaro seguiu com passeios de turismo em Santa Catarina e não visitou as áreas atingidas.

A internação de Bolsonaro foi alvo de ataques da esquerda nesta terça — os filhos do presidente rebateram o que viram como discurso de ódio.

"Uma dor de barriga conveniente e o desprezo de Bolsonaro pelo Nordeste some do noticiário", afirmou o ex-prefeito Fernando Haddad (PT).

"A mesma velocidade que Bolsonaro tem para trazer seu médico particular para o Brasil, ele poderia ter para vacinar nossas crianças", tuitou o deputado federal Alexandre Padilha (PT-SP).

A versão fantasiosa de que a facada não existiu também ecoou na esquerda.

"É muito estranho que com todos os recursos da medicina, com uma equipe médica de excelência à disposição, seja necessário deslocar um avião para o Caribe para trazer o médico para examinar o 'paciente'. Coincidência ou não, o mesmo médico da 'facada'!!", escreveu o deputado Paulo Pimenta (PT-RS).

Os filhos de Bolsonaro passaram a responder especificamente o ator José de Abreu, filiado ao PT, que publicou sentir prazer ao saber que o presidente passa mal. "Mata seu povo por omissão e leva castigo de volta: que se exploda em merda!", escreveu.

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (SP) postou de forma irônica: "Crime de ódio, fake news, linchamento virtual e etc são expressões criadas/usadas pela esquerda na guerra de narrativas para imputar somente a seus adversários estes rótulos negativos".

Na segunda, o presidente publicou foto na cama do hospital, e seus familiares e aliados passaram a resgatar a memória da facada, tema que mobiliza sua base eleitoral.

"É a segunda internação com os mesmos sintomas, como consequência da facada (6.set.18) e quatro grandes cirurgias", afirmou nas redes sociais, lembrando sua última internação e o histórico de tratamentos após o atentado.

Em 14 de julho de 2021, em meio ao desgaste do governo diante de acusações de propina na compra de vacinas reveladas pela CPI, Bolsonaro foi internado em São Paulo com obstrução no intestino — quadro também ligado ao atentado durante a campanha presidencial de 2018. O presidente teve alta em 18 de julho e não passou por cirurgia.

Na época, como mostrou a **Folha**, a questão médica foi explorada por Bolsonaro e seus filhos nas redes ao resgatarem o atentado e acabou aumentando a popularidade digital do presidente, que estava em baixa em meio à crise na CPI e a protestos da oposição.

Desta vez, apoiadores, familiares e ministros de Bolsonaro também passaram a lembrar a tentativa de homicídio e pediram uma corrente de oração para o mandatário.

"Agradeço as orações e as mensagens de carinho recebidas pela internação do Jair decorrente do atentado que sofreu em 2018. Sequela que levaremos para o resto de nossas vidas", publicou Michelle.

Diversos ministros e aliados de Bolsonaro também publicaram mensagens nas redes sociais após a internação hospitalar. Alguns destacaram que ela é consequência do atentado a faca promovido por Adélio Bispo de Oliveira contra Bolsonaro na campanha presidencial.

"Graças a Deus meu pai passa bem! Cada vez que ele passa por isso é impossível não se indignar com a mentira de que Bolsonaro tem discurso de ódio, quando na verdade ele é a vítima do ódio de um ex-militante do PSOL e de malamados hipócritas desejando sua morte", escreveu Flávio.

Adélio foi filiado ao PSOL de 2007 a 2014, mas nunca militou. Ele foi considerado doente mental pela Justiça e, por isso, inimputável.

A Polícia Federal concluiu, em duas investigações, que Adélio agiu sozinho, sem nenhuma evidência real de que tenha sido auxiliado por outras pessoas ou obedecido a um mandante. Em novembro, a PF reabriu a investigação, agora com foco em Zanone Manuel de Oliveira Júnior, um dos advogados de Adélio.

Outro filho do mandatário, o vereador pelo Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro (Republicanos) também destacou o atentado. "Basta simples olhada nas redes sociais em que o presidente expõe novas consequências da tentativa de assassinato que sofreu!"

Nos últimos dias, as cenas dos momentos de folga do presidente no litoral catarinense, enquanto a Bahia enfrentava uma crise gerada pelas fortes chuvas, provocaram constrangimento em aliados e membros do governo federal.

Parlamentares da oposição cobraram do mandatário que suspendesse os dias de praia para liderar a ajuda diante da tragédia na Bahia.

Nome de chefe de gabinete ganha força para vaga de Flávia Arruda

Marianna Holanda, Ricardo Della Coletta e Julia Chaib

BRASÍLIA A crescente pressão contra a ministra Flávia Arruda (Secretaria de Governo), devido a uma insatisfação de parlamentares com a execução de emendas, impulsionou o nome de Célio Faria Júnior, chefe de gabinete de Jair Bolsonaro (PL), como candidato para assumir o posto.

Faria é da confiança do mandatário e tem bom trânsito com parlamentares, tanto por ter o controle da agenda de Bolsonaro como por ter já atuado na assessoria de relações institucionais da Marinha.

Deputada do PL, a ministra é acusada por congressistas de descumprir acordos e não garantir o pagamento de emendas prometidas para 2021. Interlocutores de Flávia a defendem e dizem que os recursos não foram liberados pelo Ministério da Economia.

Aliados da ministra também argumentam que as insatisfações são esperadas num contexto em que não há espaço no Orçamento para atender todas as demandas. Ela recebeu a solidariedade de colegas da Esplanada por WhatsApp.

Flávia ainda virou alvo de deputados e senadores — segundo seus críticos — por não ter atendido a ligações no final do ano, quando parlamentares tentavam destravar a liberação de emendas. Segundo as reclamações, ela "sumiu" nas festas de fim de ano.

O descontentamento é amplo no Congresso e até mesmo parlamentares do PL reclamam nos bastidores do trabalho da ministra.

Deputados da legenda lembram que Flávia foi escolha pessoal de Bolsonaro e que o ministério não está na cota de indicações do PL.

Responsável pela articulação política, a Secretaria de Governo é um ministério com assento no Palácio do Planalto — o que garante acesso facilitado ao presidente da República.

Ministros consultados pela **Folha** admitem que a pressão contra Flávia está forte e veem com bons olhos eventual ida de Célio para o ministério.

Qualquer decisão sobre o tema, no entanto, depende de Bolsonaro. A situação só deve ser tratada pelo presidente após ele receber alta.

Cláudio P. de Souza Neto

Poder Judiciário e partidos políticos barraram ímpeto autoritário de Bolsonaro

Autor de livro sobre crise democrática, constitucionalista diz que pragmatismo para preservar governabilidade prevaleceu

ENTREVISTA

Ranier Bragon

BRASÍLIA Professor associado de direito constitucional da Universidade Federal Fluminense, o advogado Cláudio Pereira de Souza Neto afirma considerar que o Supremo Tribunal Federal e o Congresso foram os responsáveis por impedir Jair Bolsonaro (PL) de seguir em uma escalada autoritária e ampliar a corrosão das instituições no país.

Souza Neto é autor do livro "Democracia em Crise no Brasil" (Editora Contracorrente e Eduerj), ganhador do prêmio Abeu (Associação Brasileira das Editoras Universitárias) 2021 na categoria Ciências Sociais Aplicadas.

Na obra, ele lista pontos que, em sua avaliação, contribuíram para a corrosão da democracia brasileira, entre eles o "populismo penal" da Operação Lava Jato.

O professor concluiu sua obra no primeiro semestre de 2020. De lá para cá, afirma, Bolsonaro acabou optando por uma atitude "mais pragmática e se afastou da insanidade da ruptura institucional", forçado pela pressão de seus aliados no Congresso e pela falta de apoio para aventuras autoritárias.

Souza Neto já advogou para vários partidos e políticos, sendo o autor, ao lado de Daniel Sarmento, da representação que resultou na proibição do financiamento empresarial a partidos e candidatos, decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em 2015.

Ele também assinou a peça do PC do B pela qual o Supremo fixou as regras do impeachment de presidentes da República, em 2016, estabelecendo, entre outros pontos, que o Senado tem o poder de decidir pelo afastamento do mandatário.

*

A crise democrática no país avançou ou regrediu, em sua visão, desde a conclusão do livro [primeiro semestre de 2020]? A situação política se agravou. A reação do governo Bolsonaro à pandemia produziu resultados dramáticos. A forma do governo Bolsonaro conduzir a relação com o Parlamento, com o Judiciário, com a imprensa e com a sociedade em geral revela um processo de agravamento da crise política. Mas entendo também que, sobretudo a partir de meados de 2021, as instituições têm conseguido controlar o governo e evitar que ele aprofunde o processo de erosão democrática.

Aquela ameaça autoritária, de autogolpe, ficou para trás, em sua visão? Hoje já há consciência de que Bolsonaro não terá condições de levar adiante um autogolpe. Houve as manifestações de 7 de setembro, em que ele não obteve apoio militar e político suficiente para realizar uma ruptura institucional. Ao mesmo tempo, seus aliados têm cobrado uma atitude mais pragmática por parte do governo.

Penso que Bolsonaro, para manter a governabilidade, acabou optando por adotar essa atitude mais pragmática e se afastou da insanidade da ruptura institucional.

O sr. aponta no livro que um dos indicativos de que países chegaram a um ponto de não retorno à normalidade democrática é a reeleição de líderes autoritários. Se Bolsonaro se reeleger, quais seriam os efeitos para a democracia do país? Essa é uma avaliação unânime dos analistas em diversos países. O momento caracterizado como ponto de não retorno é a primeira reeleição do líder autoritário. Nos EUA, chegava-se a entender que a eventual reeleição de Donald Trump teria uma dimensão de inaugurar um novo momento constitucional na história norte-americana.

Entendo que a reeleição de Bolsonaro teria um significado dramático para o Brasil, porque significaria a reafirmação de um projeto autoritário. Mas a minha avaliação é que isso não ocorrerá, a população hoje rejeita amplamente diversos aspectos do governo Bolsonaro, em especial a sua reação desastrada à pandemia.

Neste contexto, quais países estariam em situação similar à nossa? O exemplo é o dos Estados Unidos. A reação do eleitorado americano à forma como Trump lidou com a pandemia, isso também se reflete no Brasil. A população rejeitou o irracionalismo do governo, o negacionismo do governo, a ausência de compromisso do governo federal com a preservação da vida dos brasileiros.

Quem foram, em sua avaliação, os principais atores que contribuíram para a crise democrática no Brasil e quem se opôs a isso? Na minha opinião, a crise começa em 2013 com aquela explosão social inexplicável, uma crise sem atores, sem direção. Acho que um momento importante foi o da Lava Jato [a partir de 2014], que foi conduzida em muitos momentos sem respeitar a legislação brasileira. O impeachment [de Dilma Rousseff, em 2016] sem a prática clara de um crime de responsabilidade acabou funcionando como uma Caixa de Pandora do autoritarismo.

Por outro lado, com a eleição de Bolsonaro, tenho a visão de que tanto os partidos políticos tradicionais como o Poder Judiciário vêm buscando exercer um papel de moderação do autoritarismo que caracteriza hoje o governo federal. Então, o Congresso, embora dê apoio a Bolsonaro, também tem uma função moderadora. A pauta de armar a população, por exemplo, foi rejeitada no Congresso.

E o STF vem exercendo um papel fundamental na contenção do arbítrio, na garantia de que a política sanitária de combate ao coronavírus se conduza racionalmente, e também na garantia de que as medidas mais autoritárias do governo Bolsonaro não venham a se efetivar.

Pedro Ladeira/Folhapress

Cláudio Pereira de Souza Neto, 49
É advogado e professor associado de direito constitucional da Universidade Federal Fluminense. Tem mestrado em direito constitucional e teoria do Estado pela PUC-RJ e doutorado em direito público pela Uerj. Autor, ao lado de Daniel Sarmento, da representação que levou a OAB a protocolar a ação que resultou na proibição, em 2015, pelo STF, do financiamento empresarial a partidos e candidatos

A eleição de 2018 trouxe para o Parlamento e os governos uma leva de pessoas com o discurso antissistema, que é uma das características dos movimentos que buscam corroer as bases democráticas. Três anos depois, qual foi o desempenho dessas pessoas e o que essa entrada formal delas na política teve como efeito? Não fica saldo nenhum. Essas pessoas negavam a política. E negar a política significa negar a política representativa, o papel dos partidos políticos, do Parlamento, do Judiciário, ou seja, das instituições. E a alternativa a isso é um governo em que o líder político se legitima por meio da aclamação direta das massas. Isso é o populismo. É assim que governos fascistas se legitimavam. Penso que esse movimento, esse impulso antipolítica que conduziu a eleição de Bolsonaro já se arrefeceu e hoje o povo brasileiro tem a consciência de que não há outro caminho para o progresso nacional se não por meio da democracia.

No livro, o sr. também critica especialmente os métodos da Lava Jato. Como classifica a candidatura do ex-juiz Sergio Moro, símbolo e defensor da operação? A minha crítica fundamental à Lava Jato é que o combate à corrupção é fundamental, mas ele sempre tem que se conduzir de acordo com a legalidade. No Estado democrático de Direito não tem caminho curto, só existe o caminho do direito, do devido processo legal. A Lava Jato poderia ter dado uma contribuição importantíssima ao país ao revelar práticas de corrupção deletérias, mas preferiu o caminho do populismo penal.

Já em 2018 Moro dá um passo além, saindo da magistratura e aderindo ao governo que ele ajudou a eleger. E ajudou na condição de magistrado, ao conduzir a operação de modo seletivo, atingindo preferencialmente certos setores da política nacional. Agora, Moro completa essa trajetória, se candidatando à Presidência. O que revela que há uma natureza política em todo esse percurso.

Moro publicou um trabalho sobre a operação Mãos Limpas, na Itália, enfatizando o papel que a Mãos Limpas teve na desestruturação do sistema político italiano. Moro é um juiz que atuou não no sentido de julgar a prática de delitos e aplicar a lei àqueles fatos que foram levados à sua apreciação. Ele atuou no sentido de interferir no sistema político. E essa não é a função que cabe aos magistrados. Magistrados julgam processo, apreciam provas. Não conduzem processos de ruptura social, de transformação social.

> Minha crítica fundamental à Lava Jato é que o combate à corrupção é fundamental, mas ele sempre tem que se conduzir de acordo com a legalidade. No estado democrático de Direito não tem caminho curto, só existe o caminho do Direito, do devido processo legal

Por essa análise, o que eventual vitória de Moro representaria para a democracia brasileira? Moro tem sido uma figura monotemática na política nacional. Tem falado de corrupção, mas não revelou suas opiniões sobre economia, política, cultura, sobre os mais variados temas. Se ele reproduzir, em eventual chegada à Presidência, o comportamento que caracterizou sua atuação na magistratura, tenho certeza absoluta: a democracia brasileira está em risco.

No livro o sr. diz que a Lava Jato escolheu, em detrimento do equilíbrio, o caminho do espetáculo, do abuso de poder e da seletividade. A reação a esses abusos, tanto no Judiciário como no Congresso, tem sido a adequada? O sr. não vê risco da adoção de um modelo diametralmente oposto, o da impunidade? Não vejo esse risco. É fundamental que a atuação dos órgãos policiais e do Ministério Público sempre ocorra de acordo com a legislação. Eles têm muito poder, podem interferir de maneira muito incisiva nas liberdades individuais e é absolutamente fundamental em um Estado de Direito que eles se conduzam de acordo com a legislação.

Toda a iniciativa que possa advir do STF no sentido de fazer com que os órgãos de persecução criminal observem a lei é uma iniciativa que tem que ser aplaudida. O Brasil tem um longo histórico de aprimoramento das instituições e do próprio direito para torná-lo mais eficaz no combate à corrupção. Tem várias iniciativas do legislador brasileiro no sentido de aprimorar os instrumentos de combate à corrupção.

Mas não está havendo uma onda contrária a isso, de flexibilizar essas leis? Claro, tem uma onda de moderação, mas não vejo que seja uma onda no sentido de comprometer. O que pode comprometer é o próprio governo autoritário. Veja que o governo Bolsonaro interveio no Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras), alterando sua estrutura, transferindo o Coaf para o Banco Central, tentou intervir na Receita Federal, interveio na Polícia Federal. Esse tipo de orientação do líder autoritário, que intervém em instituições dotadas de autonomia, pode, sim, pôr em risco o enfrentamento à corrupção no Brasil.

Em linhas gerais, que caminhos a sociedade, políticos e partidos devem trilhar, em sua visão, para evitar que o país prossiga em um caminho de corrosão democrática? O principal é que o compromisso primeiro das forças políticas responsáveis, das organizações da sociedade civil, deve ser com a democracia. Primeiro, as pessoas concordam em estabelecer e preservar o regime democrático. A partir disso é que se dão as divergências, as coisas de economia, a respeito dos mais variados assuntos. Mas um consenso em torno do Estado democrático de Direito é essencial.

E acho fundamental fortalecer também a consciência de que os países que avançaram no sentido do progresso econômico, social e político percorreram um caminho em que esse processo [de combate à corrupção] foi concomitante. Não é possível ter uma sociedade desigual, com baixa qualidade da educação e, ao mesmo tempo, esperar que essa sociedade seja capaz de debelar por completo a corrupção. A resolução do problema da corrupção se dá no âmbito de um processo de aprimoramento político, institucional e econômico.

MPF abre 12 investigações no DF a partir de relatório da CPI da Covid

Constança Rezende e Marcelo Rocha

BRASÍLIA O Ministério Público Federal no Distrito Federal abriu 12 investigações com base no relatório final da CPI da Covid no Senado. A medida foi tomada em dezembro e chegou ao conhecimento de senadores que fizeram parte do grupo nesta terça-feira (4).

As análises serão feitas de forma independente, divididas em grupos. Segundo a procuradora da República Marcia Brandão Zollinger, que assina o documento, o encaminhamento é baseado em uma análise ainda inicial do relatório da CPI.

O primeiro grupo analisará fatos relacionados a ações e supostas omissões do Ministério da Saúde na gestão do general Eduardo Pazuello, que podem ter contribuído para o agravamento da pandemia.

Segundo a procuradora, o relatório tem vasta descrição de elementos indiciários do cometimento do crime de epidemia com resultado morte no período.

Zollinger cita, especialmente, a insistência no tratamento precoce com medicamento comprovadamente ineficaz, a resistência às medidas não farmacológicas (distanciamento e uso de máscaras, por exemplo) e o atraso na aquisição de vacinas.

A segunda apuração será sobre a operadora de saúde Prevent Senior, onde serão observados crimes de perigo para a vida ou saúde de outrem, omissão de notificação de doença, falsidade ideológica.

A terceira investigação vai tratar das negociações para a compra da vacina indiana Covaxin com a Precisa Medicamentos. O caso também está sob análise da PGR (Procuradoria-geral da República) por envolver o líder do governo na Câmara, o deputado Ricardo Barros (PP-PR).

Outra frente de apuração é dedicada a averiguar irregularidades em contratos firmados entre a VTC Log e o Ministério da Saúde.

A comissão identificou indícios de dispensa ilegal de licitação e reajustes com vestígios de sobrepreço. A empresa realizou um grande volume de transações com recursos em espécie.

Também será investigado o suposto pedido de propina por Roberto Ferreira Dias, ex-diretor de Logística do Ministério da Saúde, para a compra de vacinas, caso revelado pela **Folha**.

Além disso, as ações do empresário Airton Antônio Soligo, conhecido como Airton Cascavel, que era apontado por gestores municipais e estaduais como "ministro de fato" da pasta na gestão de Pazuello serão objeto de apuração, além da distribuição de fake news e a responsabilidade de dano moral coletivo.

A Procuradoria investigará ainda o impacto sobre povos indígenas e quilombolas e sobre mulheres e a população negra.

Também serão analisados atos praticados pela Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS), e de planos de saúde e hospitais.

A procuradora destacou que também será avaliada a campanha "A vida não pode parar", realizada durante a gestão de Abraham Weintraub no Ministério da Educação, sobre a manutenção das datas do Enem 2020.

COMO CHEGAMOS AQUI?

Pela terceira eleição presidencial seguida, a Operação Lava Jato estará entre os principais temas dos debates na campanha de 2022. Diferentemente do que ocorreu nas campanhas anteriores, agora a discussão não focará descobertas recém-ocorridas ou desdobramentos em andamento, mas o saldo dos trabalhos. Há mais uma novidade crucial: seu maior símbolo, o ex-juiz Sergio Moro, deve concorrer ao Planalto pelo partido Podemos, com carimbo de juiz parcial e empunhando a bandeira do legado da operação, hoje esvaziada.

FOLHA EXPLICA

Saldo da Lava Jato inclui devolução bilionária e será tema de campanha

Após 174 condenações, operação deve ter seu maior símbolo na disputa pelo Palácio do Planalto

Felipe Bächtold e José Marques

O ex-procurador da Lava Jato Deltan Dalagnol em seu ato de filiação ao Podemos ao lado de Sergio Moro Theo Marques - 10.dez.21/UOL

SÃO PAULO Assunto dos mais polarizadores da história política do país, a Lava Jato começou a partir de investigação sobre uma rede de doleiros no Paraná e avançou sobre irregularidades em estatais envolvendo partidos políticos. Teve papel crucial em crises como a que levou ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Só no Paraná, foram apresentadas 130 denúncias (acusações formais) até o ano passado, com 174 condenações. As quantias bilionárias que retornaram aos cofres públicos em decorrência das investigações são um dos argumentos mais frequentes de seus apoiadores.

Desde 2018 até agora, a Lava Jato passou por intensos questionamentos, principalmente após a ida do ex-juiz Sergio Moro para o governo Jair Bolsonaro, e com o vazamento de conversas do aplicativo Telegram de procuradores, em 2019.

O PT, partido que lidera as pesquisas com Luiz Inácio Lula da Silva, vocaliza as principais críticas à operação e flerta com teorias como a influência do governo americano sobre os investigadores, tese já defendida pelo presidenciável.

Concorrente de Moro no campo da chamada terceira via, Ciro Gomes (PDT) critica o efeito econômico da operação e o desemprego provocado pela investigação nas empreiteiras. Bolsonaro, antes defensor da Lava Jato, tornou-se crítico e tem falado que havia um projeto político entre seus integrantes — o ex-procurador Deltan Dallagnol (Podemos) também entrou para a política.

*

Doleiros

A Lava Jato começou com investigação a uma rede de doleiros ligada a Alberto Youssef, que movimentou bilhões no Brasil e no exterior usando empresas de fachada, contas em paraísos fiscais e contratos de importação fictícios.

À época, um dos focos eram os negócios de José Janene, ex-deputado do PP do Paraná morto em 2010. Investigado pela PF no Paraná, o caso foi distribuído ao então juiz Sergio Moro, de vara especializada em crimes financeiros.

Youssef, que já era delator no caso Banestado e descumprira o acordo, firmou uma das primeiras delações premiadas da Lava Jato.

Suas empresas nunca prestaram serviços de fato e não tinham funcionários. As firmas de fachada receberam de construtoras como a OAS, Galvão Engenharia, Camargo Corrêa e UTC ao menos R$ 62 milhões (em valores da época).

Por elas, Yousseff fornecia dinheiro a interlocutores de políticos. Tinha contato com deputados, como o ex-deputado Luiz Argôlo, do SD-BA, também preso na Lava Jato.

Com a evolução das investigações, outros operadores foram atingidos, comoAdir Assad e Milton Lyra.

Petrobras

Alberto Youssef tinha envolvimento com o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa.

Com a descoberta de um carro comprado pelo doleiro para Costa, a estatal entrou no foco das investigações. Os dois foram presos em março de 2014. Com o avanço dos trabalhos da PF, outras diretorias e divisões da Petrobras foram investigadas.

Com a prisão de seus diretores, a estatal passou a trabalhar em colaboração ao Ministério Público Federal, como assistente de acusação na Lava Jato, sendo tratada como vítima dos crimes desvendados.

As suspeitas de irregularidades eram anteriores à Lava Jato. O TCU (Tribunal de Contas da União) recomendou em 2011 bloqueio de verbas à construção da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, uma das mais mencionadas na investigação.

Em 2015, a Petrobras divulgou balanço contabilizando perda de R$ 6 bilhões com o esquema de corrupção. Na semana passada, a companhia afirmou que o total recuperado em virtude de acordos, leniência e repatriações é até agora de R$ 6,17 bi.

Prisões e delações

Em agosto de 2014, após ser preso pela segunda vez, Costa aceitou colaborar com as investigações em troca de deixar a cadeia. Afirmou que ele e outros diretores da estatal cobravam propina e repassavam o dinheiro a políticos.

Youssef também virou delator logo depois. A primeira leva de delações provocou em 2015 a abertura de dezenas de investigações de políticos, autorizadas pelo STF (Supremo Tribunal Federal).

Com o cerco de polícia e MP, outros nomes foram estimulados a firmar acordos de colaboração para evitar a prisão.

As delações acabaram se tornando uma das principais bases para as operações. A mais famosa é a da Odebrecht, firmada enquanto o ex-presidente da empresa Marcelo Odebrecht estava preso.

Outra é a de Leo Pinheiro, que presidiu a OAS e foi pivô da prisão do ex-presidente Lula no caso do tríplex de Guarujá. Mensagens obtidas pelo site The Intercept Brasil e divulgadas pela **Folha** indicam que os procuradores viam o que ele dizia com descrédito.

Embora parte das delações tivesse provas robustas, outras não foram sequer aceitas pelo MPF, como a do ex-ministro Antonio Palocci, que fechou acordo com a PF.

Uma semana antes do primeiro turno de 2018, Moro incluiu a colaboração de Palocci nos autos do processo que apurava se a Odebrecht doou, como propina, terreno para a construção do Instituto Lula. Esse processo não era sigiloso.

Já em 2021, a Segunda Turma do STF invalidou a delação em ação penal que tramitava contra o ex-presidente — ação que, mais tarde, foi anulada.

Empreiteiras

As delações foram o grande impulso das investigações. Em novembro de 2014, a PF deflagrou operação contra executivos e chefes de Camargo Correa, OAS, Mendes Junior, Engevix, Galvão Engenharia, Queiroz Galvão, UTC e Iesa.

A tese, repetida em documentos judiciais até hoje, é a de que as construtoras se uniram em cartel para fraudar concorrências na Petrobras com o pagamento de propina.

Parte iria para os executivos da estatal e parte para partidos aos quais eram ligados — PT, PP e PMDB. Uma das formas de pagamento eram doações empresariais de campanha, que eram legais até 2015.

Documento apreendido com um executivo da Odebrecht subsidiou a tese do cartel. Havia nele o regulamento de um grupo chamado de "Tatu Tênis Clube" que falava em "trabalhar unidos para que os próximos campeonatos, nos âmbitos nacional, estadual e municipal, sejam organizados e dirigidos pelo TTC e que todas as rendas sejam revertidas para o TTC".

Políticos

A partir de 2015, tornaram-se frequentes fases da investigação visando políticos suspeitos de se beneficiarem do esquema. Um dos primeiros foi o senador e ex-presidente Fernando Collor (hoje no Pros), que ainda é réu no STF.

Acusados de serem intermediários dos partidos com o esquema, como o tesoureiro petista João Vaccari, também foram detidos, como os ex-deputado Pedro Corrêa (PP) e José Dirceu (PT).

À época poderoso na Câmara, Eduardo Cunha (MDB) se tornou réu após a descoberta de que tinha conta milionária na Suíça. Ele passou três anos preso. Em 2016, auge da operação, foi detido o ex-governador do Rio Sérgio Cabral (MDB), único nome de expressão nacional que está na cadeia até hoje.

Pelo menos dois políticos já foram condenados no STF, por se beneficiarem de dinheiro desviado da Petrobras. Nos julgamentos, foi trazida novamente a tese do cartel.

Um dos condenados, morreu na prisão, de Covid-19, em 2020: Nelson Meurer (PP-PR). Sua condenação em 2018 teve votos até de hoje críticos da operação, como Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski.

Ex-presidente do MDB, Valdir Raupp foi condenado em 2020 por corrupção e lavagem de dinheiro por doações oficiais a diretório do partido feitas pela Queiroz Galvão.

O ministro Celso de Mello, que se aposentou em 2020, disse no julgamento que os fatos investigados representavam "tentativa de captura do Estado e de suas instituições por uma organização criminosa".

Houve ainda sentenças de primeira instância que já foram julgadas e mantidas nos tribunais superiores.

A maior das construtoras

Sitiada pelas apurações de 2015 e 2016, que inclusive prenderam seu dirigente máximo, Marcelo Odebrecht, a maior empreiteira brasileira decidiu negociar um acordo para colaborar com as autoridades.

No fim de 2016, fechou compromisso, envolvendo 78 executivos, reconhecendo pagamento de US$ 788 milhões em propina em 12 países da América Latina e da África, incluindo o Brasil.

Em 2017, o teor dos depoimentos veio à luz, com relatos que implicavam mais de uma centena de políticos. Seus desdobramentos estão nos tribunais até hoje.

Antes, documentos enviados por autoridades da Suíça mostraram que contas abastecidas pela Odebrecht faziam repasses para ex-diretores da Petrobras, como Costa.

Investigadores também obtiveram dados, como trocas de mensagens, que indicam entregas de dinheiro vivo registradas em um sistema de contabilidade da construtora.

Desdobramentos

Empreiteiros e políticos que colaboraram com as investigações sobre a corrupção na Petrobras apontaram desvios semelhantes em outros setores: elétrico, como as usinas de Angra 3 e Belo Monte, estádios da Copa do Mundo de 2014, e transportes, como a ferrovia Norte-Sul.

Em São Paulo, foram investigadas obras de governos tucanos, como o Rodoanel.

A investigação sobre Sérgio Cabral gerou todo um braço próprio de investigação, chamado de Lava Jato fluminense, de responsabilidade do juiz Marcelo Bretas.

Foi a partir dela que se chegou a movimentações atípicas de funcionários da Assembleia do Rio, motivando investigações sobre o filho mais velho de Bolsonaro, o hoje senador Flávio Bolsonaro.

Fora do Brasil, o caso Odebrecht levou a prisões no Peru e no México.

Devoluções de dinheiro

Um dos trunfos da Lava Jato, sempre repetido por seus apoiadores, é o volume de recursos devolvidos por delatores e empresas.

Costa, primeiro delator da operação, abriu mão de US$ 26 milhões no exterior que reconheceu serem de origem criminosa. Um dos casos mais simbólicos foi o do ex-gerente da Petrobras Pedro Barusco, delator que tinha US$ 97 milhões fora do Brasil.

O acordo com a Odebrecht (que mudou o nome para Novonor) previa em 2016 o pagamento de R$ 6,9 bilhões. Em 2021, a Samsung Heavy Industries se comprometeu em leniência a pagar R$ 812 milhões.

O MPF fala em um total de R$ 15 bilhões recuperados.

Mas essas verbas geraram controvérsia em 2019, quando a força-tarefa paranaense quis montar uma fundação privada para administrar recursos bilionários pagos em compromisso firmado pela Petrobras nos Estados Unidos. A ideia foi barrada no STF.

A queda

A velocidade das investigações e a falta de regulamentação de ferramentas como as delações premiadas, provocaram uma série de questionamentos ao trâmite de processos em Curitiba.

Um dos alvos das defesas foi o uso de depoimentos de colaboração como base de ordens de prisão e de condenações. Outra foi a discussão sobre a competência da Vara Federal de Curitiba para julgar fatos fora do Paraná.

Nos últimos anos, dezenas de casos foram retirados do estado — incluindo ações contra Lula — por não estarem na jurisdição considerada correta.

Houve ainda, em 2019, o caso da Vaza Jato, vazamento de diálogos dos procuradores mostrando colaboração entre o MP e o então juiz Moro.

A credibilidade da operação já estava abalada com a decisão de Moro, em 2018, de deixar a magistratura para virar ministro no governo Bolsonaro.

Mudanças legislativas e de entendimento na Justiça tornaram menos interessantes para acusados a alternativa de negociar colaboração com as autoridades.

O fim

O ano de 2021 teve um marco simbólico na Lava Jato em fevereiro, com a extinção das forças-tarefas do Ministério Público, medida de iniciativa do procurador-geral Augusto Aras. As investigações de rescaldos da operação ainda continuam, mas com estrutura bem menor.

Os reveses da operação incluíram a anulação de antigas sentenças por causa do entendimento fixado pelo STF de que crimes relacionados a caixa dois deveriam tramitar na Justiça Eleitoral, e não na Justiça Federal.

O desgaste da outrora poderosa marca Lava Jato chegou a tal ponto que Polícia Federal e Procuradoria no Paraná decidiram não utilizar mais o nome da operação em uma fase deflagrada em outubro. Teria sido a 82ª etapa desde 2014.

mundo

Invasão do Capitólio foi 'ensaio geral' de projeto da ultradireita sem voto

Autora afirma que ataque à democracia foi ápice de ação de grupo conservador surgido nos anos 1980

Lúcia Guimarães

NOVA YORK Um golpe fracassado é um ensaio para o próximo golpe. Esse truísmo político circula nos Estados Unidos desde 6 de janeiro do ano passado, quando a invasão ao Capitólio não consumou um golpe de Estado —o objetivo, porém, se tornou cada vez mais claro com os fatos descobertos nos últimos meses.

Se aquele ataque foi um ensaio, os movimentos políticos de 2021 sugerem que a próxima tentativa vai dispensar figuras como os bufões de lanças vistos na invasão ao Congresso. A violência não está descartada, mas terá sido precedida de metódica subversão da democracia eleitoral.

Depois do 6 de janeiro, o Partido Republicano perdeu pouco tempo examinando o papel de seus membros mais radicais nos distúrbios e passou a se empenhar numa campanha de novas leis, mudanças de regras administrativas e medidas de supressão ao direito ao voto. Estado por estado, a ideia é garantir que o fracasso de Donald Trump em reverter sua derrota em estados-chave em 2020 não se repita.

As chamadas midterms (eleições de meio de mandato) deste ano, nas quais se espera que os republicanos recuperem o controle da Câmara e até consigam maioria apertada no Senado, podem ter peso decisivo no próximo pleito presidencial, em 2024.

Quando a invasão ao Capitólio estava em curso e o mundo testemunhou perplexo a violência que visava impedir a confirmação no Congresso da vitória de Joe Biden —o último procedimento constitucional necessário para a posse—, em Nova York uma espectadora assistiu às cenas com filtros diferentes.

"Eu via os canais a cabo na minha TV e o streaming de mídia de ultradireita no telefone", relata à **Folha** Anne Nelson, historiadora e cientista política da Universidade de Columbia. Seu livro mais recente, "Shadow Network - Media, Money, and the Secret Hub of the Radical Right" (rede fantasma: mídia, dinheiro e o eixo secreto da direita radical), publicado nos EUA no final de outubro de 2019, ganhou um novo capítulo meses após ao ataque ao Capitólio.

A "rede fantasma" do título é o pouco conhecido Council for National Policy (Conselho para Política Nacional), fundado em 1981. Nelson considera o 6 de janeiro a culminação de 40 anos de uma estratégia do CNP para garantir que uma minoria conservadora religiosa controle mecanismos eleitorais para capturar o poder.

> "A democracia americana depende de normas de bom comportamento, e os conservadores trumpistas não acatam mais essas normas
>
> **Anne Nelson**
> historiadora e cientista política da Universidade Columbia

Deixando de lado a figura pitoresca do "xamã do QAnon" e do trumpista que jogou um extintor em policiais —ambos condenados—, a incursão no Congresso teria sido menos um arroubo orgânico de violência do que o estágio mais avançado de um plano que começou antes da eleição.

O CNP não é um movimento, explica a autora em "Shadow Network", mas uma rede de influência operando em segredo desde que foi criada, após fazer uma aliança com o então candidato republicano Ronald Reagan. O mesmo acordo foi costurado com Trump em 2016: o empresário teria o dinheiro e a infraestrutura de campanha do CNP e, em troca, abriria as portas da Casa Branca para evangélicos, inclusive nomeando juízes federais previamente aprovados pela liderança religiosa.

O Conselho surgiu do encontro de dois grupos de descontentes com os rumos da política e as transformações demográficas que, na década de 1970, começaram a tornar os EUA um país mais diverso e progressivamente mais liberal em costumes. O período após o fim da segregação racial nas escolas americanas, a partir da metade dos anos 1960, provocou uma reação entre sulistas que evocava os ressentimentos dos escravagistas derrotados na Guerra Civil um século antes.

Evangélicos conservadores começaram, então, a enriquecer abrindo escolas particulares apelidadas de "academias de segregação". Mas o governo federal bloqueou benefícios fiscais para instituições que violassem a nova legislação de direitos civis, frustrando os pastores milionários.

Ao mesmo tempo, a indústria de combustíveis fósseis via seus lucros ameaçados sob a recém-criada EPA (Agência de Proteção do Meio Ambiente), na medida em que aumentavam iniciativas de controle.

Empresários ligados à religião e aos combustíveis se uniram para combater o poder do governo federal, atraindo aliados e arregimentando estrategistas políticos e profissionais de marketing. O maior poder do CNP, explica Anne Nelson, está em cercar todo um ecossistema com mídia conservadora e mobilizar uma rede de grandes doadores para as organizações que promovem sua agenda.

Ela conta que a lista secreta dos membros só foi descoberta na década passada, e nela figuravam nomes como os dos ex-conselheiros de Trump Steve Bannon e Kellyanne Conway. Desde a fundação, sabendo que sua agenda política seria derrotada nas urnas, o grupo elaborou um plano de ação a longo prazo.

A cientista política lembra que muitos americanos acham que sua democracia se apoia no voto popular, mas que o sistema é uma "colcha de retalhos obsoleta".

"A eleição de 2020 era estratégica para eles", diz a autora. Entre os planos que o Conselho considerou para manter Trump no poder, o mais radical foi executado logo após o pleito: um membro fundou o grupo Stop the Steal (parem com o roubo) para reforçar a falsa tese de que democratas estavam roubando votos.

"A democracia americana depende de normas de bom comportamento, e os conservadores trumpistas não acatam mais essas normas."

+

Até direita no Brasil é aliada da China, diz Ernesto a Bannon

Em conversa com o estrategista americano Steve Bannon, o ex-chanceler Ernesto Araújo afirmou nesta terça (4) que todo o sistema político brasileiro —incluindo os partidos de direita— está sob a influência da China e do que ele chamou de "narcossocialismo". Bannon, que foi conselheiro do ex-presidente dos EUA Donald Trump, havia perguntado em seu podcast "War Room" se Lula estava ligado ao Partido Comunista Chinês —Ernesto disse que provavelmente sim. Depois, o ex-ministro afirmou que também o centrão —o "big center", na fala dele em inglês— é afetado pelo país asiático. "Mesmo alguns partidos considerados de direita estão totalmente sob a influência de Pequim", disse Ernesto, citando nominalmente o Progressistas (PP), aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL) e chefiado por Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil. O diplomata afirmou que essa penetração chinesa no Brasil afeta os líderes políticos no Congresso, o Supremo Tribunal Federal, a elite econômica e —"é claro"— a imprensa.

Trump cancela evento sobre 1 ano do ataque ao Congresso

WASHINGTON | REUTERS O ex-presidente dos EUA Donald Trump anunciou o cancelamento de uma entrevista coletiva que daria sobre a efeméride da invasão do Congresso americano, que completa um ano nesta quinta-feira (6).

O republicano falaria à imprensa em sua propriedade em Mar-a-Lago, na Flórida, mas disse em comunicado que abordará "muitos dos mesmos temas" em um comício a ser realizado no estado do Arizona no próximo dia 15.

Por sua vez, o presidente Joe Biden, cuja certificação de vitória eleitoral foi objeto da fúria dos invasores do Congresso insuflados por Trump no ano passado, deu detalhes do discurso que fará na quinta.

De acordo com sua porta-voz, Jen Psaki, ele deve "honrar a coragem" dos agentes de segurança que fizeram cumprir a lei na ocasião e destacar "o trabalho ainda incompleto que a nação precisa fazer para fortalecer a democracia". "O presidente vai falar a verdade sobre o que aconteceu".

Segundo Psaki, além de Biden, sua vice, Kamala Harris, também deve discursar no evento.

NEVASCA DEIXA MILHARES DE MOTORISTAS PRESOS EM RODOVIA NA VIRGÍNIA
Veículos chegaram a ficar parados por quase 24 horas em fila de 80 quilômetros após tempestade de neve bloquear estrada; mau tempo também fechou escolas pelo país *Virginia Dot/Reuters*

Promotoria não processará ex-governador de NY por assédio

BELO HORIZONTE A promotoria de Albany alegou falta de provas para não processar o ex-governador de Nova York Andrew Cuomo por assédio sexual. O caso se refere a uma denúncia protocolada em outubro no tribunal da região, segundo a qual o democrata teria passado "a mão sob a blusa e nas partes íntimas" da ex-assistente-executiva Brittany Commisso, além de apalpar os seios dela.

"Embora muitos tenham uma opinião sobre as alegações contra o ex-governador, a Procuradoria de Albany é a única a ter o ônus de provar os elementos de um crime além de qualquer dúvida razoável", afirmou David Soares, promotor distrital do condado, em um comunicado divulgado nesta terça-feira (4).

Na nota, ele diz que a denunciante era confiável e cooperou com a investigação, mas que ele considerou, após a revisão das evidências disponíveis, não ter provas suficientes para vencer um julgamento.

O político democrata afirma nunca ter tocado em alguém de forma inadequada e que seus esforços para ser um chefe amigável podem ter sido confundidos com flertes.

Já Commisso, ao criticar o arquivamento do caso, disse que medidas como essa podem "estar impedindo outras mulheres [de denunciar assédios]". Seu advogado estuda abrir um processo civil contra o ex-governador, diante da recusa da promotoria.

O toque forçado é uma contravenção que pode acarretar pena de até um ano de prisão. Não se trata de uma acusação usual e pode ser aplicada em casos nos quais promotores não conseguem provar que o contato foi realizado com finalidades sexuais. Assim, os advogados de acusação teriam de mostrar diversos elementos do crime, incluindo que o toque de Cuomo foi intencional e com força.

A decisão desta terça é a terceira nas últimas semanas em que um promotor distrital decide encerrar as investigações contra o ex-governador. Albany se junta agora aos condados de Westchester e Nassau.

O assédio, segundo a denunciante, ocorreu em dezembro de 2020, quando os dois estavam sozinhos na mansão que serve de sede oficial do governo. "O que ele fez comigo foi um crime", afirmou Commisso à CBS, emissora de televisão americana, em agosto.

Dois meses após a entrevista, o xerife de Albany, Craig Apple, entrou com uma ação criminal no tribunal da região, acusando o ex-governador de toque forçado. A medida, porém, pegou a promotoria local de surpresa, forçando-a a pedir que a audiência fosse adiada, já que Apple teria agido unilateralmente por meio de uma queixa classificada pelos promotores de "potencialmente defeituosa".

A denúncia de Commisso faz parte dos 11 casos de assédio apresentados pela Procuradoria-Geral de Nova York quando Cuomo ainda era governador. Para a procuradora-geral, Letitia James, ele apalpou, beijou e abraçou mulheres sem consentimento. A procuradora acrescentou que o gabinete de Cuomo se tornou um lugar tóxico.

As denúncias fizeram com que, em agosto, o democrata —até então um dos principais nomes do partido e à frente de Nova York por mais de uma década— renunciasse, abrindo espaço para a efetivação de sua vice, Kathy Hochul, que se tornou a primeira mulher a governar o estado.

No final de novembro, a crise atingiu o irmão do ex-governador e âncora da CNN Chris Cuomo. De acordo com apuração do jornal The New York Times, o jornalista teve envolvimento na estratégia do democrata para reagir às denúncias de assédio sexual. O jornalista foi demitido pela emissora americana no início de dezembro.

Com Reuters e The New York Times

SECA E VENTOS FORTES AGRAVAM INCÊNDIOS FLORESTAIS NA ARGENTINA
Carros cortam fumaça em estrada na província de Chubut; nas últimas semanas o fogo já consumiu milhares de hectares também nas regiões de Río Negro, Salta e Neuquen Jonas Max/Telam/AFP

Ômicron leva a alta de internações nos EUA

Número de americanos hospitalizados com Covid sobe 27% em uma semana e chega a 103 mil, maior cifra desde setembro

GUARULHOS A predominância da variante ômicron do coronavírus, mais contagiosa, levou à alta no número de hospitalizações nos EUA. Mais de 103 mil pessoas estão internadas com Covid no país, de acordo com números divulgados nesta terça (4). A cifra é a maior registrada desde setembro do ano passado.

O volume de hospitalizações, que sobrecarrega o sistema de saúde, cresceu 27% em relação à última semana, segundo o The Washington Post com base em dados do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA. Cerca de 19 mil pessoas estão em leitos de UTI devido à Covid.

O aumento das internações vem na esteira do crescimento do número de casos confirmados diariamente, que bate recordes consecutivos desde o feriado de Natal. A média móvel de novos casos diários alcançou 487 mil nesta segunda-feira (3), ainda de acordo com cálculos do Washington Post, de modo que o volume de novos casos registrados nos últimos sete dias cresceu 110%.

A situação é crítica, em especial na região sudeste dos EUA, com especialistas prevendo uma tempestade de infecções. Na Carolina do Norte, por exemplo, o número de novos casos diários registrados saltou 579% na última semana. Já na Carolina do Sul, o aumento foi de 268%. Demais estados do sudeste seguem a tendência e estão entre os que mais apresentam aumento de novos casos no país.

Enquanto, em média, um em cada quatro americanos que realiza um teste para Covid recebe resultado positivo, estados da região possuem taxas ainda maiores de diagnósticos de Covid. Na Virgínia, 40% dos exames feitos têm resultados positivos para a doença, e no Mississippi, 37%.

A enxurrada de novos casos se deve, em parte, às taxas de vacinação na região. Oito estados do sudeste têm apenas metade da população com esquema vacinal completo e o número de aplicações da terceira dose é baixo. No país, 62% já tomaram as duas doses ou a dose única da vacina.

Por razões semelhantes, a região sul do país, que segue com as piores taxas de imunização dos EUA, preocupa as autoridades de saúde, que não sabem se os hospitais locais serão capazes de receber todos os novos casos impulsionados pela variante ômicron.

"Teremos muito mais doentes, porque eles não têm imunidade", disse o diretor médico da associação de autoridades de saúde da região, Marcus Plescia. "No entanto, como o sul já teve outros surtos grandes, pode ser que as pessoas tenham alguma imunidade natural, um fator que pode nos salvar."

O aumento no número de infecções fez com que mais de 3.200 escolas fechassem as salas de aula nesta semana, de acordo com o Burbio, plataforma que monitora interrupções escolares. Os centros de ensino que permaneceram abertos enfrentam falta de funcionários, já que muitos estão doentes.

Ainda que casos e hospitalizações tenham crescido, o número de mortes em decorrência da Covid não observou a mesma tendência. Depois de um novo salto na véspera do Natal, a média móvel de novos óbitos, que no início de 2021 chegou a superar 3.300, gira em torno de 1.200 ao longo dos últimos dias, de acordo com dados da plataforma Our World in Data, ligada à Universidade Oxford.

O presidente americano, Joe Biden, que recentemente anunciou um a distribuição gratuita de 500 milhões de testes de Covid, tem reforçado os pedidos para que a população se vacine. "É de graça. É conveniente. Salva vidas. É seu dever patriótico", escreveu no Twitter nesta segunda.

Consequências da ômicron nos EUA
Hospitalizações por Covid crescem

Disparidade na porcentagem de população vacinada nos estados preocupa

Fontes: Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA e The Washington Post

Estátua de 1ª mulher com diploma gera controvérsia na Itália

BAURU (SP) Setenta e oito estátuas estão distribuídas na Prato della Valle, a maior praça da Itália e uma das maiores de toda a Europa. Os monumentos homenageiam personalidades como o cientista Galileu Galilei, o poeta Francesco Petrarca, o escultor Antonio Canova e vários papas.

Todos as figuras celebradas têm alguma ligação com Pádua, seja por terem nascido, vivido ou desenvolvido laços com a cidade no norte da Itália. E todos são homens.

O déficit na representação feminina não é uma exclusividade de Pádua. Em toda a Itália, de acordo com levantamento da Mi Riconosci, associação italiana de profissionais do setor de patrimônio cultural, há apenas 148 estátuas representando mulheres no país, sejam elas figuras reais, lendárias ou anônimas.

A partir desse censo de estátuas, influenciados pela onda global que busca rever a representação de figuras históricas, Margherita Colonnello e Simone Pillitteri, vereadores de centro-esquerda de Pádua, propuseram que a praça seja o novo lar de uma escultura em homenagem a Elena Lucrezia Cornaro Piscopia (1646-1684), a primeira mulher no mundo a receber um diploma universitário.

"Talvez nem todos saibam que as figuras a quem as efígies de pedra são dedicadas sejam todas, sem exceção, de homens", escreveu a dupla em uma moção apresentada ao Legislativo de Pádua.

Piscopia nasceu em Veneza, filha de um nobre e de uma camponesa. Conta a enciclopédia Brittanica que ela começou a receber aulas de grego e de latim aos sete anos de idade e, mais tarde, tornou-se fluente também em francês, espanhol e hebraico. Além de poliglota, Piscopia estudou matemática, astronomia, filosofia, música e teologia, área em que se especializou. Aos 26, foi recomendada por um de seus tutores à Universidade de Pádua. A ideia era que a instituição concedesse a ela o título de doutora em teologia.

À época, o bispo de Pádua, que também respondia pela universidade, apoiou a solicitação, mas só porque entendeu que o que ela buscava era o doutorado em filosofia. Quando o cardeal Gregorio Barbarigo soube que o objetivo era o diploma em teologia, negou o pedido, porque Piscopia era uma mulher.

Contrariada, ela seguiu nos estudos de filosofia e conseguiu o título de doutora do na área em 1678, tornando-se a primeira doutora do mundo. Apesar do pioneirismo e das ligações com Pádua, Piscopia não ganhou uma estátua na Prato della Valle. Pelo menos não até agora.

Quando foi construída, no século 18, a praça tinha 88 esculturas. Dez delas foram destruídas quando Napoleão conquistou Veneza. Oito foram substituídas por obeliscos e dois pedestais permanecem vazios —é sobre um deles que os vereadores querem posicionar a estátua em homenagem a Piscopia.

Há quem se oponha a ceder um dos pedestais vazios à memória de Piscopia. Carlo Fumian, professor de história da Universidade de Pádua, descreveu a ideia como "fora de contexto". Para ele, o projeto é "caro e bizarro", além de "um pouco moderno, mas culturalmente inconsistente".

"Mover monumentos como se fossem [peças de] Lego é um jogo perigoso e pouco inteligente", disse Fumian ao jornal Il Mattino di Padova. "Em vez disso, devemos ajudar as pessoas a descobrir a [estátua] original, triunfantemente sentada na universidade."

O professor faz referência ao monumento já erigido em homenagem a Piscopia. A estátua foi construída a pedido do pai da acadêmica em 1684, ano de sua morte. Quase um século depois, em 1773, foi doada à Universidade de Pádua, onde segue em exposição.

mercado

Planalto vê influência eleitoral em ameaça de greve dos servidores

Auxiliares do presidente dizem acreditar que oposição pode impulsionar paralisações

Marianna Holanda, Thiago Resende e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Integrantes do governo e assessores diretos do presidente Jair Bolsonaro (PL) dizem ver influência político-eleitoral nas ameaças de paralisações e greves de categorias do funcionalismo público por aumento salarial neste ano.

Na avaliação de interlocutores do Planalto e de ministérios, ainda que seja legítimo o pleito pelo reajuste, a movimentação pode ser impulsionada por denominações de esquerda, historicamente ligadas a centrais sindicais.

Reservadamente, um ministro disse acreditar que as greves podem ser agitadas pela oposição com o propósito de prejudicar o governo.

O funcionalismo é uma importante fatia de eleitores do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal adversário de Bolsonaro na corrida pelo Palácio do Planalto neste ano, de acordo com as pesquisas de intenção de voto.

Logo que foi anunciada por Bolsonaro a intenção de dar reajuste para servidores —na época, supostamente, eram todas as categorias—, integrantes da esquerda classificaram a medida como eleitoreira.

"Recebemos como oportunismo político e medida eleitoreira", afirmou a deputada Gleisi Hoffmann (PR), presidente nacional do PT, em novembro. "O PT sempre é a favor de reajuste para servidor, mas essa do Bolsonaro se trata de politicagem de quem sempre foi contra o servidor", afirmou Hoffmann.

Ainda que os servidores pressionem, a possibilidade de discutir um reajuste generalizado, contudo, é vista como improvável, por falta de espaço no Orçamento.

Membros da equipe econômica temem que, por pressão eleitoral, a área política do governo acabe cedendo e se empenhando para atender às demandas dos servidores públicos.

Alguns governadores já prometeram aumento salarial a servidores em ano de eleição, o que eleva a preocupação na equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) por entender que o governo federal pode querer ir na mesma linha para agradar a essas categorias.

As críticas ao governo Bolsonaro estiveram presentes, por exemplo, na reunião da Fonasefe (Fórum das Entidades dos Servidores Públicos Federais), que reúne 30 entidades, como funcionários da área de saúde, educação, Previdência e assistência social.

Essas categorias discutem se alinhar à paralisação geral no próximo dia 18, organizada pelo Fonacate (Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado).

Juntos, esses fóruns, segundo a cúpula dessas organizações, representam mais de 80% do funcionalismo do Executivo federal, que hoje tem cerca de 585 mil ativos.

O período de maior generosidade fiscal ao funcionalismo nos últimos anos ocorreu nos governos Lula. Além de reajustes robustos, o ex-presidente também expandiu a quantidade de servidores públicos federais —quadro que vem sendo reduzido sob Bolsonaro.

Se confirmadas, as paralisações por um ou dois dias em janeiro e uma greve geral devem prejudicar a prestação de serviços públicos e até mesmo a entrada de produtos importados, que dependem de fiscalização da Receita Federal.

Representantes dos servidores públicos federais reclamam que a maioria está com o salário defasado em 27,2%, pois não há reajuste desde 2017.

O movimento grevista por reajuste salarial foi deflagrado após o lobby de policiais federais surtir efeito e as corporações receberem a promessa de Bolsonaro de que haverá recursos para aumentos salariais em 2022. Essas categorias fazem parte da base eleitoral dele.

No Palácio do Planalto, interlocutores dizem que a promessa de correção salarial para policiais enfraqueceu a capacidade do governo de segurar a pressão por reajustes de outras categorias do funcionalismo público.

Segundo relatos, um ministro teria se queixado de que o aumento aos policiais abriu a caixa de pandora e que seria difícil controlar a pressão.

"Como o presidente [Bolsonaro] teve muito apoio das categorias policiais federais, principalmente Polícia Federal e PRF [Polícia Rodoviária Federal], eu acredito que pode ser um momento frutífero", disse o presidente da Fenapef (Federação Nacional dos Policiais Federais), Luís Antônio Boudens, em entrevista concedida à **Folha**.

Apenas PF, PRF e Depen (Departamento Penitenciário Nacional), além de agentes comunitários de saúde, obtiveram promessa de reajuste.

O Orçamento prevê R$ 1,7 bilhão para o reajuste, mas não há no texto uma previsão de uso dessa verba exclusivamente para essas carreiras policiais. Por isso, diversos sindicatos de servidores se mobilizam para conseguir abocanhar parte desses recursos.

Entretanto, o Ministério da Justiça e Segurança Pública já trabalha na proposta de aumento às categorias.

Como a **Folha** mostrou no final de 2021, o governo estudava a possibilidade de elevar o salário máximo de delegado da PF para o teto do funcionalismo público, atualmente em R$ 39.293,92 —o mesmo de um ministro do STF (Supremo Tribunal Federal).

Os valores ainda não foram fechados, e integrantes do governo diziam que as definições deveriam sair em janeiro. Será necessário acomodar demandas dos policiais dentro que foi disponibilizado no Orçamento de 2022.

Representantes da elite do funcionalismo, como diplomatas, analistas de comércio exterior, Tesouro Nacional, Receita Federal, CGU (Controladoria-Geral da União) e auditores do trabalho, se mobilizam para que Bolsonaro dê um reajuste salarial generalizado. O Ministério da Economia é contra essa concessão.

A ordem na equipe de Guedes é não ceder a pressões. Em mensagens encaminhadas a ministros e membros do governo, o titular da pasta da Economia pediu apoio contra o reajuste amplo aos servidores, que, segundo ele, pode quebrar o país e elevar a inflação.

Nos cálculos do governo, cada aumento de 1% linear a todos os servidores tem um impacto de R$ 3 bilhões.

O movimento grevista aguarda uma abertura de negociação formal com o governo ainda em janeiro.

Até o momento, houve apenas reuniões pontuais e separadas, por exemplo, entre a Casa Civil e servidores da Receita Federal. Outras carreiras do Ministério da Economia devem se reunir com os chefes das áreas.

O presidente Jair Bolsonaro após cerimônia em Brasília em dezembro Adriano Machado - 16.dez.21/Reuters

Entenda a mobilização dos servidores federais

Qual o motivo da insatisfação? Os servidores querem reajuste salarial não só para policiais federais

Como está a movimentação por uma greve do serviço público? Fonacate (Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado) e Fonasefe (Fórum das Entidades dos Servidores Públicos Federais) discutem paralisação em janeiro e uma greve geral a partir de fevereiro

Quantos servidores são representados por essas entidades? Mais de 80% dos quase 600 mil servidores do Executivo, segundo a cúpula dessas organizações

Quais categorias ameaçam parar? CGU (Controladoria-Geral da União), diplomatas, analista de comércio exterior, Tesouro Nacional, Receita Federal, auditores do trabalho, entre outras, como servidores da saúde, Previdência Social e assistência social

Quais os próximos passos? Cada sindicato precisa se reunir em uma assembleia e aprovar a paralisação em janeiro

Desoneração da folha sem compensação põe TCU em alerta

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A decisão de Jair Bolsonaro (PL) de sancionar a prorrogação da desoneração da folha de pagamento de 17 setores sem adotar medidas tributárias para compensar a perda de R$ 9,1 bilhões na arrecadação em 2022 acendeu um alerta no TCU (Tribunal de Contas da União).

A recomendação do Ministério da Economia era manter a sobretaxa do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) sobre operações de crédito e a CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido) mais elevada sobre bancos.

A pasta, porém, foi ignorada pelo Palácio do Planalto, e ambas as cobranças expiraram no fim de 2021.

No sábado (1º), a Secretaria-Geral da Presidência da República disse que a compensação não seria necessária porque "se trata de prorrogação de benefício fiscal já existente" e porque a medida "foi considerada no Relatório de Estimativa de Receita do Projeto de Lei Orçamentária de 2022".

O órgão disse ainda que a medida se dava "nos termos da orientação emitida pelo Tribunal de Contas da União".

Na avaliação de integrantes do tribunal, no entanto, a orientação do TCU não abre nenhuma brecha para conceder benefícios sem que a renúncia esteja prevista no Orçamento ou haja compensação, ainda que se trate de uma prorrogação de política já existente.

Além disso, ao contrário do afirmado pelo governo, a renúncia não foi considerada no parecer de receitas do Orçamento de 2022, segundo o próprio relator da matéria no Congresso, senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR).

"Essa nota [da Secretaria-Geral] está errada", disse.

De acordo com o senador, ele não poderia incorporar a nova previsão de receitas porque a lei que prorroga a desoneração ainda não havia sido sancionada por Bolsonaro. "Não podemos estimar a receita com base em 'eu acho'."

Oriovisto também disse à **Folha** que houve uma articulação para tentar mudar as receitas no Orçamento de 2022 após o texto já ter sido aprovado por deputados e senadores. O objetivo seria incluir a renúncia com a desoneração para regularizar a situação.

"Começaram com uma história tola de que eu poderia fazer um requerimento pedindo para alterar a receita, o relator-geral do Orçamento, deputado Hugo Leal, concordaria, o presidente da Câmara concordaria, o presidente do Senado concordaria, a Rose de Freitas, presidente da CMO [Comissão Mista de Orçamento], concordaria, e nós mudaríamos", afirmou.

"Ora, isso é ridículo. Se meia dúzia de pessoas podem alterar a lei que o Congresso inteiro aprovou, então vamos fechar o Congresso e contratar só esses seis", disse o senador.

Ele contou ter recebido um telefonema da senadora Rose de Freitas (MDB-ES) com a proposta de acordo. Segundo ele, outras pessoas estariam envolvidas nas discussões, mas ele preferiu não citar outros nomes.

"A lei orçamentária é aprovada por 513 deputados e 81 senadores. Como é que meia dúzia depois... Eu vou fazer um requerimento e os outros vão mudar isso sem passar pelo Congresso?"

Procurada, a senadora não havia se pronunciado até a conclusão desta reportagem.

A prorrogação da desoneração da folha de pagamento foi sancionada nas últimas horas do dia 31 de dezembro de 2021 —uma forma de tentar fortalecer o argumento de que se trata apenas de uma prorrogação, não um novo benefício.

O Ministério da Economia, que discordava dessa interpretação, apontou as medidas que poderiam ser adotadas no momento da sanção da desoneração da folha para servir de compensação.

Na quarta-feira (29), o próprio secretário do Tesouro Nacional, Paulo Valle, confirmou a necessidade de haver compensação para a prorrogação da desoneração da folha. "Ainda tem de ser definido, mas certamente terá de ter compensação."

Na sexta (31), a sanção foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União sem as medidas do IOF ou da CSLL, o que surpreendeu técnicos do governo que vinham discutindo as compensações.

A própria Advocacia-Geral da União apontou a necessidade de veto integral da desoneração, ou sanção acompanhada das medidas indicadas pela Economia, segundo fontes ouvidas pela reportagem.

Leal confirmou à **Folha** que o impacto da desoneração nas receitas não foi contabilizado na tramitação da peça no Congresso Nacional. "Não foi previsto, por ausência de manifestação do Ministério da Economia no momento da votação do Relatório da Receita."

O relator chegou a encaminhar à presidente da CMO, em 28 de dezembro, um ofício alertando sobre a ausência de revisão na previsão de renúncias tributárias.

O deputado, porém, afirmou que a justificativa da Secretaria-Geral está alinhada à interpretação de que se trata de uma prorrogação. "Foi um entendimento e o motivo pelo qual [a lei] foi sancionada dia 31 de dezembro, para ser tratado como prorrogação e não como novo diferimento fiscal."

De acordo com pessoas que acompanham as discussões no TCU, a tendência na corte, porém, é que a prorrogação da desoneração seja entendida como uma nova concessão de benefício tributário.

Na consulta citada pela Secretaria-Geral, o TCU esclareceu que os requisitos da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para a concessão de benefícios tributários serão atendidos quando ao menos uma das seguintes condições estiver preenchida: a renúncia for considerada na lei orçamentária ou houver medida para compensar a perda de receitas.

"A demonstração pelo proponente de que a renúncia foi considerada na estimativa de receita da Lei Orçamentária Anual, na forma do art. 12 da Lei Complementar 101/2000, e de que não afetará as metas de resultados fiscais previstas no anexo próprio da Lei de Diretrizes Orçamentárias, torna não obrigatórias a previsão e a implementação de medidas de compensação", disse o TCU em acórdão de novembro de 2021.

No caso da desoneração, nenhuma das condições foi plenamente atendida.

De acordo com integrantes da corte ouvidos pela reportagem, o caso pode se tornar alvo de uma representação específica, ou ser analisado no âmbito das contas de governo de 2021, sob relatoria do ministro Aroldo Cedraz.

Procurado, o Ministério da Economia afirmou que as perguntas sobre a desoneração deveriam ser encaminhadas ao Palácio do Planalto.

A **Folha** questionou a Secretaria-Geral, a Casa Civil e a Secretaria de Comunicação da Presidência da República, mas não houve resposta até a publicação desta reportagem.

Os 17 setores da desoneração

- Calçados
- Call center
- Comunicação
- Confecção e vestuário
- Construção civil
- Empresas de construção e obras de infraestrutura
- Couro
- Fabricação de veículos e carrocerias
- Máquinas e equipamentos
- Proteína animal
- Têxtil
- Tecnologia da informação
- Tecnologia de comunicação
- Projeto de circuitos integrados
- Transporte metroferroviário de passageiros
- Transporte rodoviário coletivo
- Transporte rodoviário de cargas

Bolsonarismo levou Brasil à crise, e retomada virá com o seu fim

O que está em jogo é saber se continuaremos com a política econômica neoliberal desastrosa ou se vamos retomar o social-desenvolvimentismo

PENSAMENTO ECONÔMICO DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (PT)

Guido Mantega
Foi ministro do Planejamento, presidente do BNDES, e ministro da Fazenda (2006 a 2014)

No final de 2022 poderemos comemorar o enterro de um dos piores governos da história republicana brasileira. Se for feita uma autópsia no cadáver do bolsonarismo, serão descobertos fortes indícios de um neoliberalismo anacrônico, que não é mais praticado em nenhum país importante do mundo.

A economia brasileira terminou 2021 estagnada e vai continuar assim por todo o ano de 2022. De acordo com a mais recente pesquisa Focus, do Banco Central, publicada na segunda (3), o crescimento do PIB de 2022 não deve passar de 0,36%.

Com esse crescimento pífio, o desemprego permanecerá alto e deverá repetir, em 2020, os 12% de 2021, enquanto a inflação estará recuando dos 10% de 2021 para algo em torno de 6%, à custa de uma feroz política monetária contracionista, que vai paralisar a economia brasileira.

A fome e a pobreza continuarão aumentando ao sabor do descaso do governo. O auxílio de R$ 400 no Bolsa Família vai beneficiar apenas uma pequena parcela dos necessitados.

Para agravar essa situação, há um avanço da pandemia da Covid-19 e de novas gripes, que podem reduzir o crescimento dos países ricos, afetando diretamente as exportações brasileiras. O banco central americano (Fed) anunciou um endurecimento da política monetária em 2022, com elevação dos juros, o que deverá causar a saída de capitais estrangeiros do país.

Entre 2019 e 2022, o PIB brasileiro terá um crescimento médio de 0,5% ao ano. Um pouco melhor do que o decréscimo médio de -0,13% ao ano do governo Temer, entre 2016 e 2018.

Em vez de colocar o Estado em campo para socorrer as vítimas da crise e estimular a retomada do investimento, como fizeram os países do G20, o governo Bolsonaro reduziu o auxílio emergencial de 2020 para 2021 e vem diminuindo o investimento público desde o início do seu governo.

Essa situação dramática, produzida pela política econômica do ministro Guedes, contrasta com o desempenho da política econômica social-desenvolvimentista dos governos Lula e Dilma.

AGENDA

Segunda 3
Ciro Gomes (PDT)
Por Nelson Marconi

Terça, 4
João Doria (PSDB)
Por Henrique Meirelles

Quarta, 5
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
Por Guido Mantega

Quinta, 6
Sergio Moro (Podemos)
Por Affonso Celso Pastore

Entre 2003 e 2014, o PIB brasileiro teve um crescimento médio de 3,5% ao ano, enquanto o desemprego caiu para abaixo de 6% da população economicamente ativa. No fim de 2014, o Brasil era um país pouco endividado, com uma dívida pública líquida igual a 32,5% do PIB, enquanto o Banco Central acumulava reservas de US$ 374 bilhões. Não à toa, a partir de 2008 o Brasil passou a receber avaliações positivas de grau de investimento, pelas principais empresas de classificação de risco.

Os governos Lula foram marcados pela elevação dos investimentos e por uma política fiscal responsável, que compatibilizou aumento de verbas sociais com os maiores superávits primários da economia brasileira.

A pobreza caiu de 26,7%, em 2002, para 8,4%, em 2014. Pela primeira vez, em 500 anos, a renda dos mais pobres cresceu mais do que a dos mais ricos, e a desigualdade diminuiu no país. Foi assim que o Brasil saiu do mapa da fome e tornou-se o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto) do mundo, em 2011.

Mas os governos neoliberais reverteram parte desses avanços sociais e econômicos. O governo Temer fez a reforma trabalhista que reduziu direitos e salários e ainda aprovou a lei do teto de gastos, que produziu inúmeras distorções na gestão orçamentária. As gestões fiscais dos governos Temer e Bolsonaro foram um desastre que, desde 2016, só acumulou déficits primários.

Está claro que não existem saídas fáceis para consertar a situação dramática que será deixada pelos governos Temer e Bolsonaro. É uma herança maldita que fará com que o PIB de 2022 retroceda para os valores de 2013.

Para enfrentar essa situação desafiadora, as forças democráticas deverão elaborar um programa de desenvolvimento econômico e social para a reconstrução do país.

Certamente esse programa deverá conter medidas emergenciais de combate à fome e à miséria, que propiciem condições de sobrevivência da população mais pobre.

O governo deve coordenar um ambicioso plano de investimentos públicos e privados, de modo a ampliar a infraestrutura e aumentar a produtividade, gerando muitos empregos.

É necessário desenhar um programa de investimentos de longo prazo que dê sustentação ao crescimento e ao aumento da produtividade.

É imprescindível realizar uma reforma tributária, que simplifique os impostos federais, estaduais e municipais. É importante também diminuir a taxação dos mais pobres, aumentando os tributos sobre a renda e patrimônio dos 1% mais ricos, de modo a reverter a regressividade da estrutura tributária brasileira.

A política monetária deve manter a inflação sob controle, sem exagerar na dose de juros, para preservar o crescimento e, ao mesmo tempo, evitar um serviço da dívida impagável.

O novo governo deve retomar as políticas industriais e as de investimento tecnológico, que devolvam a competitividade da indústria brasileira. Claro, sem esquecer as questões climáticas e ambientais.

O que está em jogo nas próximas eleições é saber se continuaremos com a política econômica desastrosa do governo Bolsonaro e de outros candidatos neoliberais ou se vamos retomar a via do social-desenvolvimentismo rumo ao Estado de bem-estar social.

Este artigo não expressa o ponto de vista da candidatura Lula, que ainda não foi lançada, sendo o resultado das discussões de um grupo de economistas que assessoram o ex-presidente Lula.

+

Série traz pensamento econômico de pré-candidatos à Presidência

Nesta semana, o caderno Mercado publica artigos sobre questões econômicas consideradas sensíveis por pré-candidatos à Presidência. A proposta é dar início ao debate de temas que devem nortear boa parte da campanha. Os artigos, assinados por economistas que participam do grupo de apoio aos pré-candidatos, são publicados diariamente em ordem alfabética. De acordo com suas respectivas assessorias, os senadores Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e Simone Tebet (MDB-MS) estão iniciando conversas com consultores econômicos e ainda não têm porta-vozes na área. Convidado a representar o presidente Jair Bolsonaro, que disputará a reeleição, o ministro da Economia, Paulo Guedes, prefere não se manifestar no momento.

Governo diz ter zerado fila do Auxílio Brasil com a inclusão de 2,7 milhões de famílias

BRASÍLIA O Ministério da Cidadania informou nesta terça (4) ter zerado a fila de espera do Auxílio Brasil, após a inclusão de 2,7 milhões de famílias no programa social.

Com a medida, o número de beneficiários da política ultrapassa os 17 milhões. Antes, o alcance era de 14,6 milhões.

17 milhões
de famílias passa a ter o Auxílio Brasil

As famílias foram incluídas já na folha de dezembro, que será paga a partir do dia 18.

O Auxílio Brasil foi implementado em novembro, no lugar do Bolsa Família.

Apesar de o governo dizer ter zerado a fila, não há garantias de que essa situação será duradoura. Durante a votação do Auxílio Brasil, o Congresso incluiu dispositivo que obrigava o governo a incluir no programa as famílias que preencham os critérios exigidos —situação de pobreza, com renda de até R$ 210 por pessoa, ou extrema pobreza, com renda de até R$ 105 por pessoa. Na prática, esse artigo significaria o fim das filas de espera. Bolsonaro, porém, vetou o trecho da lei. **Idiana Tomazelli**

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Diagnóstico

A disparada na demanda por testes de Covid e gripe já leva os fabricantes dos exames a reavaliar a produção. Além do varejo farmacêutico, a busca sobe em hospitais, clínicas e laboratórios. Também avança a procura de empresas, preocupadas em testar funcionários. Como antecipou o Painel S.A., o número de exames feitos em farmácias saltou do patamar de 10 mil para mais de 31 mil entre os dias 1º e 29 de dezembro no monitoramento da Abrafarma (associação de drogarias).

CARGA HORÁRIA A fabricante Eco Diagnóstica deve dobrar sua produção nas próximas semanas para 80 mil testes diários. A empresa abriu um turno a mais de funcionários para não atrasar as entregas, segundo Vinicius Pereira, presidente da companhia.

CARGA VIRAL No pico da pandemia, entre janeiro e março do ano passado, a Eco Diagnóstica afirma que chegou a vender aproximadamente 100 mil exames por dia para detectar coronavírus.

TEMPO DE INCUBAÇÃO A fornecedora MedLevensohn, que também registrou o aquecimento recente, diz que está monitorando o desenvolvimento da situação para incrementar a importação do produto, se for necessário.

PICO No laboratório remoto de análises clínicas Hilab, o diretor Antonio Vazquez afirma que o resultado de dezembro alcançou o dobro dos números registrados pela empresa no melhor mês de produção e laudagem desde o início da pandemia.

SISTEMA IMUNOLÓGICO No fechamento de 2021, o balanço das multas por falta de uso de máscara em São Paulo registra 10.541 autuações a pessoas e estabelecimentos por descumprirem a obrigatoriedade do uso da proteção desde que a regra entrou em vigor, em 1º de julho de 2020, até o último dia 31 de dezembro.

TERMÔMETRO Segundo o governo, foram quase 573 mil inspeções feitas pela Vigilância Sanitária Estadual no período. O governador João Doria chegou a anunciar a flexibilização do uso da máscara em ambientes abertos a partir de meados de dezembro, porém, resolveu voltar atrás com o surgimento da variante ômicron.

AGLOMERAÇÃO No último ano, o presidente Jair Bolsonaro foi multado mais de uma vez por descumprir a obrigatoriedade da máscara. Após as manifestações do dia 7 de setembro, na avenida Paulista, ele e mais 13 políticos e empresários foram autuados, assim como Luciano Hang, dono das lojas Havan.

PARADA A rede de lojas de departamentos americana Macy's vai reduzir em duas horas o funcionamento de suas unidades de segunda a quinta-feira até o fim de janeiro, devido ao recente aumento dos casos de Covid-19 nos Estados Unidos.

SENSÍVEL AO TOQUE A preocupação do varejo americano com a nova disparada da doença durante os feriados de Natal e Ano Novo também levou mudanças ao atendimento da Apple em Nova York, incluindo sua vitrine na Quinta Avenida. No fim do mês passado, as 12 lojas na cidade só fizeram a entrega de compras realizadas online.

ABRE A CANCELA O pagamento de pedágio nas estradas serve de indicador do movimento nas festas de Réveillon no segundo ano da pandemia. O crescimento das viagens foi geral, segundo levantamento da Veloe, unidade de negócios de mobilidade urbana da Alelo, que acompanha o número de transações de pagamento automático da sua base de clientes.

PISCA-ALERTA No estado de São Paulo, chegou a 85% o aumento no fluxo para o litoral norte e Baixada Santista no Ano Novo, na comparação com a semana anterior. No Rio de Janeiro, o destino Norte Fluminense registrou aumento de 31% no Natal e 44% no Ano Novo. A Baixada Fluminense teve 23% e 32% respectivamente.

ULTRAPASSAGEM As regiões de Grande Florianópolis e norte catarinense tiveram alta de 45% e 56% na última semana do ano. Em Minas Gerais, o principal movimento foi em direção à Zona da Mata, com crescimento de 36%, ainda conforme a pesquisa da Veloe.

AULA O Ibmec vai dar novos passos no seu processo de expansão em São Paulo. A instituição lança dois cursos de MBA neste ano, um de mercado de capitais e outro de marketing. As novas modalidades se somam aos MBAs de negócios e tecnologia. Serão dois encontros por semana, com carga horária de 450 horas. Haverá ainda pós-graduação em gestão empresarial.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Dez., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,23

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	259,26

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Empresas de energia bancam R$ 5 bi por atraso em socorro

Presidente precisa assinar decreto que autoriza empréstimo para distribuidoras

Julio Wiziack

BRASÍLIA A demora do governo em baixar o decreto que libera a segunda rodada de empréstimos para socorrer distribuidoras de energia levou as empresas afetadas pela crise hídrica a arcar com mais R$ 5 bilhões, valor dos encargos setoriais que terão de ser pagos nesta quarta-feira (5).

Segundo a Abradee (Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica), no fim do ano passado, as empresas enviaram ofício para a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) solicitando a postergação desse pagamento até a liberação dos empréstimos, que serão coordenados pelo BNDES.

Em resposta, a Aneel informou que o pleito do setor virou um processo na agência que será analisado pelo conselho de diretores nas próximas semanas. A previsão é que isso seja resolvido até fevereiro.

"O pedido foi feito no fim do ano passado. Já não vai dar tempo e teremos de pagar [esses encargos], o que ampliará ainda mais as nossas dificuldades", disse Marcos Madureira, presidente da Abradee.

Na primeira rodada de socorro, no ano passado, a estimativa das empresas era um total de R$ 17 bilhões em empréstimos. Desta vez, a expectativa é que o valor seja de cerca de R$ 14 bilhões.

Inspirada em empréstimo coordenado por Dilma Rousseff durante a crise de 2014, essa ajuda teve como objetivo resolver um problema de liquidez das distribuidoras, antecipando a essas empresas recursos que só seriam obtidos em futuros reajustes tarifários.

Para que a segunda etapa do socorro seja viabilizada, o presidente Jair Bolsonaro precisa assinar um decreto dando a autorização. Após isso, a Aneel editará resoluções detalhando a operação.

"Mesmo que o valor [do socorro] ainda não tenha sido definido, seria importante que esse decreto saísse logo porque já arrastamos um custo [déficit] de R$ 14 bilhões até novembro do ano passado."

Esse valor, ainda segundo a entidade, decorre da diferença entre a arrecadação das contas de luz e os custos envolvidos na contratação de energia mais cara (de termelétricas e de importação) para fazer frente à falta de água nos reservatórios.

Para a definição do valor necessário, o setor tem a avaliação de que será preciso calcular quanto o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) irá autorizar em novos contratos de energia das térmicas entre janeiro e abril deste ano, quando vence o prazo da bandeira da escassez hídrica.

Também será preciso fechar quanto será concedido em bônus às empresas que aderiram ao programa de redução de consumo de energia.

A bandeira de escassez hídrica foi criada pela Aneel justamente para bancar a estratégia de enfrentamento da seca sobre os reservatórios, mas, ainda assim, o déficit da conta bandeiras já passa de R$ 8 bilhões, segundo a agência.

O setor de distribuição funciona como uma espécie de caixa do setor elétrico, arrecadando dinheiro do consumidor para repassar aos segmentos de geração e transmissão de energia, além de pagar seus próprios custos.

Assim, se os custos sobem demais, as empresas podem enfrentar problemas de liquidez até que os próximos reajustes tarifários joguem as despesas extras para a tarifa.

O empréstimo passa a ser pago pelo consumidor em parcelas na conta de luz.

No final do ano, a previsão do governo era liberar a ajuda financeira às distribuidoras em meados de janeiro. Agora, a nova data passou para o início de fevereiro.

Essa situação vai agravar ainda mais a situação do caixa das empresas, que terão de arcar com mais R$ 4,5 bilhões em novos custos entre janeiro e abril decorrentes do aumento da tarifa das usinas nucleares de Angra 1 e 2 e do Proinfra (programa de incentivo às energia renováveis).

Bolsonaro veta artigos da venda direta de etanol

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) vetou na segunda-feira (3) os principais artigos da lei que autoriza a venda direta de etanol hidratado combustível por produtores e importadores com o posto revendedor, sem a intermediação de distribuidoras, antes obrigatória.

O Palácio do Planalto diz, no entanto, que a comercialização direta é possível desde outubro do ano passado, em razão de uma resolução da ANP (Agência Nacional do Petróleo), ainda que seja necessário elaborar normas específicas.

"O veto não impedirá as operações de venda direta de etanol, uma vez que tal assunto poderá ser normatizado pela ANP, que já disciplinou essa matéria por meio da resolução nº 855, de 8 de outubro de 2021", diz o Planalto.

A mudança de regras da agência foi publicada um mês depois da edição da medida provisória que deu origem à lei aprovada no Congresso.

Segundo interlocutores envolvidos nas discussões, o governo vai avaliar com o setor se será necessária uma edição de nova lei ou se a resolução seria suficiente.

Atendendo a um pedido do Ministério da Economia, Bolsonaro vetou os dois primeiros artigos, que tratavam justamente da venda direta, em razão da inclusão de cooperativas produtoras e comercializadoras.

O argumento da pasta é técnico e diz respeito apenas a essas cooperativas: criaria renúncia fiscal sem previsão orçamentária, o que poderia ferir a Lei de Responsabilidade Fiscal, e uma distorção à concorrência setorial.

Segundo o Planalto, as cooperativas já são contempladas com benefício que geralmente reduz a zero a base de cálculo da Contribuição para o PIS/Pasep e da Cofins.

A lei prevê mudanças na legislação que trata desses tributos para evitar perda de arrecadação. A medida tenta garantir que a carga tributária das contribuições sociais incidente sobre a cadeia do etanol será a mesma tanto na hipótese de venda direta do produtor ou importador para o revendedor varejista quanto naquela intermediada por um distribuidor.

A medida provisória editada pelo governo Bolsonaro, que deu origem à lei, vedava as isenções da base de cálculo da contribuição para o PIS/Pasep e da Cofins que existem atualmente para as cooperativas. Mas os parlamentares retiraram esse trecho.

O veto do presidente será analisado pelo Congresso.

Preço do café bate recorde com demanda em alta e condições climáticas adversas

SÃO PAULO Em meio a um cenário de demanda externa aquecida e menor oferta em vários países produtores em razão de condições climáticas adversas, o preço do café negociado no mercado bateu seu recorde histórico em 2021.

O preço do grão na Bolsa de Nova York (Nyse) encerrou dezembro passado cotado a US$ 226,10 (R$ 1.273), com uma alta próxima de 76% em comparação ao fechamento de 2020, segundo dados da Bloomberg.

Ao longo do segundo semestre, ondas de frio intenso trouxeram impacto tanto para plantações quanto para o bolso de consumidores no país. É que a temperatura em queda livre no período, acompanhada de geada, pode causar estragos no campo e, assim, tende a pressionar preços de produtos cultivados em parte do Sul e do Sudeste.

Café, hortaliças e frutas integram a lista de mercadorias que ficam mais caras em caso de novos prejuízos nas plantações.

"O fenômeno aumenta exponencialmente o desafio dos produtores rurais em manter o nível de produtividade no campo e o planejamento de negociação dos alimentos. Culturas como café, milho, cana-de-açúcar, trigo, banana e mandioca podem ser as mais prejudicadas com a chegada dessa frente fria", apontou nota divulgada pela Faesp (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo).

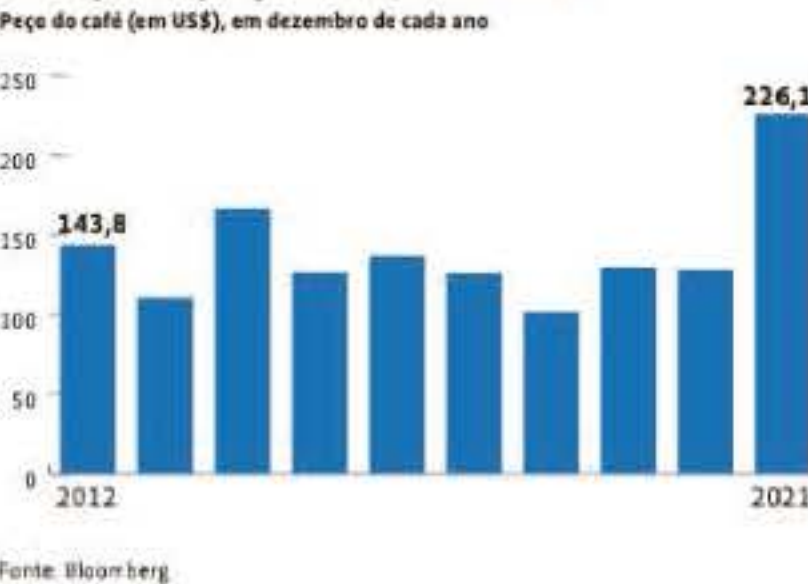
Folhas de café queimadas durante geada em Varginha (MG), em julho Roosevelt Cassio - 30.jul.21/Reuters

Evolução do preço do café desde 2012

Peço do café (em US$), em dezembro de cada ano

250, 200, 150, 100, 50, 0

143,8 (2012) … 226,1 (2021)

Fonte: Bloomberg

O pesquisador Felippe Serigati, do centro de estudos FGV Agro, ressaltou que as temperaturas em queda trazem preocupação para o campo. Caso haja perda em lavouras, o impacto certamente chegará aos consumidores, disse o especialista.

"Esse efeito nos preços não chega às prateleiras dos supermercados imediatamente, mas chega. O impacto tende a ser mais rápido naqueles produtos de ciclo mais curto, como hortifrúti", afirmou o pesquisador.

A safra de café do Brasil em 2021 foi estimada no final de dezembro em 47,7 milhões de sacas de 60 kg, ante 46,9 milhões no levantamento divulgado em setembro, apontou a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), que elevou a previsão citando produtividade acima do esperado.

"O quarto levantamento trouxe leve incremento da produtividade em relação ao anterior, fruto da percepção dos produtores de que as geadas causaram um impacto menor que o esperado, particularmente nas áreas onde já havia iniciado o processo de colheita", disse a Conab.

Ainda assim, a Conab apontou uma queda de 24,4% na produção de café do país em 2021 ante o recorde de 2020. O ano de 2021 foi o de baixa no ciclo bianual do café arábica, situação que foi acentuada pela seca prolongada.

Com Reuters

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAVÍNIA/SP

PRORROGAÇÃO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO
TOMADA DE PREÇOS N°. 004/21

Objeto: CONSTRUÇÃO DE FECHAMENTO PARCIAL (FUNDOS E LATERAL) DA QUADRA COBERTA NA ESCOLA "E M E F CORONEL JOAQUIM FRANCO DE MELLO". RECEPÇÃO DOS ENVELOPES: até as 9h do dia 24/01/22. Edital completo no site www.lavinia.sp.gov.br Lavínia, 04/01/22. Salvador Cazuo de Matsuraka - Prefeito

CGG DO BRASIL PARTICIPAÇÕES LTDA.

Aviso de Licença

Torna público que recebeu do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a Licença de Pesquisa Sísmica (LPS) Nº 151/2021, válida até a data de 13 de junho de 2024, para a atividade de Pesquisa Sísmica Marítima 3D Nodes, Não-exclusiva, na Bacia de Santos, Projeto Aluben. Julio Perea - Diretor-Geral.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JAGUARIÚNA

AVISO DE AGENDAMENTO DE SESSÃO PÚBLICA
CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 009/2021

A Comissão Permanente de Licitação por meio de seu Presidente torna público e para conhecimento dos interessados que fica aprazada Sessão Pública para prosseguimento do procedimento em epígrafe para o dia 11 de janeiro de 2022 às 09:00 horas.

Comissão Permanente de Licitação, 04 de janeiro de 2022
Edson José da Silva Junior - Presidente

EXTRAVIO - SINBFIR - O SINDICATO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICENTES, FILANTRÓPICAS E RELIGIOSAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - SINBFIR, comunica que no dia 18/12/2021 transferiu sua sede da Rua Consolação nº 374, 6º para a Avenida Ipiranga, 318 - Edifício Via Normanca B - 5º andar, e que na transferência extraviou alguns documentos, entre eles alguns livros de Atas de reuniões de diretoria e Atas do Conselho Fiscal. São Paulo, 22 de Dezembro de 2.021. **Cassiano Ricardo F. Nabuco de Abreu** - Presidente

SECRETARIA DE PROJETOS, ORÇAMENTO E GESTÃO
INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE
GERÊNCIA DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS E SERVIÇOS
NÚCLEO DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS

Acha-se aberto, no INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - à Av. Ibirapuera, n.º 981 - 6º andar, o PREGÃO ELETRÔNICO PARA REGISTRO DE PREÇOS N.º 017/2022 - PROCESSO IAMSPE N.º 4425/2021 - OFERTA DE COMPRA Nº 532101530552021OC02789 - PARA AQUISIÇÃO DE: PRÓTESE ENDOVASCULAR AUTO EXPANSÍVEL. O encerramento e abertura dar-se-ão no dia 18/01/2022 às 09:00 hrs. Os interessados deverão acessar, a partir de 06/01/2022, o endereço eletrônico www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br, mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e de credenciamento de seus representantes. O Edital da presente licitação encontra-se disponível também no site www.e-negociospublicos.com.br. São Paulo, 04 de Janeiro de 2022.

EDITAL - CONTRIBUIÇÃO SINDICAL PATRONAL 2022

Sindicato das Agências de Correio Franqueadas do Estado de São Paulo
CNPJ nº 74.504.861/0001-43

O SINDIFRANCO - SINDICATO DAS AGÊNCIAS DE CORREIO FRANQUEADAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - entidade sindical patronal com base territorial no Estado de São Paulo, com sede na Av Doutor Gastão Vidigal, nº 1132, 8º andar, sala 805, CEP 05314-000 – Vila Leopoldina - nesta Capital, inscrito no CNPJ sob o nº 74.504.861/0001-43 informa a todas as AGÊNCIAS DE CORREIO FRANQUEADAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, que o vencimento da CONTRIBUIÇÃO SINDICAL PATRONAL, relativa ao exercício de 2022, será no dia 31 de janeiro de 2022, de acordo com a tabela progressiva por faixa de capital social, conforme disposto nos artigos 578 a 610 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.

São Paulo, 03 de janeiro de 2022
Francisco Antonio Parisi – Presidente

SECRETARIA DE PROJETOS, ORÇAMENTO E GESTÃO
INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE
GERÊNCIA DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS E SERVIÇOS
NÚCLEO DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS

Acha-se aberto, no INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL – à Av. Ibirapuera, n.º 981 – 6º andar, o PREGÃO ELETRÔNICO N.º 001/2022 – PROCESSO IAMSPE N.º 5062/2021 - OFERTA DE COMPRA Nº 532101530552022OC00009 – PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS ENVOLVENDO ANÁLISE DE NEGÓCIO, REQUISITOS, DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO, SUPORTE E SUSTENTAÇÃO DE SISTEMAS INFORMATIZADOS, DE FORMA REMOTA E PRESENCIAL, UTILIZANDO METODOLOGIA ÁGIL E DE ACORDO COM OS PADRÕES DE DESEMPENHO E QUALIDADE. O encerramento e abertura dar-se-ão no dia 18/01/2022 às 10:00 hrs. Os interessados deverão acessar, a partir de 06/01/2022, o endereço eletrônico www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br, mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e de credenciamento de seus representantes. O Edital da presente licitação encontra-se disponível também no site www.e-negociospublicos.com.br. São Paulo, 04 de Janeiro de 2022.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

EDITAL

Encontra-se aberto, PREGÃO PRESENCIAL Nº 653/2021, do tipo menor preço, destinado à LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTOS COM AQUISIÇÃO DE BOLSA ... A realização da Sessão será no dia 14/01/2022, às 09:00 horas, no prédio do CISA, Campus Universitário - Bairro Monte Alegre, Ribeirão Preto-SP. O edital na íntegra poderá ser retirado no Setor de Expediente do Departamento de Apoio Administrativo, das 8 às 17 horas ou através do site: e-negociospublicos.com.br ou www.hcrp.usp.br. Telefone (16) 3602 2152.

Ribeirão Preto, 04 de Janeiro de 2021
ALINE CRISTINA ANTUNES DE SOUZA
Diretora do Serviço de Compras

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212231

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20212231 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de equipamento hospitalar, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 22312021, até o dia 20/01/2022, às 10h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 03 de Janeiro de 2022. JOSÉ CÉLIO BASTOS DE LIMA - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210154

A Secretaria da Casa Civil torna público a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico no 20210154, de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuros e eventuais aquisições de equipamento hospitalar. MOTIVO: Alterações no edital. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 1542021, até o dia 20/01/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 03 de Janeiro de 2022. SIMONE ALENCAR ROCHA - PREGOEIRA

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20211678

A Secretaria da Casa Civil torna público o ADIAMENTO do Pregão Eletrônico no 20211678, de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuros e eventuais aquisições de material médico hospitalar com fornecimento de equipamento em comodato. MOTIVO: Correção no lançamento. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 16782021, até o dia 18/01/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 03 de Janeiro de 2022. JOSÉ EDSON BEZERRA - PREGOEIRO

Município da Estância Turística de Piraju

RETIFICAÇÃO DE EDITAL
PREGÃO ELETRÔNICO N. 55/2021

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PIRAJU, Estado de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas, TORNA PÚBLICO para que chegue ao conhecimento dos interessados a RETIFICAÇÃO do Edital do Pregão Eletrônico em referência, na forma como segue:

I – Onde se lê: "com impressão em tecnologia a laser", fica alterada a redação para: "com impressão em tecnologia a laser ou térmica", nas especificações do ITEM constante no Anexo 01 do Edital.

II – Face as alterações constante no item anterior, fica prorrogada a data de vencimento do certame para o dia 24 de janeiro de 2022 - às 09h00, no mesmo local constante do edital original.

III – Ratificam-se as demais disposições do edital original que não colidirem com as disposições desta retificação.

MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE PIRAJU, EM 03 DE JANEIRO DE 2022
José Maria Costa
PREFEITO MUNICIPAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO

REPUBLICAÇÃO
EDITAL DE PREGÃO PRESENCIAL Nº 093/2021
PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 14969/2021
TIPO: MENOR PREÇO

Objeto: Contratação de empresa especializada em engenharia de segurança e medicina do trabalho. Data da realização: 18/01/2022. Horário de início da sessão: às 14:00 horas. Local da realização da sessão: Sala de Licitações da Secretaria de Administração – Rua Sebastião Silvestre Neves, 214 - Centro – São Sebastião – SP. Secretaria de Administração – Departamento de Suprimentos. Taxa para adquirir o edital: R$ 4,00 (quatro reais), ou disponível gratuitamente no site www.saosebastiao.sp.gov.br. São Sebastião, 04 de janeiro de 2022. Luiz Carlos Biondi. Secretário Municipal de Administração

MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL/RS

AVISO DE LICITAÇÃO

MODALIDADE: CONCORRÊNCIA n.º 002-2022. Abertura: 09 de fevereiro de 2022, às 9h. **Objeto:** Contratação de empresa, sob regime de empreitada por preços unitários, para execução de obra de pavimentação asfáltica em CBUQ, na Estrada Municipal João Boldo - trecho 02, no bairro Brandalise. Os recursos são oriundos do Banco de Desenvolvimento da América Latina - CAF. O edital está disponível na Central de Licitações - CENLIC ou no site www.caxias.rs.gov.br. Maiores informações pelo **fone (54) 3218-6000.**

Caxias do Sul, 04 de janeiro de 2022
Daniela Viviane Gomes Reis
Secretária de Recursos Humanos e Logística

SILVEIRA LEILÕES — EDITAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE - ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

1º Público Leilão: 20/janeiro/2022, às 10:00h - 2º Público Leilão: 21/janeiro/2022 às 10:00h

MARCELO EMIDIO FERREIRA PIEROBOM SILVEIRA, Leiloeiro Oficial, matrícula Jucesp nº 843, Avenida Rotary, nº 187, Jardim das Paineiras, Campinas/SP, faz saber, através do presente Edital, que autorizado pela Credora Fiduciária, HM 09 EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO SPE LTDA.-CNPJ: 09.416.500/0001-83, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, de acordo com os artigos 26, 27 e parágrafos da Lei Federal nº 9.514/97, alterada pelas Leis Federais nº 10.931/04, 13.043/14 e 13.465/17, o IMÓVEL: LOTE Nº 15 DA QUADRA M, do loteamento RESERVA ANDALUZ, situado no município de Colina/SP, na Rua Projetada 07, esquina com a Rua Projetada 06, com a seguinte descrição: 4,25m mais 14,14m em curva de frente para a Rua Projetada 07; 13,25m no fundos confrontando com o Lote 16, de quem da lote olha para a Rua Projetada 07, do lado direito mede 11,00m confrontando com a Rua Projetada 06 e do lado esquerdo mede 20,00m confrontando com o Lote 14, encerrando a área de 247,62m², matrícula imobiliária 8.483 do CRI de Colina. CCM: 462.43.62.144.00.00, consolidação da propriedade 22/12/2021. VALORES: 1º LEILÃO: R$ 120.343,91, 2º LEILÃO: R$ 74.953,93. O arrematante pagará o valor do arremate e mais 5% de comissão do leiloeiro e arcará com as despesas cartorárias e impostos de transmissão para lavratura e registro da escritura, bem como todas as demais despesas que vencerem a partir da data da arrematação. O imóvel está desocupado não existindo construções. Eventual ocupação irregular de desconhecimento da Comitente, desocupação a cargo do arrematante. Venda ad corpus. Fica a Fiduciante: Debora Regina Arcanjo de Oliveira, CPF: 355.905.318-44, intimada das datas dos leilões, pelo presente edital, para o exercício do direito de preferência. Os interessados deverão tomar conhecimento do Edital, regras e condições do leilão disponível no portal da Silveira Leilões bem como dos documentos imobiliários do imóvel. A Comitente e o Leiloeiro não caberá qualquer reclamação posterior.

Informações: fone: (19) 3794-2030 | e-mail: contato@silveiraleiloes.com.br | www.silveiraleiloes.com.br

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS / SP

Aviso de Licitação
Pregão Eletrônico Nº 098/2021 - Proc. Nº 441/2021

Data de Realização: 17 de janeiro de 2022 - Horário: 08h30 (oito horas e trinta minutos) - Local: Portal de Compras do Governo Federal -www.comprasgovernamentais.gov.br - Tipo: Menor Preço por Item - Modo de Disputa: Aberto - Objeto: "AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA PARA INFORMATIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE FERNANDÓPOLIS/SP". Classificada em itens, conforme especificações e quantidades constantes do Anexo IV do Edital do Pregão Eletrônico nº 098/2021 - Do Credenciamento: O Credenciamento é o nível básico do registro cadastral no SICAF, que permite a participação dos interessados na modalidade licitatória Pregão, em sua forma eletrônica. O cadastro no SICAF deverá ser feito no Portal de Compras do Governo Federal, no sítio www.comprasgovernamentais.gov.br, por meio de certificado digital conferido pela Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP - Brasil. - Íntegra do Edital está à disposição de todos quantos possam interessar junto à Secretaria Municipal de Gestão, de Segunda-Feira à Sexta-Feira, no horário das 08h00 às 17h00, no endereço acima mencionado e no site: www.fernandopolis.sp.gov.br.

Fernandópolis/SP, 04 de janeiro de 2022.
André Giovanni Pessuto Cândido
Prefeito Municipal.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPIRA

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 001/2022

OBJETO: Seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, voltadas e/ou vinculadas à serviços de educação (área educacional), para firmar parceria por meio de Termo de Colaboração, objetivando o atendimento em musicalização e expressão corporal aos alunos das Pré-Escolas Municipais e do Programa Escola em Tempo Integral do Ensino Fundamental de Itapira. Período do Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina de Santana Lago Gracini, Secretária Municipal de Educação.

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 002/2022

OBJETO: Seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, visando à celebração de Termo de Colaboração para a consecução de finalidades de interesse público de serviços de acolhimento institucional em residência inclusiva para jovens e adultos com deficiência. Período de Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina Ramil Marella, Secretária Municipal de Promoção Social.

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 003/2022

OBJETO: Seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, visando à celebração de Termo de Colaboração para a consecução de finalidades de interesse público de serviços socioassistenciais de média complexidade na modalidade de serviço de proteção social especial para pessoas com deficiência e suas famílias. Período do Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina Ramil Marella, Secretária Municipal de Promoção Social.

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 004/2022

OBJETO: Seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, visando à celebração de Termo de Colaboração para a consecução de finalidades de interesse público de serviço de proteção social básica – serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças e adolescentes na faixa de 06 a 17 anos. Período do Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina Ramil Marella, Secretária Municipal de Promoção Social.

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 005/2022

OBJETO: Seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, visando à celebração de Termo de Colaboração para a consecução de finalidades de interesse público de serviços de proteção especial de alta complexidade – acolhimento institucional para idosos. Período do Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina Ramil Marella, Secretária Municipal de Promoção Social.

AVISO DE ABERTURA DE CHAMADA PÚBLICA Nº 006/2022

OBJETO: seleção de Organizações de Sociedade Civil - Entidades sem fins lucrativos, visando à celebração de Termo de Colaboração para a consecução de finalidades de interesse público de serviço de proteção social básica – serviço de convivência e fortalecimento de vínculos – não tipificados – 04 a 06 anos. Período do Chamamento: 05 de janeiro de 2022 a 07 de fevereiro de 2022. Regina Ramil Marella, Secretária Municipal de Promoção Social.

Os editais estarão disponíveis aos interessados através do site www.itapira.sp.gov.br. Demais esclarecimentos na Secretaria de Recursos Materiais, das 08h00 às 12h00 e das 13h30 às 17h00, no endereço Rua João de Moraes, nº 508, Centro, Itapira/SP, ou pelo telefone (19) 3843-9180, ou pelo e-mail licitacoes@itapira.sp.gov.br. Itapira, 04 de janeiro de 2022.

AVISO DE LICITAÇÃO PREGÃO ELETRÔNICO/ REGISTRO DE PREÇOS Nº 227/2021 TIPO: MENOR PREÇO

O Estado de Minas Gerais, por intermédio da Central de Compras da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão - SEPLAG, realizará a licitação para AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE ENVIO DE MENSAGEM SMS, em atendimento à demanda de diversos órgãos e entidades do Estado de Minas Gerais. A sessão do pregão iniciará no dia 18/1/2022, às 10h, no site www.compras.mg.gov.br. Mais informações: comprascentrais@planejamento.mg.gov.br. BH/MG, 5/1/2022. Jafer Alves Jabour – Superintendente da Central de Compras Governamentais/SEPLAG.

MUNICÍPIO DE GUARANTÃ/SP

ADITIVO CONTRATUAL Nº 066/2021
CONTRATO Nº 041/2020 – 2º
PROCESSO Nº: 042/2020

LICITAÇÃO / MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS Nº: 001/2020 – CONTRATANTE: MUNICÍPIO DE GUARANTÃ/SP. CONTRATADA: EXATA CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS DE ENGENHARIA EIRELI ME. OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA NA REFORMA E AMPLIAÇÃO DO PRÉDIO DA E.M.E.I.F. "PROF.ª JULIA FERREIRA LEITE" LOCALIZADO NA RUA CEL. RODOLFO MACIEL, Nº 165, NO MUNICÍPIO DE GUARANTÃ/SP. DATA ASSINATURA: 28/12/2021. VENCIMENTO: 31/03/2022 (TRINTA E UM DIAS DO MÊS DE MARÇO DO ANO DE DOIS MIL E VINTE E DOIS)

ADITIVO CONTRATUAL Nº 067/2021
CONTRATO Nº 047/2020 – 2º
PROCESSO Nº: 061/2020

LICITAÇÃO/ MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS Nº: 002/2020 – CONTRATANTE: MUNICÍPIO DE GUARANTÃ/SP. CONTRATADA: EXATA CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS DE ENGENHARIA EIRELI ME. OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA NA AMPLIAÇÃO DO PRÉDIO DA E.M.E.I.F. "PROF.ª JULIA FERREIRA LEITE" LOCALIZADO NA RUA CEL. RODOLFO MACIEL, Nº 165, NO MUNICÍPIO DE GUARANTÃ/SP. DATA ASSINATURA: 28/12/2021. VENCIMENTO: 31/03/2022 (TRINTA E UM DIAS DO MÊS DE

COMUNICADO PÚBLICO

A CLARO S.A. comunica aos seus clientes do Serviço Telefônico Fixo Comutado – STFC, na modalidade Local, que rupturas de cabos ópticos impediram a prestação regular do serviço a alguns de seus usuários da localidade de Peruíbe - SP no dia 03/01/2022, a partir das 22h01' (horário de Brasília). A CLARO S.A. adotou imediatamente todas as providências necessárias para a regularização do serviço, normalizando-o integralmente às 03h40 (horário de Brasília) do dia 04/01/2022.

MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO
DEPARTAMENTO DE LICITAÇÕES E MATERIAIS

PC.2282/2021 – TP.10.001/2022 – CONTRATAÇÃO DE EMPRESA PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS ESPECIALIZADOS DE MONITORAMENTO MENSAL DE GASES NO TERMINAL GRANDE ALVARENGA, NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. – O edital estará disponível para realização de download no site www.saobernardo.sp.gov.br/licitacao, bem como para consulta e obtenção no Serviço de Licitações e Operações – SA.213.1, na Av. Kennedy nº 1100 – "Prédio Gilberto Pasin", Bairro Anchieta, nesta cidade, das 8h30 às 17h00, devendo o interessado estar munido de CD (Compact Disc) gravável. - ENTREGA DOS ENVELOPES: 25/01/2022 às 10h. – S. B. Campo, em 04 de janeiro de 2022

PECINI LEILÕES — EDITAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE

DATA: 1º Público Leilão: 13/01/2022, às 14h00 | 2º Público Leilão: 17/01/2022, às 14h00

ANGELA PECINI SILVEIRA, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 715, autorizada pela Credora Fiduciária **JJO CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA.**, CNPJ/RFB nº 02.680.280/0001-51, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, nos termos dos arts. 26 e 27 da Lei Federal nº 9.514/97, e posteriores alterações, o **IMÓVEL: APARTAMENTO 615, TIPO 2, NO 6º ANDAR OU 11º PAVIMENTO DO BLOCO 03 – ED. FIRENZE, DO "CONDOMÍNIO RESIDENCIAL DUE"**, situado na Rua Antonieta, nº 280 – Picanço, Guarulhos/SP, contendo as seguintes áreas: privativa de 59,6000m²; comum de divisão não proporcional de 25,9450m² da área bruta de garagem destinada à 01 (uma) vaga indeterminada; comum de divisão proporcional de 18,1266m²; área padrão de construção total de 96,3796m²; área real total de 103,6716. Fração ideal de 14,4952m² ou 0,2148% do terreno. Imóvel mais bem descrito na Mat. Imobiliária nº 150.249 do 2º Oficial de Registro de Imóveis de Guarulhos/SP. Inscrição Cadastral nº 083.64.38.0418.03.033. Consolidação da Propriedade em 14/12/2021. **Valores: 1º Leilão:** R$ 449.323,85. **2º Leilão:** R$ 492.463,66. **Encargos do Arrematante:** i) Pagamento à vista do valor do arremate e 5% de comissão da leiloeira; ii) Custas cartoriais, impostos e taxas de transmissão para lavratura e registro da escritura; iii) Todas as despesas que vencerem a partir da data da arrematação; iv) Verificação do imóvel, de sua situação jurídica e eventuais ações judiciais em andamento; v) Venda **AD CORPUS**. Imóvel entregue no estado em que se encontra; vi) **IMÓVEL OCUPADO**. Desocupação a cargo do arrematante. Ficam os Devedores Fiduciantes **CARLOS ALBERTO MUFATTO**, CPF 148.542.568-93, e **VIVIANE PINHEIRO SOARES MUFATTO**, CPF 269.745.968-55, comunicados das datas dos leilões também pelo presente edital. **Os interessados deverão tomar conhecimento do Edital Completo de Leilão, disponível no portal WWW.PECINILEILOES.COM.BR. Maiores informações pelo e-mail contato@pecinileiloes.com.br; WhatsApp (11) 97577-0485; Fone (19) 3295-9777. Avenida Rotary, 187 – Jd. das Paineiras, Campinas/SP, CEP nº 13.092-509.**

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM POSTOS DE SERVIÇOS DE COMBUSTÍVEIS E DERIVADOS DE PETRÓLEO DE SÃO PAULO - EDITAL DE CONVOCAÇÃO - O Sindicato dos Empregados em Postos de Serviços de Combustíveis e Derivados de Petróleo de São Paulo, por seu Diretor Presidente Rivaldo Morais da Silva, de acordo com seu Estatuto Social, com a Constituição Federal em seu artigo 8º, "caput" e incisos III e IV, com os artigos 513, "caput" e alínea "e", 545, "caput" e parágrafo único 578, 579, 585, "caput" e parágrafo único, todos da CLT, com o artigo 7º da Lei nº 11.648/2008 e com a Convenção 95 da OIT, convoca todos os empregados da categoria, associados ou não, empregados em Postos de Serviços de Combustíveis e Derivados de Petróleo, Lojas de Conveniência, Trocas de Óleo e demais empresas do segmento, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia 25/01/2022 em primeira chamada as 10:00 horas em primeira convocação, com 2/3 (dois terços) da categoria e, as 11:00 horas, em segunda convocação, com qualquer número de presentes na Rua Gaspar Lourenço, 420, Vila Mariana, São Paulo/SP, para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: 01) Leitura, discussão e votação da Ata da Assembleia anterior; 02) Discussão, votação e aprovação da Pauta de Reivindicações a ser encaminhada para o setor patronal, contendo a Parte Econômica com vigência de 01/03/2022 a 28/02/2023 e a Parte Social com vigência de 01/03/2022 a 29/02/2024; 03) Deliberação acerca do percentual a título de Contribuição Negocial e/ou Assistencial e/ou Confederativa, a ser descontado de todos os integrantes da categoria, nos termos do artigo 8º IV da Constituição Federal artigos 462, 513 na alínea "e" e 545 da CLT e ratificada na decisão do Supremo Tribunal Federal do RE 189.960/SP, ficando assegurado o direito de oposição aos descontos das contribuições, conforme dispõe o T.A.C. firmado junto ao M.P.T., não sendo aceitas e nem consideradas válidas, em hipóteses alguma, listas, relações e/ou entregas de oposição por qualquer outro meio que não seja individual, pessoal e obrigatoriamente por escrito; 04) Discussão e aprovação das formalidades legais para a cobrança e desconto da contribuição sindical obrigatória, conforme estabelecem os artigo 5º e 149 da Constituição Federal, 545, 578 e seguintes e 610 da CLT, com as alterações promovidas pela Lei nº 13.467/2.017; 05) Delegação de poderes para a Diretoria do Sindicato dos Empregados em Postos de Serviços de Combustíveis e Derivados de Petróleo de São Paulo, para negociar por vias administrativas a referida Convenção, firmando-a em nome próprio ou em caso de impossibilidade interpor Dissídio Coletivo no Colendo Tribunal Regional do Trabalho competente; 06) Autorizar o exercício do direito a greve na forma da Lei 7.783/89, em caso de malogro nas negociações; 07) Deliberação sobre a transformação da Assembleia em permanente, em toda jurisdição do Sinpospetro/SP, até o estabelecimento final das Normas coletivas da categoria. São Paulo, 05 de Janeiro de 2022. Rivaldo Morais da Silva - Presidente

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JAGUARIÚNA

AVISO DE RETIFICAÇÃO/RATIFICAÇÃO
AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA Nº 013/2021

Torna-se público e para conhecimento dos interessados que em publicação veiculada em 18 de dezembro de 2021, às fls. A25, neste Jornal, onde se lê: "...AVISO DE REABERTURA DE LICITAÇÃO...", lê-se: "...AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO...", e, onde se se lê: "...que se encontra reaberta...", lê-se: "...que se encontra aberta..."

Jaguariúna, 04 de janeiro de 2022.
Antonia M. S. X. Brasiliano – Departamento de Licitações e Contratos

AVISO DE JULGAMENTO DE CLASSIFICAÇÃO
CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 011/2021

No quarto dia do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e dois às 09:00 horas, na sala das sessões do Departamento de Licitações e Contratos, reuniu-se a Comissão Permanente de Licitações com a presença dos seus membros para abertura dos envelopes propostas de preços das empresas habilitadas, julgamento e classificação. Após abertura deles, devida rubrica e análises correspondentes, deliberou-se pela classificação da seguinte forma: 1º lugar e vencedora a empresa Convent Construção Civil EIRELI – CNPJ 02.647.165/0001-45 com o valor global de R$ 673.152,75, em 2º lugar a empresa Constel Construtora e Pavimentação EIRELI – CNPJ 52.770.039/0001-91 com o valor global de R$ 716.797,58 e em 3º lugar a empresa Construtora Simoso LTDA – CNPJ 46.169.536/0001-61 com valor global de R$ 756.303,64, tudo conforme a Ata circunstanciada da Sessão Pública ocorrida. Fica aberto o prazo recursal nos termos do art. 109, I, alínea "b" da lei 8666/93, de 05 (cinco) dias úteis, com relação a este julgamento, começando ele a correr do primeiro dia útil subsequente à data da última publicação.

Comissão Permanente de Licitação, 04 de janeiro de 2022.
Edson José da Silva Junior - Presidente

EXTRATO DE CONTRATO
TOMADA DE PREÇOS Nº 011/2021
Contrato nº: 001/2022
Contratante: Município de Jaguariúna
Contratada: Temasa – Tema Serviços Ambientais LTDA – CNPJ 06.954.901/0001-07

Objeto: Execução de obras de construção e instalação, incluindo mão de obra, materiais e equipamentos, do dique de contenção de hipoclorito de sódio da Estação de Tratamento de Esgoto – ETE Camanducaia no município de Jaguariúna – Contrato de Financiamento nº 0529.785-19 – operação de crédito autorizada pela Lei Municipal nº 2.646/2.019 - FINISA. Vigência: 08 (oito) meses a partir da assinatura do Contrato. Valor global: R$ 370.081,43.

Secretaria de Gabinete, 04 de janeiro de 2022.
Rita de Cássia Magalhães Dias - Respondendo interinamente pela Secretaria de Gabinete

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO
AVISO DE LICITAÇÃO
EDITAL N.º 265/2021-TP

Acha-se aberta no Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo, licitação na modalidade de **Tomada de Preços** - tipo: Menor Preço para a execução das obras e serviços de implantação de barreira atenuadora no km 82+350m, limpeza e estabilização do corte no km 88+000m e complementação da proteção vegetal a jusante da rodovia com plantio de mudas nativas nos km 88+050m e km 89+050m, da SP-098 – Rodovia Dom Paulo Rolim Loureiro, no Município de Bertioga, valor do orçamento de R$ 2.184.577,45 pelo prazo de 06 meses.

O edital poderá ser consultado pela internet, no site **www.der.sp.gov.br**. A versão completa do Edital poderá ser retirada das 09 às 17 horas, na Avenida do Estado, nº 777 – 2º andar – Sala 2012, mediante entrega no ato de um CD-R para aquisição da versão em mídia eletrônica.

Os envelopes contendo a proposta de preços (envelope 1) e documentação (envelope 2) serão recebidos, em Sessão Pública até às **15h30 do dia 02/02/2022, na sede do DER/SP, no 5º andar, Auditório – ala B**, com início da Sessão de Abertura logo após o vencimento do prazo de entrega dos envelopes, na mesma data e local, na presença de interessados.

As empresas interessadas poderão obter maiores esclarecimentos e informações na sede do DER/SP, na Avenida do Estado, 777 - 2º andar - sala 2012 - Comissão Julgadora de Licitações - CJL, na cidade de São Paulo - SP, ou através dos telefones: 0XX(11) 3311 1583, 0XX(11) 3311 1580, 0XX(11) 3311 1584 nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas ou através do e-mail **ecolicitacoes@der.sp.gov.br**.

As informações estarão disponíveis no site **http://www.e-negociospublicos.gov.br** ou **www.der.sp.gov.br**.

LEILÃO DE CASA - SÃO PAULO/SP
Online

1º Leilão: 08/02/2022 às 11h00 | 2º Leilão: 10/02/2022 às 11h00

Leilão de Alienação Fiduciária - Dora Plat, Leiloeira Oficial inscrita na JUCESP sob nº 744, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizada pelo Banco Bradesco S/A, inscrito no CNPJ sob nº 60.746.948/0001-12, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas e hora infracitadas, na forma da Lei 9.514/97. **Localização do imóvel: São Paulo/SP. Bairro Parque São Rafael.** Rua Manuel Botelho, nº 259. **Casa.** (lote nº 04, quadra nº 100.) Itaquera. Áreas totais: ter. 250,00m² e constr. 313,26m² (estimada no local). Matr. 32.361 do 9º RI Local. **Obs.:** Área construída pendente de averbação no RI. Regularização e encargos perante aos órgãos competentes da divergência da área construída lançada no IPTU, com a apurada no local e averbada no RI, correrão por conta do comprador. Ocupado. (AF). **1º Leilão:** 08/02/2022, às 11:00 h. Lance mínimo: **R$ 1.244.837,63. 2º Leilão:** 10/02/2022, às 11:00 h. Lance mínimo: **R$ 1.125.199,78** (caso não seja arrematado no 1º leilão). **Obs.: Os leilões serão realizados exclusivamente pela Internet, através do site www.zukerman.com.br. Condição de pagamento:** à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017.

Mais informações: 3003-0677 | Os interessados devem consultar o edital completo disponível nos sites: BANCO.BRADESCO/LEILOES | www.ZUKERMAN.com.br

LEILÃO DE APARTAMENTO - BARUERI/SP
Online

1º Leilão: 08/02/2022 às 11h00 | 2º Leilão: 10/02/2022 às 11h00

Leilão de Alienação Fiduciária - Dora Plat, Leiloeira Oficial inscrita na JUCESP sob nº 744, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizada pelo Banco Bradesco S/A, inscrito no CNPJ sob nº 60.746.948/0001-12, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas e hora infracitadas, na forma da Lei 9.514/97. **Localização do imóvel: Barueri/SP. Bairro Alphaville Empresarial.** Rua Avenida Parkinson, nº 72, **Apto. nº 2502** (Loteamento Green Valley. 25º pav.), Empreendimento Lumina Gramercy Park, com direito ao uso de estacionamento e guarda de 03 veículos na garagem coletiva do edifício. Áreas totais: priv.: 177,48m² e total: 329,319m². Matr. 174.939 do RI Local. **Obs.:** Constam nas av. nºs 14, 17 à 29 Indisponibilidade de Bens, e na av. 15 Penhora, que serão baixadas pelo vendedor, sem prazo determinado. O imóvel está situado no domínio útil do terreno foreiro a União Federal. Ocupado (AF). **1º Leilão:** 08/02/2022, às 11:00 h. Lance mínimo: **R$ 2.086.903,99. 2º Leilão:** 10/02/2022, às 11:00 h. Lance mínimo: **R$ 1.030.200,00** (caso não seja arrematado no 1º leilão). **Obs.: Os leilões serão realizados exclusivamente pela Internet, através do site www.zukerman.com.br. Condição de pagamento:** à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017.

Mais informações: 3003-0677 | Os interessados devem consultar o edital completo disponível nos sites: BANCO.BRADESCO/LEILOES | www.ZUKERMAN.com.br

mercado

Nova onda de Covid e gripe desfalca empresas

Com funcionários afastados, restaurante tem de apelar a familiares; transporte coletivo e supermercados são afetados

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Não se fala em outra coisa. Uma nova onda de contaminações por Covid-19 vai passando pelo país, acompanhada pela circulação de outro tipo de gripe, mais forte e mais transmissível.

Se, por um lado, a vacinação dá sinais de que consegue conter novo pico de mortes pela doença, por outro, o aumento da contaminação está tirando de circulação a força de trabalho em diversos setores.

Setores intensivos em mão de obra e circulação de pessoas, como supermercados, transporte coletivo, bares e restaurantes, sentem o aumento de afastamentos e começam a se preocupar com uma eventual piora do quadro.

No restaurante de Claudio Rabelo, em São José dos Campos (SP), 5 dos 9 funcionários estão afastados por Covid-19. Para manter o negócio em funcionamento, apelou para a família. "Recorri ao meu filho, nora e irmãos. E ainda faltou um pouco para a logística do dia a dia."

Pedro Hermeto, da Abrasel (Associação de Bares e Restaurantes) no Rio, diz que há 15 dias o surto da nova gripe, causada pelo vírus H3N2, levou restaurantes de pequeno e médio porte a fechar por alguns dias. O dirigente também viu a própria equipe ficar desfalcada. De 50 funcionários, chegou a ter 9 em licença médica no início de dezembro. "Naquele momento, foi o surto de gripe, e achamos que o de ômicron deve chegar em alguns dias. Estamos vendo os casos se aproximando e nos roubando a mão de obra."

A solução, hoje, diz Hermeto, tem sido reforçar as listas de extras, comuns no setor de bares e restaurantes. A maioria tem uma equipe fixa para os dias com menos movimento, e uma outra, flutuante, para os dias de ocupação maior.

"Temos que intensificar os contatos com as listas. Há uma falta geral de mão de obra nessa retomada das atividades que torna mais difícil manter os extras", afirma.

O crescimento nos casos de Covid-19 não preocupa o empresariado apenas pela redução na força de trabalho disponível. Vem também da lembrança fresca de portas fechadas ou de restrições ao horário de atendimento e à lotação. A expectativa com o verão deste ano era de casa cheia e recuperação econômica.

"Isso é um sinal que temos de continuar nos cuidando cada vez mais. Financeiramente, voltamos uns 20 anos. Os que não fecharam as portas assumiram dívidas exorbitantes com bancos", diz. Para ele, é fundamental que os eventos alusivos ao Carnaval sejam cancelados.

No transporte coletivo urbano de São Paulo, o número de atestados médicos apresentados por motoristas, cobradores e funcionários da manutenção subiu 35%, segundo levantamento da SPUrbanuss, sindicato das empresas do setor.

Esses afastamentos ocorreram porque os trabalhadores tinham sintomas de gripe, de Covid, de resfriado e dor de garganta.

Para lidar com a possibilidade de mais afastamentos, as empresas deverão contar com a reserva técnica, uma sobra de veículos e funcionários prevista no contrato de concessão. Dos cerca de 14 mil ônibus da frota, 13 mil estão em operação diariamente. Uma empresa também pode acionar a reserva de outra para cobrir licenças médicas ou necessidades excepcionais.

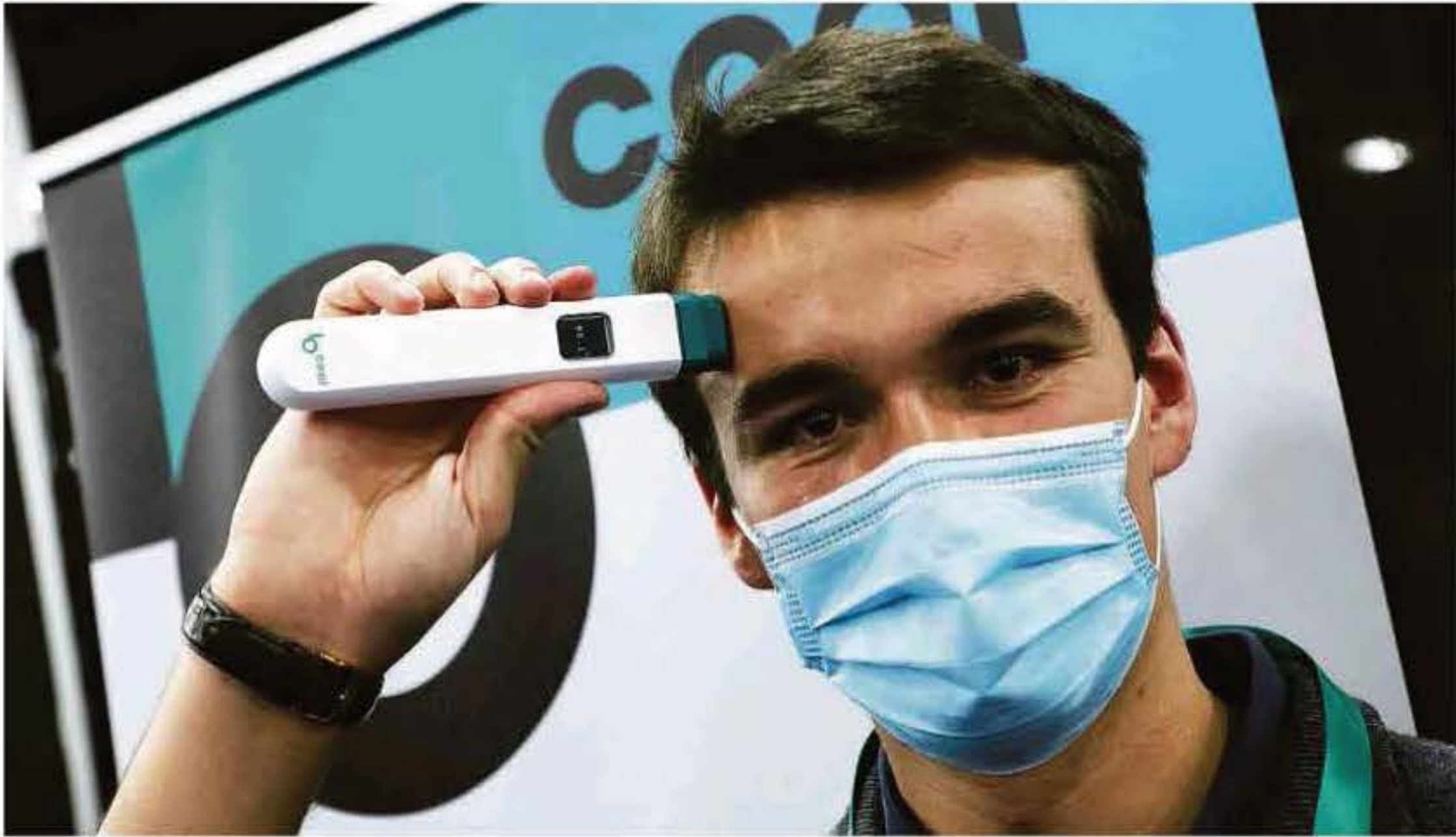
A Apas (Associação Paulista de Supermercados) diz ter observado uma concentração de casos de gripe na capital paulista e em algumas regiões do estado.

"Seguindo as regras sanitárias, os funcionários com sintomas de gripe são orientados a procurar o serviço de saúde e permanecer afastados do trabalho pelo período de quatro a cinco dias", diz a entidade, em nota.

A reposição de funcionários nos supermercados gera um custo extra às redes, segundo a Apas. "Mas, graças à capilaridade de sua rede e à ampla margem de negociação com fornecedores e com a indústria, o setor consegue absorver esse custo excedente sem repassá-lo aos produtos ofertados nas lojas."

Em outros países, onde as novas ondas de alta na contaminação pela ômicron chegaram antes do Brasil, há relatos de empresas fechadas e problemas em serviços públicos. Nos EUA, o jornal The New York Times mostrou que, além dos afastamentos, os empregadores não sabem ao certo qual é o tempo de isolamento necessário antes do retorno.

No Reino Unido, o trabalho após o recesso de fim de ano seria retomado nesta terça (4), mas serviços como hospitais e escolas estavam com escassez de funcionários pois muitos estavam doentes ou em isolamento por estarem contaminados.

Vinicius Torres Freire
O colunista está em férias

Ethan Miller/Getty Images/AFP

COM MENOS EXPOSITORES, CES COMEÇA EM LAS VEGAS

Demonstração, na CES (Consumer Electronics Show), de termômetro da Barracoda (foto) que não precisa de bateria —basta agitar o equipamento para gerar energia, medir a temperatura e enviar os dados diretamente para os médicos. A feira anual de tecnologia, considerada a maior do mundo, começa nesta quarta-feira (5) com participações de expositores canceladas em razão do surto da variante ômicron. Evento também terá um dia a menos neste ano e termina no sábado (8)

PF ainda investiga ataques hacker e 'megavazamento' de dados após 1 ano

Paula Soprana

SÃO PAULO O balanço das investigações de ciberataques decepciona. Os principais ataques hacker a órgãos do governo durante a pandemia e a investigação sobre o caso do "megavazamento" —a venda de dados pessoais de 223 milhões de brasileiros na internet—, ocorrido há cerca de um ano, ainda estão sem resposta.

Entre as ofensivas cibernéticas mais recentes, a PF (Polícia Federal) investiga o sequestro de dados do STJ (Superior Tribunal de Justiça) e o vazamento do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ambos em novembro de 2020, o chamado megavazamento, denunciado em janeiro de 2021 pela empresa de segurança Psafe, e as invasões a sistemas do Ministério da Saúde e outros órgãos, em dezembro.

Até agora, foram presas ao menos quatro pessoas (sendo duas liberadas) relacionadas aos casos de TSE e da venda de pacotes de dados na internet, mas nenhuma ação efetiva sobre a segurança das informações pessoais dos cidadãos, em especial no setor público.

A ANPD (Autoridade Nacional de Proteção de Dados), responsável por fiscalizar o cumprimento de empresas e órgãos públicos à lei de proteção de dados pessoais, diz aguardar respostas do Ministério da Saúde e relatórios da PF na maioria dos casos.

Estruturada no fim de 2020, a autoridade estava originalmente designada para ser uma autarquia independente, mas ficou ligada à Casa Civil. Os diretores foram nomeados pelo presidente Jair Bolsonaro (PL).

A lei determina as informações dos titulares sejam protegidas do ponto de vista técnico, com segurança digital em sistemas e páginas da internet, e do contratual: dados não podem ser compartilhados com outras empresas ou órgãos sem transparência ou consentimento do cidadão, por exemplo.

"No caso do Ministério da Saúde, estamos atuando para que se dê um retorno à sociedade, aguardamos respostas sobre quem é o encarregado [dos dados], como é a questão de criptografia, entre outras. No meu entender, procedimentos de governança têm que ser revistos, assim como políticas de senha. O vazamento às vezes é de dentro da empresa", diz Waldemar Gonçalves Ortunho, diretor-presidente da ANPD.

A venda de informações pessoais se intensificou após o megavazamento, que ocorreu há um ano, e a comercialização de acesso a banco de dados é prática recorrente, como mostrou recente reportagem da **Folha**.

Em janeiro de 2021, a empresa PSafe divulgou que dados como CPFs, endereços e outras informações de 223 milhões de brasileiros, portanto incluindo pessoas mortas, estavam sendo comercializadas em fóruns da internet. Embora a venda de informações seja comum, o que espantou os especialistas à época foi a quantidade de informações dos arquivos.

Ainda que várias empresas tenham surgidos como suspeitas, a hipótese mais forte é que os dados tenham sido agregados ao longo de vários anos e por diversas fontes, não apenas uma.

Até o nome de "megavazamento" é contestado na comunidade de segurança digital, já pressupõe que tenha saído de apenas uma origem. A hipótese de que seja apenas uma fonte, entretanto, ainda não foi descartada.

As investigações estão avançadas, chegaram em um nome em Uberlândia (MG), tiveram apreensão de 4 terabytes de dados, que são investigados, mas não teve nada concluído até o momento", diz Ortunho.

Ele refere-se à prisão de um hacker conhecido como VandaTheGod, com histórico de invasões reconhecido no mundo do cibercrime.

Ele e outro suspeito, que depois foi liberado, tiveram prisão preventiva decretada pelo ministro do Supremo Alexandre de Moraes por atuações pregressas.

VandaTheGod chegou a escrever em uma rede social, antes de ser preso, que a origem do megavazamento não era o Serasa (uma das empresas questionadas à época e que não verificou nenhum incidente em seus sistemas), mas outra empresa privada e ligada ao governo.

O caso do STJ, em novembro de 2020, também está sem desfecho. Os sistemas do tribunal foram alvo de ransomware, sequestro de dados por criptografia e liberação mediante pagamento de resgate.

Mesmo que as investigações culminem em prisões, o setor público demonstrou vulnerabilidade em seus sistemas, governança frágil ou inexistente para o tratamento de dados e pouco retorno à sociedade, segundo o advogado Danilo Doneda, membro do conselho nacional de proteção de dados da ANPD.

"São tragédias anunciadas. Ao rapidamente culpar hackers, lavamos as mãos sobre a própria responsabilidade do setor público. Os sistemas são invadidos, mas não deveriam ser", afirma.

Para Ortunho, o Brasil precisa de um "novo órgão de tratamento de incidentes, que deve ser bem pensado, com muita tecnologia e pessoal treinado.

+ Principais ataques recentes

STJ, novembro de 2020
Ataque do tipo ransomware, com sequestro de máquinas de ministros e de servidores; sistemas foram recuperados apenas dez dias depois. Dados da nuvem foram preservados

TSE, novembro de 2020
Vazamento de dados. PF prendeu suspeitos; invasão não tem relação com segurança da urna eletrônica

Embraer, dezembro de 2020
Ransomware; empresa não pagou resgate e dados foram vazados na internet, como contratos com outras empresas e planilhas internas com informações de funcionários

Megavazamento, janeiro de 2021
Denunciado pela empresa PSafe, episódio foi marcado por um grande pacote de dados agregados vendido tanto da deep web (internet não indexada a motores de busca) como em fóruns de acesso simples

TRF-3, fevereiro de 2021
Invasão do sistema do tribunal para alteração de documentos visando favorecimento pessoal; uma pessoa foi presa

TJ-RS, maio de 2021
Ransomware; foi considerado o pior incidente digital do RS, com acesso ao tribunal cessado por 24 horas. Polícia cumpriu mandado de busca e apreensão

Laboratório Fleury, junho de 2021
Resultados de exames de clientes, via aplicativo, ficaram indisponíveis por uma semana

Lojas Renner, agosto de 2021
Ransomware deixou ecommerce fora do ar

Ministério da Saúde e outros órgãos, dezembro de 2021
Aplicativo ConecteSUS, que emite certificado nacional de vacinação, ficou fora do ar por 13 dias

Ao rapidamente culpar hackers, lavamos as mãos sobre a própria responsabilidade do setor público

Danilo Doneda, membro do conselho nacional de proteção de dados da ANPD

Euro chega aos 20 anos melhor para uns do que para outros

Crença era que, ao ter moeda comum, nações distintas convergiriam em mentalidade

Helio Beltrão
Engenheiro com especialização em finanças e MBA na Universidade Columbia, é presidente do Instituto Mises Brasil

Há 20 anos começavam a circular as notas de euro. É a primeira moeda pós-moderna, uma metamoeda não lastreada em uma base de impostos, um governo, ou um exército. Pura abstração.

O euro foi o projeto de poder geopolítico do socialista Jacques Delors, que ansiava por conter a potência econômica da Alemanha reunificada bem como confrontar a supremacia dos EUA e do dólar.

Nos seus primeiros anos, foi notável o avanço propiciado por uma moeda comum. Com a eliminação dos custos de câmbio e a transparência de preços, o comércio entre países prosperou. Os países periféricos se beneficiaram e enriqueceram, como na era do padrão-ouro, durante a qual virtualmente o mundo inteiro usava a mesma moeda.

Porém, assim como o monstro Frankenstein de Mary Shelley, o euro era uma ideia meio amalucada de unir órgãos e tecidos vitais (pesetas, escudos, dracmas, florins, coroas e marcos), alguns saudáveis, outros menos, em uma criatura estéril que ganhou vida.

Convenientemente se desconsiderou que alguns desses órgãos possuíam histórico de falências múltiplas, guerras civis e inflação galopante. A crença ingênua era que, ao possuir um dinheiro comum, as nações completamente distintas convergiriam em mentalidade. Ou seja, torcia-se para que os gregos se tornassem responsáveis e poupadores como os alemães. Não rolou.

Ao fim da primeira década de existência, o histórico de irresponsabilidade veio à tona. Durante a crise da dívida soberana (2009-2011), os governos dos países que compunham a sigla Pigs (Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha) não conseguiam pagar e refinanciar suas dívidas ou socorrer os bancos de seus países. O BCE (Banco Central Europeu) terminou socorrendo a todos com a criação de uma montanha de novos euros, por meio de um artifício no qual os países ricos, principalmente a Alemanha, afiançam os maus pagadores.

Esse tipo de socorro, no entanto, se assemelha mais a política fiscal e econômica do que a política monetária: não era esse o mandato do euro. Mas, para enfrentar a crise existencial, apoiou-se o lema de Mario Draghi, então presidente do BCE: "Fazer tudo que for preciso".

A criatura sobreviveu.

Uma agenda escondida de Delors e de seus descendentes ideológicos era que o euro facilitaria a integração política na Europa (um macroestado central em Bruxelas) e a implementação do socialismo pela porta de trás: como no trocadilho da Thatcher, "socialism through the back Delors".

O socialista fabiano Bernard Shaw dizia que "o governo que promete roubar de Pedro para dar a Paulo pode sempre contar com o apoio de Paulo". Uma moeda comum com um Estado central viabiliza a contínua expropriação dos Pedros pelos Paulos, a tara redistributiva dos socialistas.

Porém o euro, pelo menos até 2020, se revelou paradoxalmente um obstáculo à ideia de Delors. Keynes dizia que o padrão-ouro "algema os ministros da Economia"; o euro gera o mesmo efeito. Antes, em crises financeiras, os governos adiavam reformas e geravam inflação e desvalorização da moeda. Agora, o truque de desvalorizar para ocultar irresponsabilidades foi abolido. A única saída passou a ser lidar com os investidores e colocar as contas em dia. Não é à toa que populistas de esquerda e direita querem enterrar o euro. Se esquecem de que, se desvalorizar fosse bom, Venezuela, Zimbábue e Argentina seriam ricas, e a Suíça, pobre.

Os alemães tentaram garantir na partida que o euro tivesse boa gestão monetária, com o BCE focando exclusivamente a estabilidade de preços. As coisas mudaram desde então e, dadas a inflação atual e as novas metas do BCE de combater mudanças climáticas e resgatar governos irresponsáveis, os frugais alemães talvez já estejam arrependidos desse experimento monetário.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, **Solange Srour** | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Isenção de até US$ 1.000 deixa mais produtos livres de imposto

Conheça dez gadgets vendidos nos EUA que agora turista pode trazer sem pagar tributo na chegada

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Desde sábado (1º), produtos que custem até US$ 1.000 (R$ 5.677) estão isentos de impostos ao entrar no Brasil com passageiros que viajam de avião ou navio. A determinação da Receita Federal dobrou o limite, que antes era de US$ 500 (R$ 2.838,50).

Se as compras do viajante somarem mais de US$ 1.000, o valor excedente será taxado em 50%.

A novidade inclui na lista de isenção produtos cobiçados entre os brasileiros, como o iPhone 13 Pro, o MacBook Air e um dos melhores robôs aspiradores do mercado. Os valores não incluem taxas que podem ser cobradas e variam conforme o estado americano —podem ser isento em alguns.

Itens que são de uso próprio do viajante, como roupas e um aparelho celular, são isentos, desde que estejam usados e sejam compatíveis com a viagem realizada.

MacBook Air (US$ 999 ou R$ 5.671,32)
O laptop ultrafino da Apple da linha lançada em 2008 é o mais básico da marca, mas ainda entrega rapidez, bom desempenho e ótima definição da tela.
Para ficar no limite da Receita Federal, é preciso optar pelo mais modesto: com chip M1, placa de vídeo com sete núcleos, e não oito, e armazenamento de 256 GB.

GeForce RTX 3080 (US$ 699 ou R$ 3.968,22)
Da série GeForce RTX 3080 das placas de vídeo da Nvidia, é possível comprar a mais básica dentro do limite imposto pela Receita Federal. O produto é direcionado para gamers e promove uma das melhores performances da companhia.

Drone Mavic Air 2 (US$ 799,95 ou R$ 4.541,32)
Apesar do preço salgado, o drone Mavic Air 2 é conhecido por ser fácil de pilotar e oferecer altíssima resolução das imagens que capta. Também está dentro do limite o combo que vem com baterias, hélices e cabos extras: por US$ 989,95 (R$ 5.619,95), é possível comprar o kit completo.

Vitamix A3500 (US$ 649,95 ou R$ 3.689,76)
A empresa Vitamix justifica o preço de seus liquidificadores, diferentes de qualquer outra marca, pelas funcionalidades das peças. No caso da A3500, é possível colocar batatas, por exemplo, e tirar uma sopa quente —ou morangos e ter um sorvete. Isso porque ele esquenta e esfria, o que tira o fogão de cena em alguns casos. A sua potência dispensa o uso do mixer, e o wifi permite controlar o liquidificador pelo celular.

iPhone 13 Pro (US$ 999 ou R$ 5.671,32)
Lançado em setembro de 2021, o mais avançado dos iPhones tem a sua versão mais básica no limite do novo valor mínimo —a com tela de 6,1 polegadas que comporta 128 GB de conteúdo.
A novidade do aparelho, que tem três câmeras embutidas, é a função chamada "Cinematic Mode". Ela permite que o foco se adapte instantaneamente à velocidade da filmagem, o que dá mais fluidez aos movimentos das cenas registradas.

Processador Intel Core i9-12900KF (US$ 599 ou R$ 3.400,52)
Lançado em outubro do ano passado, o processador de 12ª geração da Intel é um dos melhores da atualidade. "Cérebros do computador", os processadores são normalmente os responsáveis por lentidão e bugs no sistema. O da Intel tem 128 GB de memória e 16 núcleos.

Valve Index (US$ 999 ou R$ 5.676,94)
O fone de ouvido para gamers que querem jogar em realidade virtual também pode chegar ao Brasil sem impostos. Com os óculos e demais equipamentos que vêm no kit, o jogador tem uma experiência de imersão ao conectar-se com um computador em um jogo que comporte a tecnologia.

Galaxy Z Flip3 5G (US$ 999,99 ou R$ 5.676,94)
O modelo com capacidade de armazenamento de 128 GB do smartphone da Samsung está dentro do limite por pouco e compete com o iPhone.
A novidade da linha é a característica dobrável do celular, em um visual semelhante aos antigos aparelhos com flip —mas que aberto vira um smartphone com tela sensível ao toque de 1,9 polegada.

GoPro Hero 10 (US$ 659,94 ou R$ 3.746,48)
A câmera fotográfica foi lançada em setembro do ano passado com uma websérie para o YouTube, a "Casa GoPro Hero10 Black". Nela, os participantes usavam a máquina criada para esportistas em um reality show.
O lançamento pomposo se justifica: essa é a mais tecnológica câmera da empresa, que, em 2018, parou de fabricar drones por uma crise e demitiu 20% da equipe. Os seus equipamentos, porém, são emblemáticos para viajantes e praticantes de esportes radicais: o diferencial da marca está no estabilização da imagem.

Robô aspirador Roomba J7+ (US$ 849,99 ou R$ 4.825,39)
A empresa iRobot, pioneira em vender equipamentos para casas inteligentes, tem o que é considerado o melhor robô aspirador do mercado: o Roomba S9+. Com uma base automática para onde o robô volta quando termina o trabalho, um cesto coletor da sujeira, o melhor poder de sucção da marca e conexão com assistentes de voz, o aparelho estoura o teto de US$ 1.000.
Um pouco abaixo dele e dentro do limite, está o Roomba J7+. Ele mantém algumas das características, como a base automática e o cesto coletor, além de ser programável para evitar áreas específicas da casa.

Parlamentares de EUA e UE querem apurar relação da JBS com desmate

Rafael Balago

WASHINGTON Três parlamentares, dos Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia, divulgaram um comunicado nesta terça-feira (4) no qual pedem que os governos investiguem a empresa brasileira JBS por suas práticas comerciais e possível relação com o desmatamento da Amazônia.

O pedido foi feito por Bob Menendez (democrata), presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA, Ian Liddell-Grainger (conservador), membro do Parlamento Britânico, e Norbert Lins (alemão, partido dos democratas cristãos), eurodeputado e presidente da Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Parlamento Europeu (braço legislativo da União Europeia).

"Como legisladores da Europa e dos Estados Unidos, temos observado com preocupação crescente as problemáticas práticas de negócio da companhia brasileira JBS, de sua matriz, a J&F Investimentos, e de suas subsidiárias", diz o pedido.

"Estamos unidos em pedir à Justiça e às agências de segurança de nossos respectivos governos que conduzam investigações coordenadas sobre as práticas de negócios da JBS, de modo a garantir que a companhia seja forçada a operar sob as normas financeiras e ambientais exigidas de todos os negócios [...]", pedem os parlamentares.

"Permanecemos profundamente preocupados pelo incômodo histórico ambiental da JBS na América do Sul e com o dano que a companhia tem causado na floresta amazônica", acusam.

"Na última década, a JBS ganhou notoriedade global por seu envolvimento em um amplo espectro de atividades criminais", prossegue o documento.

Os parlamentares apontam que Wesley e Joesley Batista permanecem como acionistas majoritários da empresa, apesar de terem sido alvo de vários processos. Os dois, no entanto, não estão em postos oficiais de comando.

Procurada pela **Folha**, a JBS não comentou.

mercado

Após 90 anos, GM perde, para a Toyota, 1º lugar na venda de carros nos EUA

Eduardo Sodré

SÃO PAULO A General Motors perdeu a primeira colocação em vendas nos Estados Unidos em 2021. A montadora foi ultrapassada pela japonesa Toyota, que teve aproximadamente 2,3 milhões de unidades comercializadas no ano passado —114 mil a mais que a concorrente norte-americana.

É um feito histórico: juntas, as marcas que pertencem à GM vinham mantendo a liderança do mercado em seu país-sede desde 1931, segundo a agência Automotive News. Os números de comercialização foram divulgados pelas fabricantes.

O resultado se deve principalmente à escassez de semicondutores. A empresa americana foi uma das mais prejudicadas pelo problema, que interrompeu suas linhas de produção mundo afora. No Brasil, a fábrica de Gravataí (RS), que produz o compacto Onix, ficou parada por cerca de seis meses ao longo de 2021.

Enquanto a Toyota manteve uma certa regularidade em 2021, a recuperação global da GM só ocorreu no último trimestre. Já a Toyota manteve um mix mais equilibrado, que resultou no crescimento de 10% no mercado americano.

A marca japonesa chegou ao mercado americano no fim da década de 1950. Os primeiros carros foram o sedã Toyopet Crown e o jipe Land Cruiser, que se chamou Bandeirante no mercado brasileiro.

A importação ganhou volume em 1965 com o modelo Corona. Três anos depois veio o Corolla e, no fim da década de 1970, a montadora se tornou a maior entre as estrangeiras em solo americano.

A produção da Toyota nos EUA teve início em 1986. A marca fabricou o hatch FX16 por meio de uma joint venture feita justamente com a GM.

BlackBerry encerra serviços de linha de smartphones

BENGALURU (ÍNDIA) | REUTERS A BlackBerry está encerrando o serviço de smartphones corporativos, que eram carregados por executivos, políticos e por legiões de fãs no início dos anos 2000.

A mudança marca o fim de uma era, pois os telefones, que apresentavam um minúsculo teclado físico, foram pioneiros no envio de emails e mensagens instantâneas.

O ex-presidente dos EUA Barack Obama, um dos usuários mais famosos de um aparelho BlackBerry, ganhou as manchetes em 2016 quando foi convidado a trocar de aparelho.

A BlackBerry perdeu a preferência dos usuários com a chegada dos iPhones com tela sensível a toque e dispositivos Android rivais. Nos últimos anos, a empresa começou a desenvolver softwares de segurança digital e sistemas operacionais integrados para carros.

As redes sociais ficaram repletas de homenagens após o anúncio. Um usuário do Twitter relembrou que era uma "máquina fabulosa" e esperava que os telefones da empresa fossem ressuscitados.

Em 2020, a empresa disse que tomaria medidas para encerrar os serviços legados dos sistemas operacionais BlackBerry 10 e BlackBerry OS e dispositivos que executam eles não seriam mais suportados. A companhia também afirmou que os aparelhos não seriam capazes de receber ou enviar dados, fazer chamadas telefônicas ou enviar mensagens de forma confiável.

startups & fintechs

Em 2022, pagamento por QR Code vai se consolidar, diz sócio da PwC

Operações digitais devem quase triplicar até 2030, aponta estudo da multinacional

Divulgação

ENTREVISTA
WILLER MARCONDES

Daniela Arcanjo

Willer Marcondes

Com passagens pela rede de hotéis Accor e pela multinacional de tecnologia Accenture, Marcondes é sócio da PwC Brasil, empresa de consultoria e auditoria

RIBEIRÃO PRETO A corrida da indústria de pagamentos pelo QR Code já começou. E, se há alguns anos ela esbarrava em problemas operacionais e falta de interesse da população, em 2022 a sua sorte deve mudar —essa é a aposta de Willer Marcondes, sócio da PwC Brasil, multinacional de consultoria e auditoria.

Em dezembro, a companhia divulgou estudo sobre o cenário de pagamentos em 2025 e 2030 no mundo. A projeção é que o número de transações sem dinheiro em espécie quase triplique daqui oito anos e passe de 3 trilhões em 12 meses.

Em números absolutos, a África deve despontar e passar a América Latina, onde há menos espaço para crescimento. Ásia e Pacífico seguem isolados na frente, tanto em velocidade de crescimento quanto em transações.

Nesse cenário, os métodos alternativos de pagamento —por meio de celular, QR Code e até mesmo com a ajuda de mensagens de texto— serão os protagonistas.

Apesar de não estarem na região que mais cresce, os brasileiros também terão que se adaptar a novidades. "A gente deve ver bastante QR Code na rua neste ano", afirma Marcondes sobre um horizonte um pouco mais próximo.

*

O que o senhor destacaria do estudo? A primeira coisa é a dinâmica de crescimentos. A Ásia, que é o grande mercado hoje, vai se consolidar em relação ao restante do mundo no volume de pagamentos. A África vai ser o segundo vetor de crescimento: sai hoje do último lugar e vai passar a América Latina em dez anos —não em termos per capita, mas em número de transações.

Mas em que setor cresce? Esse é o segundo ponto que a pesquisa traz com bastante clareza. Os bancos vão continuar sendo um player importante, mas surge um concorrente: os métodos alternativos de pagamento, operados principalmente por wallets [carteiras digitais]. Eles fazem uso basicamente de duas fontes: os pagamentos instantâneos e as criptomoedas.

Se você olhar a indústria hoje, os papéis estão muito claros. A bandeira está no meio. De um lado, tem a empresa de maquininha que conversa com o ponto de venda, e, do outro, o banco que emite o cartão e conversa com o portador, a pessoa física ou jurídica final. Cada um está no seu mundo, explora o seu ecossistema e tem as suas receitas. O player alternativo de pagamento quebra essa cadeia, porque ele explora o serviço das três pontas. Do recebedor, do comércio e da bandeira. O ambiente competitivo muda significativamente.

O sr. fala que os bancos e as instituições tradicionais não necessariamente saem perdendo nesse cenário que a pesquisa apresenta. Mas de alguma forma isso pode acontecer, porque hoje são eles que estão provendo os serviços ameaçados, certo? Os bancos vão continuar crescendo no Brasil e no mundo. Quando comparamos o que eram em 2020 e o que vão ser em 2030, eles quase dobram de tamanho no Brasil e fora dele. Os bancos e suas áreas de cartões. Se você me perguntar até 2050, talvez o cartão deixe de existir, mas em dez anos não.

Então o setor de fintechs, apesar de parecer saturado, ainda tem espaço para crescer. Falar fintech é muito aberto. Há vários núcleos: pagamento, crédito, criptomoedas, soluções antifraude. No nosso estudo, a gente identificou mais de 700 atuantes no Brasil, e com um nível de cobertura bastante grande nos vários segmentos.

Agora a gente começa a observar: será que tem espaço para todas essas 20, 30, 40 maquininhas diferentes? Uma indústria que está reduzindo receitas, ainda não encontrou novas fontes de lucro e que está muito dependente da transação do cartão, quando há métodos alternativos como o Pix?

Quais são as consequências para a sociedade desse nível de abstração que vamos alcançar em relação a dinheiro? Não diria que é um problema. Quanto mais você tira de dinheiro físico da sociedade, melhor, por vários aspectos. Circular dinheiro é caro: carro-forte, logística. Você não controla dinheiro físico, por isso há esses casos de malas de dinheiro, apartamentos cheios de caixa de dinheiro. No formato digital, é possível criar mecanismos regulatórios.

Agora, existem riscos. A gente fica à mercê de novas fraudes, então os mecanismos de controle também precisam evoluir. Por isso que uma das novas tendências mais importantes que apontamos no estudo é a preocupação com a cibersegurança e o controle. Se o sistema é falho, deixamos de ter uma apropriação de valor importante.

Fazendo um paralelo: o WhatsApp ficou fora do ar há alguns meses. Teve muito comércio que falou que deixou de faturar, porque hoje o mecanismo dele de faturamento é vender pelo WhatsApp. Se a gente começa a ter dias fora do ar no sistema, a sociedade deixa de ter os instrumentos para resolver seus pagamentos.

O senhor falou sobre a bancarização na pandemia, mas em áreas como trabalho e educação a digitalização foi um marcador da desigualdade. O que podemos fazer para não ver essa história se repetir com os pagamentos virtuais? O tema da digitalização passa por ter infraestrutura e conectividade. O primeiro ponto é: as pessoas precisam ter os equipamentos que tragam as condições de uso de que precisamos. Não é o celular de todo o mundo que tem condições de fazer uma transação em tempo real, por exemplo. A indústria carece de infraestrutura.

A gente está caminhando para o 5G, mas em várias regiões do Brasil nem o 3G está consolidado. Ter que pensar em soluções alternativas por causa de problemas de conectividade é colocar custos, adicionar estrutura para um problema que não deveria existir.

Às vezes não damos valor, mas vai ver a quantidade de pontos de caixas eletrônicos, de pontos de venda onde você consegue fazer uma transação

A segunda coisa é a seguinte: existe uma rede importante já estabelecida no Brasil. Às vezes não damos valor, mas vai ver a quantidade de pontos de caixas eletrônicos, de pontos de venda onde você consegue fazer uma transação. É uma rede importante, as coisas precisam ser integradas. Não adianta a gente achar que os novos players têm que ser 100% baseados em celular e esquecer que temos uma rede bastante rica e importante que funciona no Brasil. É um superdiferencial. Precisamos de mecanismos integrados, não só isolados, de celular para celular. O celular pode ler um QR code, fazer uma transação de campo de aproximação.

E a terceira coisa seria trabalhar com o consumidor final o entendimento de como as coisas funcionam. O Pix é um bom exemplo disso. Por que deu tão certo? É um sistema bem montado, e o custo de uma transação para um brasileiro era alto. Mas teve um fator muito importante que foi o engajamento amplo da mídia e dos bancos. No final, o consumidor entendeu amplamente como funcionava.

Falamos de um período bem longo, dez anos para a frente. Falando do próximo ano, o que podemos esperar de atualização do sistema financeiro e circulação de capital no Brasil? Eu diria que o Pix vai se consolidar. Veio para ficar, vai se integrar cada vez mais com boleto bancário e outros elementos de pagamento.

o Pix vai se consolidar. Veio para ficar, vai se integrar cada vez mais com boleto bancário e outros elementos de pagamento

Segunda coisa: a gente deve ver um movimento mais forte das wallets, carteiras de pagamento. Os players atuais são importantes para transações de dinheiro entre pessoas, vamos começar a ver as soluções deles para capturar transações no mundo offline. A gente deve ver bastante QR Code na rua neste ano.

A terceira é a criptomoeda. A gente vai ver emergir algum mecanismo forte de criptomoedas no Brasil, potencialmente do próprio Banco Central, o Real Digital.

Por fim, eu diria que vai ter uma consolidação do credit on demand. No Brasil a gente está acostumado a pagar parcelado, e isso é, no final do dia, um financiamento. Quem banca é o lojista, mas não deixa de ser um financiamento. Com o open finance e o fortalecimento das fintechs de crédito, eu acho que tende a surgir o que a gente chama de credit on demand. Você vai comprar um produto e pode tanto pagar no cartão quanto pagar menos financiando diretamente com uma fintech ou um parceiro.

619.426 mortes
178 óbitos foram registrados entre segunda e terça-feira

22.322.027 casos
19.091 infecções foram detectadas em 24 horas

Pacientes esperam horas para conseguir atendimento em saguão lotado do hospital Vitória, zona leste da capital Rubens Cavallari/Folhapress

Com Covid e gripe, espera em prontos-socorros chega a 6 horas em São Paulo

Em três dias, o município atendeu 20 mil pessoas com sintomas das doenças respiratórias

Mariana Zylberkan, Isabela Palhares e Isabella Menon

SÃO PAULO A espera por atendimento em prontos-socorros públicos e privados na capital paulista é de até seis horas, por causa do surto de influenza e do aumento de casos de Covid-19.

Só nos três primeiros dias do ano, 20.333 pessoas com sintomas respiratórios foram atendidas na rede municipal de saúde, 282 atendimentos por hora, em média. Do total, 11.585 tinham quadro suspeito de Covid, o equivalente a 57%.

A **Folha** foi a nove endereços nas zonas sul, leste e oeste de São Paulo nesta terça (4) e viu salas de espera lotadas de pacientes com sintomas gripais.

A situação nos hospitais particulares era tão caótica quanto a dos postos de saúde. Alguns nem separavam pacientes com sintomas gripais dos demais.

A estudante de medicina Larissa Valência, 23, estava enrolada em um edredom havia quatro horas à espera de atendimento no PS do hospital São Luiz de Anália Franco, na zona leste. "Estou com tontura de tanta dor no corpo", disse.

Ela acredita que foi infectada pela mãe, que passou o fim de ano isolada da família após ter sido diagnosticada com o vírus influenza H3N2. "Tomamos todos os cuidados, mas acho que acabei pegando também", disse a estudante.

O hospital destinou uma sala de espera só para pacientes com sintomas gripais e isolá-los dos demais. As cadeiras não eram suficientes e muita gente teve que esperar em pé.

Na unidade Morumbi do hospital São Luiz, os sinais da alta procura eram visíveis já na rua, onde uma fila de carros aguardava para entrar no estacionamento. Dentro, o tempo de espera para uma consulta médica era de 3 a 4 horas.

Segundo funcionários e pessoas que aguardavam, pacientes com sintomas gripais não estavam sendo isolados.

A bancária Caroline de Almeida Oliveira, 37, desistiu de esperar. Após uma viagem à praia, ela começou a apresentar sintomas da Covid-19 e decidiu procurar o pronto-socorro. Agora, ela afirma que vai fazer o teste rápido em uma farmácia e tratar os sintomas com analgésicos. A rede hospitalar foi procurada pela reportagem, mas não respondeu aos questionamentos.

Mesmo saguão lotado foi visto no hospital particular Vitória, na zona leste. A paciente Priscila Teixeira foi chamada para ser atendida por volta das 14h após ter chegado ao pronto-socorro às 10h. "Estou com muita dor nas costas. Minha filha e meu marido também estão doentes", disse.

Procurado, o hospital Vitória afirmou seguir protocolos de atendimento e que aumentou o quadro de médicos diante do aumento de 28,8% nos atendimentos em comparação aos meses de novembro e dezembro.

Outro hospital particular visitado foi o Santa Paula, na zona oeste, onde a espera era de seis horas para atendimento no pronto-socorro. O estabelecimento criou uma senha específica para os pacientes com queixa de sintomas gripais, mas não havia a separação física dos demais na sala de espera.

Em nota, o hospital afirmou que a demanda de pacientes com sintomas respiratórios aumentou 268% em dezembro em comparação com novembro e, por isso, a espera aumentou.

Na rede pública, havia também muita gente para ser atendida, mas o tempo de espera era relativamente menor em algumas unidades. Na AMA Água Rasa, na zona leste, a previsão era de duas horas de espera, e os pacientes com sintomas gripais eram direcionados a uma área externa.

O autônomo Marcelo Carraro, 53, estava à espera de consulta com a filha Pamela Carraro, 23, após a mulher ter sido diagnosticada com Covid-19 logo depois do Natal. "A família toda está com sintomas", afirmou.

Na AMA Paraisópolis, na zona sul, uma tenda com cadeiras foi separada para os pacientes com sintomas gripais. Lá, o tempo de espera era de cerca de duas horas.

Na AMA Sorocabana, na Lapa, na zona oeste, não havia nem cadeira para todos os pacientes esperarem atendimento. Muitos estavam de pé, alguns chegaram a sentar no chão. A auxiliar de limpeza Verônica do Carmo, 44, chegou às 8h na unidade e até as 13h ainda não havia sequer passado pela triagem.

Era o segundo dia consecutivo que ela tentava atendimento devido aos sintomas de gripe. Na segunda, esperou três horas por atendimento em outro posto de saúde, mas desistiu. "Eu estava tão cansada e com febre tão alta que não consegui esperar. Fui trabalhar hoje, mas meu patrão me dispensou porque viu que eu estava muito doente."

Na Freguesia do Ó, na zona norte, os pacientes aguardavam mais de quatro horas na AMA Vila Palmeiras. Sem sintomas, Isabelle de Melo, 22, procurou atendimento médico depois de todos em sua família terem testado positivo para Covid. Ela queria fazer um teste para não ter que ir trabalhar presencialmente. "É a terceira unidade de saúde que eu busco, todas estão com espera de mais de quatro horas e nem garantem que vão me testar porque estou assintomática", afirmou.

Na Ama Boracea, na Barra Funda, o tempo de espera para passar pela triagem era de cerca de 30 minutos na manhã desta terça (4). Só depois da primeira avaliação os pacientes eram informados se seriam testados e encaminhados para atendimento médico.

Em nota, a Secretaria Municipal da Saúde disse que iniciou em dezembro o atendimento de pessoas com sintomas gripais sem necessidade de agendamento nas 469 UBS. Foram instaladas tendas nas unidades com maior número de atendimentos para agilizar a triagem.

A gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) não informou, porém, se pretende adotar mais medidas para reduzir o tempo de atendimento diante da nova alta da demanda neste início de ano.

Pacientes enfrentam dificuldade e demora de até 5 dias para agendar teste de coronavírus

Victoria Damasceno

SÃO PAULO Com as festas de final de ano, a gripe e o aumento no número de casos de Covid, cresceu a demanda pelo teste para identificar a doença causada pelo Sars-Cov-2. Em meio a essa alta procura, pacientes encontram dificuldade para agendar um horário para realizá-lo em farmácias de São Paulo.

Entre a última quarta-feira (29) e esta segunda-feira (3), a **Folha** consultou a agenda online de 40 drogarias de grandes redes de farmácias das cinco regiões da capital paulista. Apenas três delas tinham disponibilidade para a realização do teste no mesmo dia.

Antes, para fazer o teste, bastava agendar para o mesmo dia. Agora, é comum ter de esperar pelo menos dois dias e, em alguns casos, até cinco.

Atendentes informaram que observaram um aumento no número de pessoas com sintomas gripais buscando por testes de Covid, além daqueles que foram até os estabelecimentos para saber se estão ou não com a doença antes de participar de reuniões com familiares e amigos para comemorar as festas de final de ano. Outro motivo é a necessidade de um laudo com resultado negativo para poder viajar.

Reportagem da **Folha** mostrou que testes positivos voltaram a subir durante as festas de fim de ano, de acordo com o monitoramento da Abrafarma (associação que reúne grandes redes farmacêuticas). O total de positivos saltou de 524 no dia 1º de dezembro, quando 10 mil exames foram feitos, para 5.334 em 29 de dezembro, quando houve 31.332 exames — o equivalente a 5% e 17% do total, respectivamente. O levantamento abrange 3.000 farmácias do país.

O escritor Fábio Saraiva passou por duas farmácias no litoral paulista e sete na capital antes de encontrar um teste para a Covid. Após todos completarem o ciclo vacinal, ele e os amigos decidiram voltar com o futebol que haviam interrompido no início da pandemia. Um deles, porém, descobriu dias depois que estava infectado com o coronavírus, o que fez com que o escritor tivesse que buscar um teste.

Saraiva recebeu a notícia no Natal, sábado (25), quando estava em Itanhaém, litoral sul de São Paulo, com a família. Começou por lá sua peregrinação em busca de um teste que pudesse atestar se estava ou não infectado.

As duas farmácias que visitou só poderiam realizar o teste na segunda-feira, dois dias depois. A atendente de uma delas ainda verificou a agenda de outra unidade no próprio município e nas cidades de Mongaguá, Praia Grande e Peruíbe, mas nenhuma tinha disponibilidade para atendê-lo.

De volta a São Paulo, escutou da maioria dos estabelecimentos que só poderia ser atendido em dois dias. Em uma, a farmácia havia feito tantos testes que tinha acabado parte do material.

No dia seguinte, domingo (26), em sua nona tentativa, ele encontrou uma unidade que tinha disponibilidade imediata, sem necessidade de agendamento. Lá conseguiu fazer o teste antígeno para a Covid e para influenza.

"Nós estamos em uma pandemia. Talvez em um dos países que menos testou proporcionalmente. E então você começa a perceber que se quiser se testar, onde? Como? Quando? Você não consegue", diz Saraiva.

As drogarias oferecem os testes rápidos de antígeno, que verificam se a pessoa está infectada pelo vírus no momento da testagem. Além destes, estão disponíveis os testes de sorologia para indicar se o paciente está ou já foi infectado.

Os testes de antígeno são oferecidos nas modalidades "swab" e "oral". No primeiro, a amostra é colhida por um cotonete introduzido pelas narinas. No segundo, é retirada da região da garganta pela boca.

> “Estamos em uma pandemia [...] em um dos países que menos testou proporcionalmente. E você começa a perceber que se quiser se testar, onde? Como? Quando? Você não consegue
>
> **Fábio Saraiva**
> escritor

Os resultados saem em cerca de 15 minutos. Também são oferecidos testes que detectam influenza dos tipos A e B.

A capital paulista viu um aumento das hospitalizações por Srag (Síndrome Respiratória Aguda Grave) nas últimas semanas. Segundo dados do Painel da Covid da Secretaria Municipal da Saúde, o número de internações por gripe atingiu 24,5% do total das causadas pelos sintomas de síndrome gripal na rede pública para a última semana epidemiológica (de 19 a 25 de dezembro).

De 363 casos de Srag, 149 são causados pela influenza. Na semana anterior (12 a 18 de dezembro), foram 243 casos de influenza, cerca de 22,5% do total de 973 internações. Nesse período, as internações por Covid tiveram queda de 15% em relação à semana anterior (12 a 18 de dezembro).

Alguns dias depois, porém, o número de internações começou a subir. Em 28 de dezembro o estado registrou 581 novas hospitalizações, atingindo a marca de 1.015 pacientes em leitos de UTI. O patamar de mil internações, porém, já havia sido ultrapassado na véspera do Natal, em 24 de dezembro.

Já a média móvel semanal havia quase dobrado em dezembro em São Paulo: pulou de 283, na primeira semana do mês, para 465 em 28 de dezembro, segundo dados do Infotracker, projeto da USP (Universidade de São Paulo) e da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) que monitora a pandemia.

O médico André Ricardo Ribas Freitas, professor de epidemiologia da Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, viu subir o número de pacientes com sintomas gripais após as festas de fim de ano.

O professor acredita que a dificuldade para se encontrar locais para realizar o teste é devida ao crescimento de casos decorrentes da variante ômicron, somado ao vírus influenza e às festas de fim de ano, que criam o cenário adequado para a disseminação dos vírus.

Freitas salienta que, em caso de sintomas gripais, os procedimentos a serem seguidos continuam sendo os mesmos já divulgados para casos de suspeita de Covid: isolar-se até que se tenha o resultado de um teste identificando a doença. No caso de gripe, o professor recomenda um isolamento de cerca de sete dias para diminuir a circulação do vírus.

"O isolamento vai atrasar um pouco a propagação e diminuir o risco de uma sobrecarga no sistema hospitalar. Apesar de a influenza levar a menos hospitalizações, os pacientes com doenças crônicas, os idosos, as gestantes e as crianças pequenas têm um risco para agravamento que não é desprezível", diz Freitas.

saúde

Explosão de casos de Covid pode ser mascarada por apagão de dados

Médicos veem pressão em serviços de saúde e reportam subnotificação de infectados no país

Fila de pessoas esperando para testagem no Laboratório Teste Fácil Covid, no estacionamento do Super Shopping de Osasco Adriano Vizoni/Folhapress

Ana Bottallo

SÃO PAULO Apesar de parecer ter dado uma trégua nos indicadores de hospitalizações e óbitos, com a média móvel de mortes abaixo de 150 por 20 dias consecutivos, médicos e especialistas afirmam que a pandemia de Covid-19 no Brasil pode estar crescendo de maneira acelerada.

Isso porque, além da queda no sistema de notificação oficial do Ministério da Saúde desde o início de dezembro, quando sofreu um ataque cibernético, os dados enviados à pasta pelos governos estaduais e municipais, que já sofriam um represamento em outros momentos da pandemia, podem estar consideravelmente subnotificados.

Desde o ataque, diversos estados deixaram de reportar novos casos e mortes por Covid-19, muitos deles justificando falta de acesso aos dados do ministério, extraídos dos portais de notificação, ou dificuldades em inserir os dados no sistema federal.

Por meio de nota, a Secretaria de Saúde do Estado de Roraima disse que ainda não tem sido possível atualizar de forma completa os dados em virtude da dificuldade de acesso aos sistemas do ministério.

A Secretaria de Estado da Saúde do Tocantins, por sua vez, informou que desde o ataque cibernético ficou sem a possibilidade de notificação e acesso à base de dados dos sistemas Sivep-Gripe, e-SUS Notifica e SI-PNI, de vacinação.

Questionado sobre os atrasos, o Ministério da Saúde disse, também por nota, que os sistemas Sivep-Gripe, e-SUS Notifica e SI-PNI foram restabelecidos há mais de dez dias e que há previsão de normalização para janeiro.

Outras unidades da Federação, como o Distrito Federal, dizem que não foram impactadas pelo apagão, uma vez que a captação de novos casos ocorre diretamente dos laboratórios da rede pública e privada.

Os principais motivos para a subnotificação reportados por especialistas são dois: a falta de políticas de testagem em massa no país, o que causa uma subnotificação natural dos casos —apenas são contabilizados aqueles que são sintomáticos moderados a graves, em geral— e um atraso, ou, muitas vezes, ausência completa do registro dos casos.

> Estamos no escuro quanto aos casos, como estivemos desde o início. Investir em testagem, rastreamento de contatos e isolamento de suspeitos é o bê-á-bá do enfrentamento de qualquer doença transmissível
>
> **Pedro Hallal**
> epidemiologista

Como mostrado em reportagem da **Folha** de início de dezembro, os registros de casos positivos de infecção pelo Sars-CoV-2 sofrem um apagão desde setembro, após o Ministério da Saúde mudar, em agosto, as regras para notificação de exames do tipo antígeno na plataforma e-SUS Notifica.

Com a alteração, foi verificada, a partir de setembro, uma queda abrupta na taxa de positividade dos testes de antígeno em comparação com os de RT-PCR. Nos meses anteriores, as taxas de positividade dos dois exames caminhavam em conjunto —ou seja, se os testes positivos de RT-PCR subiam, os de antígeno também aumentavam.

Os dois testes buscam o RNA do vírus no organismo por meio do swab nasal (cotonete). A diferença é que o teste de antígeno utiliza um cartão similar aos exames de diabetes e o resultado aparece em 15 minutos. O RT-PCR precisa ser realizado em um laboratório e pode levar de 12 a 72 horas para apresentar um resultado.

Em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, a positividade dos testes de antígeno em farmácias -assim como a procura por eles— explodiram nas duas últimas semanas, reflexo do aumento de casos pós-encontros no Natal e Réveillon.

Porém, os dados colhidos tanto pelas Secretarias Municipais de Saúde quanto pelas Secretarias Estaduais não refletem esse aumento.

No painel do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), houve uma queda no número de casos informados por semana de 5 a 26 de dezembro 2021, período correspondente ao momento em que o sistema do Ministério da Saúde ficou fora do ar, gerando atrasos nas notificações das secretarias.

Já na última semana epidemiológica do ano, de 26 de dezembro a 1º de janeiro de 2022, houve um aumento de 155% de casos em relação à semana anterior (de 19 a 25 de dezembro), passando de 22.283 para 56.881. Na última segunda-feira (3), a média móvel de casos registrou um aumento parecido, de 153% em relação ao número de duas semanas atrás, saltando de 3.397 para 8.386.

De acordo com Julio Croda, pesquisador da Fiocruz, o sistema do governo federal foi regularizado apenas na semana passada e é esperada uma explosão de casos nos próximos dias por causa do represamento de dados.

"Sabemos que em dezembro houve um aumento expressivo de casos por conta da ômicron, mas está tudo represado desde o dia 10 [de dezembro]. O governo deve regularizar um novo sistema para notificação de dados de saúde no próximo dia 7, e aí veremos uma subida vertiginosa", afirma Croda.

Apesar de o ministério buscar soluções para resolver o sistema para notificação de casos, especialistas ouvidos pela **Folha** relatam que esse é apenas um dos elementos do apagão de dados de Covid no país. O outro, explicam, é que o Brasil em momento algum adotou uma estratégia ampla de testagem.

> Sempre voamos um pouco às cegas, mas agora estamos voando completamente no escuro. E os indicadores que melhor refletem [a propagação] são a taxa de positividade e de notificação de casos. O que fazemos é usar indicadores muito tardios, como ocupação de leitos e taxa de hospitalização
>
> **Denise Garrett**
> epidemiologista e presidente do Instituto Sabin

"Estamos no escuro quanto aos casos, como estivemos desde o início. Investir em testagem, rastreamento de contatos e isolamento de suspeitos é o bê-á-bá do enfrentamento de qualquer doença transmissível. A ômicron está bombando e só saberemos disso em algumas semanas, exatamente pela insistência em não se testar", diz o epidemiologista Pedro Hallal, colunista da **Folha**.

Como não existe uma política de testagem, mesmo aqueles casos para os quais há notificação representam apenas a ponta do iceberg, afirma o médico sanitarista e ex-diretor da Anvisa Cláudio Maierovitch. "É preciso diferenciar a subnotificação do 'subdiagnóstico'. Há uma grande quantidade de pessoas com sintomas leves e que não vão ter acesso aos testes mesmo se procurassem os serviços de saúde", diz ele.

Para Maierovitch, estudos sorológicos feitos ao longo da pandemia confirmam esse "subdiagnóstico" dos infectados na pandemia. Os trabalhos indicaram um número na ordem de 6 a 10 vezes maior do que o reportado oficialmente.

Para a epidemiologista e presidente do Instituto Sabin, Denise Garrett, o Brasil sempre esteve muito atrás em termos de testagem em relação a outros países.

"Sempre voamos um pouco às cegas, mas agora estamos voando completamente no escuro. E os indicadores que melhor refletem [a propagação] são a taxa de positividade e de notificação de casos. O que fazemos é usar indicadores muito tardios, como ocupação de leitos e taxa de hospitalização", afirma.

Mesmo o número de internados com Covid voltou a crescer nas últimas semanas em São Paulo, indicando um cenário já avançado da pandemia. "Esses são dados que aparecem de duas a três semanas depois do aumento de casos, então há, sim, uma suspeita de um número muito maior do que está sendo noticiado", completa a epidemiologista.

Maierovitch defende uma estratégia para detecção de casos de Covid no início. "Nunca teremos em um universo de casos de síndrome gripal o número exato de Covid, mas a falta de testagem nos faz estar em um apagão completo", afirma.

Para a pesquisadora do Departamento de Ciência Política da USP Lorena Barberia, nunca foi realizado um estudo adequado para saber os tipos de testes que deveriam ser implementados e para qual público-alvo.

"Em diversos países sabemos de estratégias de testagem semanais em alunos nas escolas, profissionais de saúde em hospitais, funcionários e estudantes em universidades. Aqui o governo anuncia a compra de 60 milhões de testes, mas para qual função? Com qual frequência as pessoas serão testadas? É suficiente? Não sabemos, e não sabemos porque não há transparência nem do governo federal, nem dos estados e municípios sobre estratégia e frequência de testagem", diz.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Generosa e perseverante, amou a vida até o fim

ELENI APARECIDA DE OLIVEIRA MORAES (1966-2021)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Para a assessora de imprensa Eleni Oliveira, a vida durou 55 capítulos, nos quais deixou um rastro de bons exemplos nos campos pessoal e profissional.

Natural de São Bernardo do Campo (ABC), aprendeu a ser independente com a mãe. De infância sofrida, Eleni trocou as brincadeiras de criança pelas responsabilidades domésticas junto com os irmãos. Começou a trabalhar jovem e logo deixou a casa da família.

Formada em jornalismo, abraçou o caminho da assessoria de imprensa e especializou-se na área artística, principalmente no ramo do sertanejo.

Assessorou casas conhecidas, como o Estância Alto da Serra, em Ribeirão Pires (no ABC Paulista), e Folk Valley, em Campinas (a 93 km de SP), alguns artistas sertanejos, como a dupla Zé Henrique e Gabriel, a cantora Gaby Amarantos e a apresentadora do SBT Nadja Haddad, entre outros.

Dentro e fora do trabalho, Eleni mostrava-se acolhedora, amorosa e sempre disposta a ajudar.

"Minha mãe era generosa, respeitadora e empática. Ela acreditava na lei do retorno e fazia o bem mesmo recebendo o mal. Romântica e alegre, tinha o sorriso como marca registrada", diz a gerente comercial Samanta Mara Oliveira de Ângelo, 36, sua filha.

"Como mãe, foi rígida na educação, mas cheia de amor. Ela tinha um jeito próprio de amar. Era apaixonada pelos netos."

Para Luana Lázaro, colega de profissão e amiga há 23 anos, Eleni "era uma pessoa muito correta, trabalhadora, generosa e amiga". "Era a mãezona de todos. Orientava e dava conselhos como ninguém. Perdi um pedacinho de mim", afirma a assessora de imprensa.

Os laços da longa amizade tiveram início na vida profissional. Luana se refere à amiga como "a pessoa mais forte que conheci".

Em meados de 2016, em razão de um câncer de mama, Eleni foi submetida a uma mastectomia. A vida seguiu com a graça, a leveza e perseverança, apesar das metástases que surgiram.

No final de 2019, o primeiro namorado, José Carlos Gaschler, pai de Samanta, a procurou e o casal reatou o relacionamento, perdido há muitos anos. Foi uma nova oportunidade para amar e viver.

Eleni morreu no dia 22 de dezembro, em decorrência de complicações do câncer. Divorciada, deixa três filhos, cinco netos e muitos amigos.

"Ela amou a vida e lutou até o último suspiro. Como lição ela deixou a generosidade, o amor ao próximo, respeito às verdades de cada um, trabalho e a fé em Deus", resume Samanta.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

O experimento ômicron

A pandemia da nova variante é demonstração da força da seleção darwiniana

Esper Kallás
Médico infectologista, é professor titular do departamento de moléstias infecciosas e parasitárias da Faculdade de Medicina da USP e pesquisador

Sem deixar de lamentar o enorme sofrimento causado pela pandemia de Covid, e por nosso despreparo diante dela, nos deparamos com a extraordinária trajetória do Sars-CoV-2.

Ao tentar se estabelecer como um vírus perene em humanos, seu novo hospedeiro desde 2019, vem se adaptando para cada vez cumprir melhor este papel. No início, transitou livremente, em solo virgem, pela ausência de defesa natural preexistente nas pessoas.

Com o tempo, desenvolveu e fixou pequenas alterações em sua sequência genética: as mutações. A grande maioria destas não resulta em vantagens para o vírus, mas algumas ajudam em sua disseminação. Quando isso acontece, a nova variante consegue se espalhar.

Qual característica favorece uma variante? Sua maior capacidade de se multiplicar e, consequentemente, ser transmitida, a coloca em vantagem na "corrida", fazendo que prevaleça sobre as demais.

Tem sido assim. O vírus vem sofrendo adaptações desde o início da pandemia, permitindo o surgimento de variantes com capacidade crescente de transmissão. Depois do vírus original, da primeira onda, apareceu a variante alfa, que se alastrou rapidamente.

No Brasil, provavelmente a partir da região Norte, a gama se estendeu para o restante do país, deslocando as variantes anteriores. Mas foi a delta que demonstrou ser capaz de substituir todas as anteriores, tornando-se responsável por mais de 95% dos casos de Covid no mundo todo.

Enquanto ainda nos assombra a potência de disseminação da delta, a ômicron, com número inédito de mutações, vem demonstrar que a adaptação do vírus pode ir além, adicionando capacidade de transmissão sem precedentes.

A ômicron está substituindo a delta a passos ligeiros. E acumulam-se evidências de que se trata de uma variante menos agressiva, especialmente em vacinados. Poderia, a rápida disseminação da ômicron, substituir variantes mais agressivas ou só acobertará por um tempo a disseminação da delta? Poderia servir de estímulo à defesa, como uma vacina de vírus "enfraquecido", ajudando a controlar a pandemia?

As avaliações cuidadosas, principalmente sobre casos de internações e mortes relacionadas à Covid-19, trarão respostas. E aqui cabe lamentar a incapacidade atual do Ministério da Saúde em compilar e disponibilizar dados, fazendo o país navegar no escuro.

Em outros países, a ômicron causa ciclo explosivo de transmissão, de cerca de dois meses. Mas a velocidade e o preço que cobrará em internações e mortes pode variar, especialmente pela percentagem de vacinados na população.

É fundamental que todos encarem a ômicron com o máximo de cautela. A história ensina a não subestimar a natureza que, frequentemente, reserva surpresas. Basta lembrar da epidemia de zika em 2015. O que parecia ser uma doença febril banal, revelou-se devastadora para muitos bebês nascidos de gestantes infectadas.

Estudar com profundidade o que está se passando é a única alternativa aceitável.

Verificar o comportamento da nova variante, buscando soluções mesmo que possam parecer desnecessárias.

Afinal, é para aliviar o sofrimento humano, salvar vidas e prolongá-las com qualidade que as ciências biomédicas têm buscado contrapor a seleção natural darwiniana.

*

Tomara que em 2022 os brasileiros reconheçam os investimentos em educação, ciência e saúde como prioritários. Assim, em importante ano eleitoral, todos podem cobrá-los de candidatos a gestores.

Só assim o Brasil terá um presente e um futuro melhores.

| DOM. **Reinaldo José Lopes**, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, Esper Kallás

Maioria em consulta pública é contra prescrição médica para vacinar criança

Com isso, Ministério da Saúde deve desistir de cobrar aval médico para imunizar de 5 a 11 anos

Raquel Lopes e Mateus Vargas

BRASÍLIA O Ministério da Saúde deve desistir de cobrar prescrição médica para vacinar crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19 com doses da Pfizer.

A pasta queria recomendar a imunização mediante apresentação de pedido médico e consentimento dos pais. Porém, o ministério aguardava a consulta e audiência públicas para tomar a decisão.

A consulta pública realizada pelo ministério terminou no domingo (2) e apontou que a maioria dos quase 100 mil ouvidos foi contrária à prescrição médica.

As recomendações para vacinar as crianças serão divulgadas em documento nesta quarta (5). Procurado, o Ministério não confirmou a decisão, obtida pela **Folha** junto a integrantes do governo que acompanham as discussões de perto.

"Tivemos 99.309 pessoas que participaram neste curto intervalo de tempo em que o documento esteve para consulta pública, sendo que a maioria se mostrou concordante com a não compulsoriedade da vacinação e a priorização das crianças com comorbidade. A maioria foi contrária à obrigatoriedade da prescrição médica no ato de vacinação", disse Rosana Leite de Melo, secretária extraordinária de Enfrentamento da Covid-19 do Ministério da Saúde, na audiência desta terça-feira.

Grupo contrário à vacinação contra a Covid em crianças faz protesto em Brasília Antonio Molina/Folhapress

Entidades que falaram na audiência também foram contrárias à exigência de prescrição médica. Entre elas, Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), Conasems (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), CFM (Conselho Federal de Medicina) e SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia).

Nésio Fernandes, representante do Conass, reiterou a posição do conselho. Ele afirmou que 20 estados, com mais de 80% da população, já publicaram normas sobre o tema e não será exigida a prescrição.

Disse ainda que as vacinas não são experimentais e passaram pelas principais agências reguladoras.

"Para um contexto de pandemia por doença imunoprevenível, em que já temos vacina disponível, toda posição que estimule a hesitação vacinal deve ser explicitamente combatida porque reduz a capacidade do sistema de saúde de promover saúde e reduzir doenças", disse.

Donizetti Dimer Giamberardino Filho, vice-presidente do CFM, afirmou que a prescrição médica pode restringir o acesso à vacina. E disse acreditar não ser apropriado envolver um profissional médico em uma ação coletiva.

"Não há previsão legal na legislação sobre prescrição. Nesse sentido entendemos que colocar uma prescrição para o médico é dividir uma responsabilidade com o médico, que é uma pessoa física, sendo que essa responsabilidade é do Ministério da Saúde por meio de uma ação coletiva", disse Filho.

O Ministério deve receber até março ao menos 20 milhões de doses pediátricas da Pfizer contra a Covid-19, suficientes para imunizar cerca de metade da população de crianças de 5 a 11 anos.

As doses pediátricas serão entregues por meio de contrato do governo para receber 100 milhões de vacinas da Pfizer em 2022, que pode ser ampliado a 150 milhões de unidades.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse na segunda (3) que as doses devem ser distribuídas para os estados na segunda quinzena de janeiro, mas não confirmou o volume.

A audiência pública recebeu também médicos antivacinas.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) disse que tem atuação técnica e rejeitou o convite.

"A Anvisa, por seu caráter técnico, visualiza que sua participação na audiência pública não agregaria novos elementos à temática", afirmou a agência em ofício enviado ao Ministério da Saúde nesta terça-feira (4), cerca de uma hora antes do começo da audiência.

Além de representantes do Ministério, CFM, entidades médicas especializadas e de secretários estaduais, foram ouvidos os médicos Roberto Zeballos, Augusto Nasser e Roberta Lacerda, contrários à imunização das crianças e defensores de medicamentos sem eficácia, como a hidroxicloroquina.

Os três foram ao debate representando a CCJ (Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania) da Câmara, presidida por Bia Kicis (PSL-DF), aliada do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Leitos públicos de enfermaria para Covid e gripe lotam em BH

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE Não há mais leitos de enfermaria para pacientes com infecções respiratórias na rede pública de saúde de Belo Horizonte.

Boletim divulgado nesta segunda-feira (3) pela prefeitura da capital mineira, com dados relativos a domingo (2), aponta que a capacidade de internação para esse tipo de tratamento, que conta com 220 leitos, estourou e já está em 107,3%.

Os números são relativos a unidades destinadas inicialmente a pacientes com Covid que passaram a receber casos que podem ser de influenza.

A Secretaria Municipal de Saúde diz que a taxa superior a 100% na ocupação de leitos de enfermaria, para casos menos graves, "não indica que o número excedente represente fila".

"Estes pacientes além dos 100% estão internados nos hospitais usando todos os recursos que um paciente com esse perfil necessita, como insumos e equipamentos", explica a Secretaria.

A cidade vem registrando alta também nas internações para tratamento por Covid em UTIs (unidades de terapia intensiva) públicos.

Nesta terça, a ocupação de leitos de UTI para a doença na rede pública estava em 78,8%, ante 63,5% do boletim anterior, de 29 de dezembro, publicado no dia 30.

Há 104 leitos UTI na rede pública de saúde da cidade para pacientes com Covid.

O avanço na ocupação dos leitos para enfermagem, que podem ser ocupados tanto por pacientes com Covid quanto por quem tem influenza, também subiu no período. Antes de atingir os 107,3% desta segunda, estava em 90,5% no boletim do dia 30.

O infectologista e professor da Faculdade de Medicina da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Unaí Tupinambás, que integra o Comitê de Enfrentamento à Covid-19 da Prefeitura de Belo Horizonte, afirma que a alta tem relação com festas de fim de ano e viagens.

Para ele, sobretudo nas próximas duas semanas, será necessária atenção ao impacto tanto de casos de Covid quanto de quadros gripais. O cenário, destaca, é preocupante em meio à variante ômicron.

"Realmente é impressionante a facilidade com que ela transmite", diz. Mas ele acredita na possibilidade de ocorrerem casos mais brandos por conta da vacinação.

Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, pacientes com quadros gripais ainda sem resultado para Covid-19 podem estar internados nas enfermarias destinadas a quem tem o coronavírus, porque os sintomas são parecidos.

A cidade tem 4.251 leitos públicos para doenças que não sejam Covid-19. A ocupação, nesse caso, é de 73%.

Já a rede particular está menos pressionada, mas também registrou aumento significativo no número de internações de casos mais graves.

A ocupação de leitos de UTI para Covid-19 na rede particular estava em 41,2% na segunda, e 39,2% no boletim do dia 30. O total de unidades disponíveis é de 97.

Em relação às unidades de enfermaria na rede particular, a ocupação no boletim desta segunda foi de 42,7%, o mesmo do registrado no boletim divulgado no dia 30. O total de unidades disponíveis é de 246.

Os números da prefeitura sobre vacinação contra Covid em Belo Horizonte indicam que toda a população com mais de 12 anos da cidade, um total de 2.199.135 pessoas, já recebeu a primeira dose de vacinas contra a doença.

Os dados apontam ainda que 93% desse total já receberam a segunda dose ou a dose única dos imunizantes. Em relação à dose de reforço, o percentual dos que já passaram pela etapa é de 24,2%.

cotidiano

Rio cancela blocos no Carnaval de rua de 2022

Desfiles das escolas de samba na Sapucaí e eventos privados, porém, estão mantidos pelo prefeito Eduardo Paes

Júlia Barbon e Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO O prefeito Eduardo Paes (PSD) cancelou o Carnaval de rua no Rio de Janeiro devido ao aumento de infecções de Covid, provavelmente impulsionado pela variante ômicron. O desfile na Sapucaí, porém, segue confirmado até o momento.

A decisão foi informada em reunião com os blocos e anunciada em transmissão nas redes sociais na tarde desta terça-feira (4).

Paes e o secretário municipal de Saúde, Daniel Soranz, se reuniram com representantes de ligas que reúnem cerca de 450 blocos, que concordaram com a decisão. No total, 506 blocos de rua se inscreveram para desfilar no Carnaval.

Outras cidades já cancelaram os eventos da festa, como Salvador. A lista de municípios que não terão a festa chega a pelo menos 58 no interior paulista, litoral e Grande São Paulo.

"O Carnaval de rua, por sua própria natureza e pelo aspecto democrático que tem, gera a impossibilidade de se exercer qualquer tipo de fiscalização", disse Paes.

O desfile na Sapucaí está mantido, segundo ele, porque lá será possível ter uma "série de controles", que ainda serão anunciados.

Paes disse que Soranz já vinha alertando que seria difícil a realização do Carnaval de rua, tendo em vista os dados epidemiológicos recentes.

Presidente da Sebastiana, liga que inclui alguns dos principais cortejos cariocas, Rita Fernandes afirma que os blocos já haviam decidido acatar a decisão da Prefeitura e da ciência. "Ele [Paes] disse que, pelos dados de hoje, não tem condição de fazer Carnaval de rua no Rio e precisamos recuar", diz.

O município enfrenta aumento no número de casos, provavelmente pela circulação da ômicron. A porcentagem de testes positivos para coronavírus saltou de 1% em meados de dezembro para 13% na última semana.

O número de internações na rede pública permanece num dos patamares mais baixos desde o início da pandemia, mas a quantidade de pessoas nos leitos do município mais do que dobrou desde o Natal, de 11 para 24, na tarde desta terça.

Soranz disse que, após semanas de redução no número de casos de Covid, os números voltaram a crescer nas últimas semanas. Com a vacinação, espera-se que não resultem em grande aumento nas internações e óbitos.

Ele disse, ainda, que não existe mais epidemia de gripe na cidade e que os casos de infecção simultânea por Covid e influenza são isolados, sem relevância epidemiológica.

Paes contou que propôs uma opção para a realização do Carnaval de rua, a princípio não aceita pelos blocos, que sugeria à Ambev, patrocinadora da festa, que em todo fim de semana de fevereiro houvesse um evento gratuito com 50 blocos tradicionais, em dois ou três pontos da cidade, com controles, testes e passaporte vacinal, em locais específicos, espécie de "blocódromo".

"Não topamos, não nos representa, estamos em toda a cidade", diz Rita Fernandes, da Sebastiana.

'Orlando brasileira' quer recorde de turistas no verão

FOLHA VERÃO

Marcelo Toledo

OLÍMPIA (SP) A fila para brincar na montanha-russa aquática naquela segunda-feira era de duas horas e dez minutos, indicava o relógio colocado na atração do Thermas dos Laranjais, maior parque aquático de Olímpia (a 438 km de São Paulo).

E ela ficará ainda mais demorada nas próximas semanas, já que, normalmente, a espera chega a ser de até quatro horas em períodos de férias escolares e feriados prolongados, segundo funcionários do local.

Com suas águas termais, novos resorts e inaugurações de entretenimentos que incluem um museu de cera, o setor turístico de Olímpia espera receber na temporada de verão até 750 mil turistas, o que equivale a mais de 13 vezes a sua população de 55 mil habitantes.

Estância turística desde 2014, a cidade do interior paulista recebia em média, antes da pandemia, cerca de 3 milhões de visitantes por ano, volume que deve dobrar até 2024 na "Orlando brasileira", como a localidade tem sido chamada.

Só em 2021, em meio à pandemia, surgiram dois novos resorts (Solar das Águas e Hot Beach Suítes) que, juntos, têm capacidade para 8.410 leitos e ampliaram ainda mais a já grande rede hoteleira da cidade, que no estado só é inferior à da capital.

O fluxo de turistas deste final de ano deve superar 2019, quando foram registrados 350 mil visitantes em dezembro, de acordo com a Prefeitura de Olímpia. Para janeiro, mais de 80% dos meios de hospedagem já tinham ocupação acima de 60% na última semana.

Do total de turistas, 56% são da capital e região metropolitana. Oito em cada dez visitantes são paulistas, geralmente casais com idades entre 26 e 50 anos, com filhos, e que ficam em média quatro dias na cidade.

Eles vão em busca de diversão principalmente nas águas termais de Olímpia, numa história que começou com a fundação do Thermas, que conta com 55 atrações e tem capacidade de receber 20 mil banhistas por dia.

Além da montanha-russa, atrações como o Lendário, com cinco toboáguas, são a aposta para o verão.

Já o parque aquático Hot Beach tem 15 atrações, piscinas com águas a 32°C de temperatura e comporta 8.000 visitantes diários, capacidade que deve chegar a 12 mil com obras que estão em andamento.

Os dois se somam a outros empreendimentos "secos" que têm surgido na cidade, como o Vale dos Dinossauros, o Museu de Cera e um outlet.

"Estamos com expectativa muito forte, nossa meta é atingir ao menos 80% de ocupação. A oferta está bem calibrada, já foi desenhada há quatro, cinco anos. Para novas ofertas, há novos atrativos vindo. Os parques também anunciaram investimentos para aumentar sua capacidade de público, então é um crescimento sustentável", disse Rafael Almeida, sócio-fundador da Natos Multi.

Ele é um dos investidores do Museu de Cera, inaugurado com 70 estátuas em tamanho real de personalidades como Gisele Bündchen, Bruce Lee, Messi, Steve Jobs e Barack Obama.

O objetivo é oferecer aos turistas atrações que não se restrinjam às existentes nos parques aquáticos e, por isso, funcionam também à noite.

Uma aposta do setor para não faltar turistas na cidade é o sistema adotado pelos empreendimentos. Os resorts são no estilo multipropriedade, com até 26 donos para cada apartamento. Eles ficam sabendo com antecedência quais períodos do ano estarão disponíveis para uso próprio ou locação, o que garante que a cidade seja ocupada o ano todo pelos visitantes.

Hoje são ao todo 34 mil leitos divididos entre 8 resorts, 21 hotéis, 47 pousadas, 2 hotéis-fazenda e 392 casas de temporada. A expectativa é que a cidade alcance cerca de 40 mil leitos até 2025.

"Prevemos de 20% a 25% acima de 2019, no cenário pré-pandemia, por causa da vontade das pessoas de voltar a viajar, das restrições em alguns destinos e, também, do câmbio alto, que acaba atrapalhando. É o melhor momento para o turismo nacional de lazer", afirmou Heber Garrido, diretor comercial e de marketing do Grupo Ferrasa, que detém o Hot Beach e resorts.

O Hot Beach You, que fará parte do complexo do parque aquático, deve ser entregue em 2024 com outros 800 apartamentos.

Outros empreendimentos anunciados são o Solar das Brisas, que começou a ser construído no fim do ano passado e terá 840 apartamentos, com previsão de entrega para 2025, e o Royal Prime, do grupo GR, com 600 apartamentos previstos para o mesmo ano.

O GR, que começou a investir na cidade em 2009 e tem o Wyndham Olímpia Royal Hotels, também tem perspectiva de mais de 80% de ocupação em janeiro, segundo o vice-presidente de marketing e vendas do grupo, Rodolfo Rezende.

"Será a melhor temporada de todos os tempos na cidade. As pessoas estão há muito tempo presas e querendo passear, viajar", disse. As vendas do Royal Prime começaram no último dia 10.

Entre os passos futuros da cidade, que em setembro se tornou o primeiro distrito turístico do estado, estão o projeto de construção de um aeroporto internacional, cuja concessão foi autorizada pela Secretaria Nacional de Aviação Civil e que depende de investidores privados.

Turistas no parque aquático Termas dos Laranjais, em Olímpia Joel Silva/Folhapress

Desconstluíndo Maulício

'Turma da Mônica: Lições', tem espírito atado a conceitos que refrescam a atualidade

Jairo Marques

Jornalista, especialista em jornalismo social pela PUC-SP. É cadeirante desde a infância

Qual a sua chance de chegar aos 86 anos, olhar para os seus maiores feitos de vida e declarar ao mundo: "Vamos mudar tudo isso aí. Modernizar, incluir mais gente, olhar para o futuro, rever conceitos e mostrar novas perspectivas"?

É muito disso o que vi no filme "Turma da Mônica: Lições", baseado na obra de nosso gênio dos quadrinhos, Maurício de Sousa, orquestrado de maneira delicada e inteligente por Daniel Resende.

Fiquei pensando, enquanto me deliciava vendo a película com minha filha biscoita, no poder da boa escuta para a construção do sucesso e da evolução em qualquer área da vida da gente, inclusive naquelas onde imaginamos que tudo está certo, que tudo funciona muito bem.

Parte importante dos brasileiros ama ou curtiu muito as aventuras da turma do Limoeiro e tem as múltiplas referências da criação no imaginário. Como nasci lá perto do brejo, Chico Bento é um ídolo para mim e foi uma companhia durante muitos anos de infância.

Embora todas as referências mais marcantes e tradicionais da obra de Maurício estejam em Lições, como o coelho Sansão, as casas de vila, a praça pública, os planos infalíveis e a molecada solta, o filme tem um espírito atado a conceitos que refrescam a atualidade, como a diversidade, a empatia, a tolerância e o acolhimento das individualidades.

Gostar de criança já é pretexto mais do que justificável para assistir à exibição.

A seleção do elenco é de uma delicadeza e de uma profundidade que dá orgulho de ser brasileiro.

Milena, uma das personagens mais recentes da turma, é interpretada por uma menininha que leva a negritude para o justo protagonismo e visibilidade da cor.

Aqui preciso dar um spoiler, pois é métier deste escrevinhador: Humberto, personagem que passou a história, até aqui, com um "surdo-mutismo" incômodo e ultrapassado para as pessoas com deficiência, uma vez que a condição é estigmatizada e imprecisa, surge na trama mantendo integralmente sua simpatia, mas encaminhando o entendimento de sua condição como uma questão de fala a ser elaborada.

Os "filhos" de seu Maurício foram mexidos, parcialmente repaginados, aprenderam com a vida e ensinaram ao pai, que pensa, olha — deve se incomodar um bocado também, naturalmente — e se abre àquilo que dialoga mais com o conjunto da infância e da humanidade que se busca hoje.

Em uma realidade em que há pessoas vendo a cauda do cometa vindo em direção à Terra e achando que aquilo é só um rabisco das estrelas, em uma realidade em que um resultado acachapante de uma vacinação não é suficiente para convencer dirigentes de que os pequenos devem ser imunizados e protegidos, é muito mais do que um alento assistir à postura de um vencedor quase nonagenário dizendo a mirins: "Muito boa sua ideia, vamos em frente. Cascão, Cebolinha, Mônica e Magali podem crescer, podem seguir destinos que eu não tracei para eles".

Espero muito que este ano seja como Lições, aberto à construção de jeitos novos de pensar, de entender o outro e suas angústias, seus sabores e suas loucurinhas.

O movimento de abrir as portas para toda a turma ainda está em curso e não vai perder velocidade, mas ainda falta "descontluir" conceitos, como aderiu o "Maulício".

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | **QUI. Sérgio Rodrigues** | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

São Sebastião confina turistas que fazem 'bate e volta'

FOLHA VERÃO

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO O turista de um dia não tem vida fácil quando o assunto são as praias de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo. Por exigência de lei municipal, ele é obrigado a ficar confinado no balneário dos Trabalhadores, um ponto distante das badaladas Maresias, Boiçucanga e Juquehy, além de ser obrigado a pagar taxas.

Somente nos dias próximos ao Réveillon, conforme a própria Prefeitura de São Sebastião, foram 42 autuações por descumprimento da legislação que obriga os grupos excursionistas a ficarem confinados na orla da praia Grande.

De acordo com a gestão municipal, os autuados na semana do fim de ano estavam em praias nas costas Sul e Norte e na região central. As penalidades somam R$ 9.607,50. Não foi informado se os autuados são turistas, organizadores das excursões ou empresas de ônibus.

A lei que estipula o confinamento foi aprovada pela Câmara Municipal e sancionada pelo prefeito Felipe Augusto (PSDB) em dezembro de 2020. Pelo texto, ônibus, micro-ônibus e vans "destinados única e exclusivamente ao turismo de um dia de praia serão recepcionados pela Secretaria Municipal de Turismo na Praia Grande, sendo estritamente proibida esta modalidade de turismo em outras praias do município".

Ainda de acordo com o texto, a solicitação de reserva e autorização para uso do local devem ocorrer com no mínimo dez dias de antecedência à data da viagem, e o pagamento da taxa municipal, em até 48 horas após a solicitação da reserva.

A justificativa da prefeitura para confinar os usuários em uma praia distante, já nas proximidades com a balsa que faz a travessia para Ilhabela, é a de que o "balneário dos Trabalhadores conta com quiosques, churrasqueiras, quadras, duchas, estacionamento, banheiros", entre outros serviços, por exemplo.

Atualmente, o imposto para acesso a São Sebastião está fixado em R$ 2.633,10 para ônibus, em R$ 763,80 para micro-ônibus e em R$ 542,70 para o caso de vans, peruas e similares. A taxa não é cobrada de comprovar hospedagem.

Na viagem, ainda é preciso pagar o estacionamento existente no local. Por um ônibus com capacidade acima de 35 passageiros a diária é de R$ 3.517,50. No caso de micro-ônibus, a taxa é de R$ 2.633,10. Para vans ou similares, de R$ 1.306,50. O pagamento deve ser antecipado, na solicitação de reserva.

O turista de um dia também precisa pagar pelo uso da churrasqueira. Atualmente, o aluguel está em R$ 112,56. É necessário reservar o espaço antes, mas o pagamento deve ser realizado no ato da utilização.

A Prefeitura de São Sebastião disse em nota que todo o controle da chegada do veículo é feito pela Secretaria Municipal de Turismo.

A nota diz ainda que para entrada dos veículos de turismo de um dia, é necessário pagar uma taxa e ocorre no balneário dos Trabalhadores, na praia Grande.

"Hotéis e pousadas locais, devidamente regularizados com tributos municipais, podem solicitar a permissão de entrada de veículos de hóspedes, assim como agências locais que desenvolvem turismo náutico. Nesse caso, não é necessário pagar a taxa, mas mesmo assim é preciso ter a permissão", diz a prefeitura.

esporte

ESPORTE AO VIVO

15h15 Palmeiras x Assu
Copinha, SPORTV

15h30 Linares x Barcelona
Copa do Rei, STAR+

16h45 Chelsea x Tottenham
Copa da Liga Inglesa, FOX SPORTS

'Falei a ele que tinha sido eu', conta Pitana sobre lance com Deyverson

Árbitro da final da Libertadores ri da 'anedota', elogia atletas brasileiros e quer apitar no Qatar

ENTREVISTA
NÉSTOR PITANA

Josué Seixas

Cesar Greco - 27.nov.21

Néstor Pitana, 46
Formado em educação física, argentino está no quadro da Fifa desde 2010; árbitro das finais da Libertadores de 2013 e 2021, apitou a decisão da Copa do Mundo de 2018

Foi um momento para contar como uma história inusitada, uma anedota. O árbitro precisa entender a situação do jogo, o que o jogador está vivendo. São muitas emoções na cabeça do atleta

MACEIÓ A cena já se repetiu diversas vezes e está na memória de todos os torcedores brasileiros. Eram os últimos instantes do segundo tempo da prorrogação entre Palmeiras e Flamengo, final da Libertadores da América. O atacante alviverde Deyverson tentava ganhar tempo quando sentiu uma mão tocar suas costas. Imediatamente ele cai e se contorce de dor no chão, simulando ter sofrido uma agressão de um flamenguista.

Na verdade, quem havia dado o tapa (um tapinha, diga-se) foi o árbitro da partida, o argentino Néstor Pitana. Com final de Copa do Mundo e título de melhor do planeta no currículo, o juiz demonstrou jogo de cintura no lance e mandou seguir. Ainda hoje, mais de um mês após a decisão da Libertadores, o lance lhe arranca risos.

O argentino está no Brasil a convite da Federação Alagoana de Futebol para ministrar uma palestra a todos os árbitros do quadro do estado, na próxima quinta (6). A participação de Pitana faz parte da capacitação dos árbitros alagoanos para as torneios de 2022.

*

Você teve uma experiência recente com dois times brasileiros. Como foi apitar a final da Libertadores? Apitar uma final de Libertadores, depois de ter uma experiência de final de Copa do Mundo, foi outra coisa importantíssima. Significou muito para mim apitar um jogo grande entre equipes brasileiras, Palmeiras e Flamengo, e desfrutei desde que fui designado à partida até o apito final. Foi uma experiência muito boa. Fiz com muita paixão e aceitei o desafio de cara. Graças a Deus, o mais importante para o trabalho de um juiz é que ninguém fale de seu desempenho.

Houve aquela situação inusitada com o Deyverson, que caiu após seu tapinha nas costas. Como foi aquilo? (Risos) É uma situação de jogo normal. Para mim, foi um momento para contar como uma história inusitada, uma anedota. Não vi nada demais. O árbitro precisa entender a situação do jogo, o momento que o jogador está vivendo. É um momento que acontece em campo, mas a gente apita e deixa para lá, porque o jogador precisa de compreensão. São muitas emoções passando na cabeça do atleta.

Eu disse para ele se levantar, para sair do chão, e ele achou que tinha sido um jogador do Flamengo. Falei a ele que não era jogador, que tinha sido eu, e seguimos o jogo. Essa é uma daquelas anedotas que levamos por toda a carreira.

Os jogadores brasileiros simulam muitas faltas? É preciso ter um cuidado maior ao apitar jogos de times daqui? O jogador brasileiro é o melhor jogador do mundo. Vocês têm cinco Copas do Mundo. Temos que respeitar a história. São culturas diferentes no futebol. Sobre a atitude dos jogadores, eles sabem que estão sendo olhados por muitas câmeras, então um mínimo contato às vezes torna a situação uma coisa muito maior. O futebol moderno é assim.

Sua atuação na final da Libertadores foi muito elogiada no Brasil, mas alguns jornais argentinos falaram que talvez você saísse do quadro Fifa. Há algo nesse sentido, logo em ano de Copa do Mundo? Para mim, fico eternamente apitando, mas quem decide é a federação, e ela diz se eu continuo ou não [no quadro Fifa]. Se eles me perguntarem, digo que fico em 2022, 2023, 2025, 2030... Só me tiram de campo com uma maca. Em fevereiro, já voltam as competições e aí posso pensar passo a passo. Árbitros não são como as seleções. Nós não sabemos um ano antes se vamos ser escalados ou não para uma competição, então ainda não sei se irei ao Qatar.

Como foi apitar a final da Copa do Mundo de 2018? É difícil falar sobre isso. É uma lembrança de quando eu era criança, de quando ganhei a primeira bola de futebol do meu pai. Eu lembrei de tudo isso. Apitar a final é algo incrível porque nós amamos o futebol. É como tocar o céu e as nuvens com as mãos. É maravilhoso assim, e senti que o esforço e o sacrifício valeram a pena. O prêmio maior foi apitar a final.

A introdução do VAR dificultou em algo na competição? O VAR é uma ferramenta que não veio só a ajudar o juiz, mas ao futebol como um todo. Quanto menor a interferência, maior o benefício, e creio que temos que seguir trabalhando para chegar a esse nível. Para mim, não mudou nada. Não tive que mudar muita coisa. Apito igual, com VAR ou sem VAR.

Os primeiros gols da França chegaram a criar discussões por conta do uso da tecnologia. Em 2018, foi a primeira vez do VAR na Copa do Mundo e também a primeira vez que foi utilizado em uma final do torneio. Temos que lembrar disso. Nós fizemos muitos seminários, estudamos bastante. É uma tecnologia com que ainda estamos nos adaptando, como tudo na vida, e o uso dela vem melhorando cada vez mais.

Qual sua opinião sobre os comentaristas de arbitragem? Acho que toda análise do futebol é bem-vinda. Tornar-se comentarista de arbitragem é um caminho natural quando vem a aposentadoria. Eu não ouço muitos analistas, mas entendo que existem duas formas de fazer o trabalho. A primeira é com seriedade, analisando os lances e apontando erros de uma forma construtiva. A outra é para criar um show, em que se coloca o árbitro como o grande vilão, em prol da audiência. É fato que os árbitros também cometem erros. Somos seres humanos.

Djokovic jogará na Austrália após dispensa de vacina

SÃO PAULO O tenista Novak Djokovic confirmou nesta terça (4) que buscará seu décimo título do Australian Open após receber uma isenção que dispensa a obrigatoriedade de estar vacinado contra a Covid-19 para jogar o torneio, a partir de 17 de janeiro.

O número 1 do mundo, que se recusa a revelar seu status de vacinação, afirmara anteriormente que não tinha certeza se iria competir no primeiro Grand Slam do ano devido a preocupações sobre as regras de imunização exigidas pelo governo australiano. Para entrar no país sem estar imunizado é necessário receber uma autorização especial.

"Passei um tempo fantástico com meus entes queridos durante as férias e hoje estou indo para a Austrália com uma permissão de isenção. Vamos para 2022", escreveu o tenista sérvio nas redes sociais.

O torneio confirmou na sequência da publicação do atleta que o pedido dele foi aceito após um "rigoroso processo de revisão envolvendo dois painéis independentes de médicos especialistas". Os protocolos de saúde foram definidos pela Tennis Australia, responsável pelo esporte no país, e pelo departamento de saúde do estado de Victoria, onde está a cidade de Melbourne.

Entre as possíveis razões médicas para receber a permissão estão eventos adversos relacionados à vacina e um exame PCR positivo para a doença nos últimos seis meses. Não está clara qual é a situação de Djokovic, e o torneio não pretende se pronunciar sobre os motivos de cada exceção.

No ano passado, o diretor do Australian Open, Craig Tiley, disse esperar que mais de 95% dos tenistas estivessem vacinados para a disputa. Ainda não foram divulgados outros casos de exceção médica.

Em abril de 2020, antes mesmo de a vacina ser uma realidade, o tenista sérvio se declarou contrário à obrigatoriedade da imunização para competir no circuito. "Pessoalmente, sou contra vacinação e não gostaria de ser forçado por alguém a tomar uma vacina para poder viajar", disse em conversa com outros atletas sérvios nas redes sociais.

"Eu não sou especialista, mas quero ter a opção de escolher o que é melhor para o meu corpo", disse na ocasião.

Em junho de 2020, ele contraiu o vírus durante sequência de torneios que ajudou a promover na Sérvia e na Croácia.

O Australian Open de 2022 é o primeiro grande torneio do tênis com exigência de vacinação para os atletas. Em fevereiro do ano passado, quando o acesso aos imunizantes ainda era baixo mundialmente, os participantes tiveram que cumprir período de isolamento, inclusive com restrição de treinos, antes de poderem circular livremente.

Fifa anuncia finalistas do Prêmio Puskás

SÃO PAULO A Fifa anunciou nesta terça os três finalistas do Prêmio Puskás 2021, que elege o gol mais bonito do ano. O vencedor será revelado próximo dia 17.

O tcheco Patrik Schick, com gol do meio de campo, o argentino Erik Lamela, de chaleira, e o iraniano Mehdi Taremi, de bicicleta, concorrem à premiação.

Participaram da votação os Legends da Fifa (grupo de ex-técnicos e ex-jogadores) e fãs, que votaram no site do prêmio The Best.

O que poderia ter sido

Encanto de uma partida está também na imprevisibilidade

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

"Que jogo é esse?", disse várias vezes o excelente narrador Paulo Andrade, da ESPN Brasil, durante a belíssima partida entre Chelsea e Liverpool. O empate por 2 a 2 beneficiou o líder Manchester City, disparado, com dez pontos à frente do Chelsea.

Uma marca bela e determinante do City são as triangulações dos dois lados, com um ponta aberto, um lateral que fecha para ser um armador e um meio-campista que avança. Para se livrar da marcação perto da área, a bola sai do centro para o lado e volta para o centro, para alguém finalizar. Assim saem muitos gols.

O Liverpool se caracteriza por ser um time compacto, com um trio no meio-campo, que marca e que avança, dois laterais que cruzam muito bem, especialmente o da direita, Alexander-Arnold, com as viradas de bola de um lado para o outro e os passes longos nas costas dos defensores, para os velozes Salah e Mané.

No Chelsea, Thiago Silva continua brilhante. O time se parece com o City, na troca precisa de passes, e também com o Liverpool, pelas rápidas jogadas em direção ao gol.

Uma razão da desavença entre o técnico Thomas Tuchel e Lukaku seria o fato de o Chelsea ter conquistado o título europeu sem o centroavante, com muita movimentação do trio de atacantes. Tuchel não estaria entusiasmado com Lukaku, um centroavante fixo, embora se desloque também pela direita, com suas arrancadas. Na seleção da Bélgica, Lukaku joga como no Chelsea. Na Inter de Milão, fazia dupla com Lautaro Martínez.

Ao ver as partidas das principais equipes europeias, principalmente as da Inglaterra, ficam nítidas as diferenças em relação aos times brasileiros. Os jogos são mais intensos, há mais pressão para recuperar a bola, mais troca de passes, mais triangulações e menos espaços entre os setores, menos bolas cruzadas na área, para contar com a sorte, e menos faltas, reclamações e tumultos.

No Brasil, apesar do mau rendimento de muitos clássicos meias de ligação, chamados de camisa 10, como Ganso, Lucas Lima, Cazares, Benítez, Luan e outros, continua o fascínio por esse tipo de jogador. Na Europa, eles desapareceram, com algumas exceções, como o português Bruno Fernandes, do Manchester United, que, nas últimas partidas, tem mudado de posicionamento.

Como os espaços entre o meio-campo e a defesa são muito pequenos, não há necessidade de ter esse meia, para jogar entre os dois setores. Essa função é exercida pelo meio-campista, que marca e avança como um meia ofensivo.

A repetida história de que o Brasil teve cinco camisas 10 na Copa de 1970 é uma lenda. No Cruzeiro, eu jogava com a 8 e, na seleção, atuei como centroavante, com a camisa 9. Jairzinho, camisa 7 no Botafogo e na seleção, atuava da ponta direita para o meio. Gerson e Rivellino eram clássicos armadores em seus clubes. Gerson atuou com a 8 na Copa, e Rivellino, camisa 10 no Corinthians, jogou mais pela esquerda, com a 11. O único clássico camisa 10, ponta de lança, segundo atacante, na seleção e no Santos, foi Pelé.

O endeusamento dos treinadores nas vitórias é um fascínio mundial, mas, no Brasil, é muito mais marcante, badalado, como se tudo o que acontecesse no jogo fosse decorrente do planejamento tático e das decisões dos treinadores. Essa vedetização dos técnicos, os donos da bola e do jogo, prejudica a evolução do futebol.

O encanto de uma partida não está somente no que acontece mas também na imprevisibilidade, no que poderia ter sido.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | **SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo** | SÁB. Marina Izidro

Hirao não sonegava informação, orientava e acolhia colegas

FOLHA, 100
HUMANOS DA FOLHA

Carlos Bozzo Junior

"Este livro não tem pretensões acadêmicas. É apenas o relato das experiências de um ombudsman que não perdeu a alma", escreveu Roberto Junji Hirao (1944-2012) na apresentação de seu livro "70 Lições de Jonalismo" (Publifolha), de 2009.

A afirmação retrata perfeitamente uma das auspiciosas características de um jornalista autodidata, solícito, afável, culto, resiliente, corintiano, elegante no trato pessoal e que nunca perdeu a alma e o humor.

Estagiário, redator, repórter, editor-executivo e ombudsman foram funções exercidas no Grupo Folha por Roberto Hirao, que demonstrava paixão pelo jornalismo. "Ele era uma espécie de pré-Google. Um mentor, amigo, e consultor muito generoso. Era nosso esteio. Pegávamos as primeiras coordenadas de informação sempre com ele", diz a repórter e professora Magaly Prado, que trabalhou com Roberto Hirao na Folha da Tarde.

No Jornal da Tarde, Hirao foi estagiário, antes de ser repórter da Última Hora, onde trabalhou com Samuel Wainer (1910-1980), mas foi nas Redações dos jornais **Folha de S.Paulo**, Folha da Tarde e Agora que o jornalista passou boa parte de seus mais de 40 anos da carreira entre sua admissão, em 1969, e seu desligamento, em 2012.

Em 1973, foi editor de Cidades [atual Cotidiano] da **Folha** e dirigiu uma das primeiras editorias de emergência do jornal, criada para cobrir a greve dos metalúrgicos do ABC, em 1979. Na Folha da Tarde, Hirao foi repórter, editor-executivo e ombudsman, além de secretário-adjunto de Redação.

"Quando foi editor de Cidades da **Folha** ele já se destacava pela objetividade e precisão do texto, realizando uma edição diferenciada, além de contribuir muito na orientação da edição e da pauta. Ele tinha um modo 'Hirao' de sugerir e dar dicas para tornar o texto e edição melhores, e um olho de lince incrível para captar erros", diz Luiz Carlos Duarte, 67, jornalista e escritor, que trabalhou 33 anos no Grupo Folha, tendo como última função a de editor geral do jornal Agora.

A dedicação de Roberto Hirao ao jornalismo foi plena. "O trabalho para meu pai vinha em primeiro lugar. Ele chegava tarde da noite e nós, que somos quatro irmãos, já estávamos dormindo, mas deixávamos os cobertores nos pés da cama para que ele nos cobrisse quando chegasse, o que sempre fazia", diz Silvia Eri Hirao, 43, filha do jornalista.

Demovida pelo pai, Silvia trocou o curso de jornalismo pelo de turismo. "Eu tinha o sonho de ser jornalista, mas ele dizia que era uma profissão muito difícil, por conta dos horários e de viver em função do trabalho."

Bilhetinhos com elogios e observações sobre trabalhos escolares eram ansiosamente aguardados pelos filhos, assim como as críticas internas que Hirao redigia aos companheiros de trabalho. "No Agora, fazia críticas internas de maneira informal. Era um alento para a Redação receber essas críticas feitas com humor, dando altas dicas. Era uma crítica amável, super bacana e edificante", disse Duarte.

Hirao sempre chegava à Redação com novidades sobre suas paixões, cinema, música e tecnologia, para compartilhar com os colegas, com quem também dividia o espaço do Recanto dos Sabiás, uma chácara próxima à cidade de São Roque.

"Meus pais compraram esta chácara, em 1977, para que eu e meus irmãos tivéssemos infâncias no mato, na natureza. Foram muitas festas juninas e de final de ano, com jornalistas e outros amigos do jornal. Ele adorava", disse Silvia sobre o local onde Hirao construiu uma sala de música, com vários discos de vinil, CDs, filmes super-8, fitas de VHS e DVDs, para deleite próprio e dos convidados.

Grandes reveses mostram a força da alma desse dedicado jornalista. Diagnosticado com doença de Parkinson, nos anos 1980, até sua morte Roberto Hirao sofreu as consequências de seus sintomas sem nunca reclamar ou perder o humor. Submetido a exercícios de fonoaudiologia e solicitado a dizer uma única palavra falou, com dificuldade para emitir a voz, mas falou: "Corinthians!".

Roberto Hirao no Agora, em São Paulo (SP) Fabio Braga - 25.ago.2009/Folhapress

Roberto Junji Hirao (1944-2012)

Nascido em São Paulo, foi autodidata e trabalhou como estagiário, repórter, redator e diretor de Redação. Iniciou carreira no Última Hora, foi editor de Cidades da **Folha de S.Paulo**, além de editor-executivo e ombudsman da Folha da Tarde e do Agora. Era apaixonado pelo jornalismo e pelo Corinthians

Série semanal apresenta perfis de profissionais da Folha

O projeto Humanos da **Folha** conta a trajetória de repórteres, editores, fotógrafos, designers, cartunistas e outros que fizeram parte da história centenária do jornal. Leia outros textos em folha.com/folha100anos

ALIADOS DE PELO
Ovelhas e cabras participam de campanha pró-vacinação contra a Covid-19 na Alemanha; pão manteve animais na posição para foto Hanspeter Etzold/via Reuters

ACERVO FOLHA

Há 50 anos
5.jan.1971

Portuguesa contrata Ibañez, e Brasil passa a ter 19 atletas estrangeiros

O futebol brasileiro, em seus principais centros, está atualmente com 19 jogadores estrangeiros. Todos são sul-americanos: oito uruguaios, oito argentinos, dois paraguaios e um chileno.

Só nos últimos seis meses, vieram nove deles. O mais novo foi o meio-campista uruguaio Ibañez, contratado pela Portuguesa na terça-feira (4).

Isso, entretanto, não parece indicar uma crise na qualidade do futebol dos brasileiros. Com as dificuldades financeiras dos clubes argentinos e uruguaios e com a melhor situação do Brasil no mercado de câmbio, é possível buscar no exterior bons jogadores por preços razoáveis.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

A conjectura de 1 milhão de dólares

Matemática gera problemas desafiadores, uns úteis, outros apenas curiosos

Marcelo Viana

Diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France

Uma das características mais instigantes da matemática é a sua capacidade de gerar problemas desafiadores. Muitos têm que ver com importantes aplicações da matemática na vida real. Outros são o resultado de pura curiosidade, da sede humana de saber. Os mais divertidos são aqueles formulados com poucos requisitos, de modo que todo mundo entenda a questão. O que aliás não obsta a que a resposta possa ser difícil, exigindo ferramentas matemáticas sofisticadas.

O último teorema de Fermat é um belo exemplo. Foi formulado em 1637 pelo advogado e matemático amador francês Pierre de Fermat (1607-1665), numa famosa anotação na margem da "Aritmética" de Diofanto: se n é um inteiro maior do que 2 então não existem inteiros positivos A, B e C tais que $A^n+B^n=C^n$. Mas a prova desse fato só foi encontrada em 1993/94, pelo matemático inglês Andrew Wiles, e usa diversas ideias matemáticas avançadas desenvolvidas nesses mais de 350 anos.

Entre as muitas pessoas que estavam tentando resolver o problema por volta de 1993 e "perderam" para Wiles, estava outro matemático amador, o banqueiro norte-americano Andrew Beal. Ele então propôs uma questão ainda mais difícil: se p, q e r são inteiros maiores do que 2 e A, B e C são inteiros positivos tais que $A^p+B^q=C^r$ então A, B e C têm algum fator primo em comum.

Para incentivar o estudo dessa questão, Beal ofereceu um prêmio em dinheiro: inicialmente era de U$ 5 mil, mas perante a dificuldade encontrada foi aumentando e atualmente está em U$ 1 milhão (cerca de R$ 5,7 milhões) —não fará falta, afinal ele tem US$ 10,2 bilhões (R$ 58 bilhões), segundo a revista Forbes. Assim mesmo, continuamos não sabendo se a conjectura (afirmação) de Beal é verdadeira ou falsa.

Provar que é verdadeira não pode ser tarefa fácil, porque acarretaria uma nova prova do teorema de Fermat. Para provar que é falsa bastaria encontrar soluções específicas em que A, B e C não tenham fatores primos comuns. Mas até hoje ninguém conseguiu, mesmo com o uso de supercomputadores.

O principal avanço foi alcançado por Henri Darmon e Andrew Granville, em 1995: eles mostraram que se fixarmos os valores p, q e r então o conjunto das soluções A, B e C sem fatores primos comuns é finito (a conjectura de Beal afirma que esse conjunto é vazio). O argumento deles só não vale quando $p=q=r=3$, mas nesse caso Euler e, provavelmente, Fermat já sabiam que não existem soluções.

Apocalipse agora

Covid, fake news, crise política e mudanças climáticas alimentam mostra e filmes que escancaram uma obsessão com o fim do mundo

Ilustração de 'A Guerra dos Mundos', de Henrique Alvim Corrêa Reprodução

Carolina Moraes

SÃO PAULO H. G. Wells começa seu clássico de ficção científica "A Guerra dos Mundos", de 1898, indicando que "ninguém teria acreditado" naquela história. O que o autor apresentava como pouco crível era a invasão marciana das páginas seguintes, com máquinas gigantes aniquilando os terráqueos.

"Ninguém pensou nos mundos mais antigos do espaço como fontes de perigo humano", escreveu ele algumas linhas adiante. Por ora, a tomada extraterrestre da Terra ainda está no campo do inverossímil, mas uma série de outras catástrofes e guerras que podiam parecer improváveis se tornaram bem reais.

Ninguém teria acreditado na série de invasões coloniais que estão nas entrelinhas de "A Guerra dos Mundos", na crise climática que poria em xeque extensões quilométricas de regiões costeiras, ou ainda num vírus que deixaria o mundo em confinamento.

Quem organizou a estética de ficção científica que representa essa guerra com o desconhecido foi Henrique Alvim Corrêa, brasileiro que fez sua carreira na Bélgica. As ilustrações que ele fez para "A Guerra dos Mundos" na virada para o século 20 agora são o centro de uma exposição na Pinacoteca que reúne outros dez artistas contemporâneos.

As obras levantam debates sobre o colonialismo, a imigração e ficções criadas a partir de cosmologias de povos originários que extrapolaram o tempo de Corrêa. São discussões, aliás, que transbordam do ambiente das artes visuais e estão numa série de filmes recentes. O que todos parecem escancarar é que nós vivemos guerras de todas as ordens. Será que elas vão, afinal, nos levar para o fim do mundo?

"Criamos a partir dessa relação de Corrêa com o imaginário da disputa entre espécies terrestres e extraterrestres, de um subtexto que o livro traz do colonialismo, da dominação, da eugenia. São temas que estão latentes nessa virada do século e que ainda são fortes para nós", diz Fernanda Pitta, que organiza a mostra.

Enquanto o maquinário gigante de Wells acaba com a vida na Terra de maneira dramática nas gravuras de Corrêa, o artista Runo Lagomarsino reúne em "Contos do Submundo" uma série de caixinhas com insetos estudados por um museu de Berlim.

Aqueles animais desconhecidos pelos alemães, dispostos em cima de recortes de jornais com notícias sobre imigração, são analisados até que se descubra como controlar essas pragas estrangeiras —ou seja, como exterminar aquele grupo estranho.

Já Luiz Roque inventa uma distopia quase etérea no filme "Zero", registro de um cachorro que viaja numa nave por tempos e espaços inabitados, sem fim.

Pitta afirma que a época em que Corrêa viveu, na virada para o século 20, era imbuída de um certo decadentismo, de uma ideia de recomeço e também de fim de mundo, que conversava com movimentos literários de então. É um clima que, segundo ela, está de volta aos dias de hoje.

Continua na pág. C2

Vivemos uma época em que nos damos conta de que o conflito, a guerra são presentes. Essa ideia da história de que a gente melhora caiu por terra. A gente está no caos

Fernanda Pitta
curadora da Pinacoteca

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

BLOCO NA PISTA

A Prefeitura de São Paulo estuda transferir o desfile de blocos de Carnaval, que arrastam multidões às ruas, para o Autódromo de Interlagos. Já o desfile das escolas de samba deve seguir no Sambódromo.

PENSANDO O prefeito da cidade, Ricardo Nunes (MDB-SP), afirmou à coluna que o martelo ainda não está batido, mas que essa é uma das soluções estudadas para garantir a segurança sanitária na cidade e, ao mesmo tempo, a realização da festa, que gera milhares de empregos.

IDEIA "Vamos fazer uma reunião na quinta-feira [dia 6] para estudar os cenários", afirmou ele. A apresentação dos blocos no autódromo permitiria, por exemplo, que apenas pessoas vacinadas circulassem na folia, já que poderia ser exigida comprovação da imunização na entrada.

CARA NOVA Se a ideia vingar, no entanto, o Carnaval será fatalmente menor, já que dificilmente o autódromo conseguiria receber os 696 blocos autorizados a circular em vários pontos da cidade nos dias da folia. E mais as 15 milhões de pessoas que os seguem pelas ruas.

NA SORTE "Poderíamos fazer um sorteio de blocos que se apresentariam em Interlagos, por exemplo", diz o prefeito. Ele cita alguns números que justificariam a manutenção da festa, ainda que com um formato mais restrito: o Carnaval da cidade gera uma movimentação financeira de R$ 2,7 bilhões.

GELADA Apenas a Ambev, que vai investir R$ 23 milhões em patrocínio, cadastra 20 mil pessoas para vender suas cervejas.

CALMA Ele afirma também que, apesar da variante ômicron, que está se disseminando com velocidade, a situação dos hospitais públicos da capital é de relativa tranquilidade. "Temos hoje 35 pessoas em UTIs. É claro que o ideal seria que nenhum paciente precisasse desses cuidados. Mas já chegamos a ter mais de 1.400 pessoas em unidades de terapia intensiva", afirma ele.

NA AVENIDA O desfile das escolas de samba está confirmado para o Sambódromo, um ambiente mais controlado e onde será exigida também a apresentação da carteira de vacinação na entrada.

POSIÇÃO A Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), sob nova direção desde o dia 1º deste ano, publicou nesta terça (4) um comunicado a favor da vacinação contra a Covid-19 para crianças de 5 a 11 anos.

ALÔ Alguns associados leram a mensagem como um recado ao ministro da Saúde, Marcelo Queiroga — que estava licenciado e agora passa a figurar como ex-presidente da sociedade médica.

PACTO "A atual luz do conhecimento científico indica que a vacinação é importante para proteger todas as faixas etárias a partir de 5 anos contra Covid-19 e também reduzir a transmissão comunitária do Sars-CoV-2, e assim promover proteção individual e coletiva", diz o documento, que é assinado pelo novo presidente da SBC, João Fernando Monteiro Ferreira.

NAS REDES

@gilbertogil no instagram

@paollaoliverareal no instagram

@cauareymond no instagram

@jessicaellen no instagram

O cantor Gilberto Gil publicou foto ao lado da filha Bela 1, em homenagem ao seu aniversário. "E vamos ver o que 2022 nos espera", afirmou a atriz Paolla Oliveira 2. O ator Cauã Reymond 3 compartilhou um retrato. "Feliz ano novo", disse a atriz Jéssica Ellen 4

NA PISTA O secretário municipal de Cultura do Rio, Marcus Faustini, vai anunciar um programa de apoio para dançarinos de breaking e um campeonato de dança em Madureira. A ideia é tornar o Rio a capital brasileira do estilo.

VOZ O deputado federal Vinicius Poit (Novo-SP) quer que parte do fundo eleitoral de R$ 4,9 bilhões seja destinado à população da Bahia e de outras regiões atingidas pela chuva. O parlamentar já reuniu, até terça-feira (4), mais de 62 mil assinaturas em um abaixo-assinado online.

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Apocalipse agora

Continuação da pág. C1

"Vivemos uma época que parece que reavivou tudo isso, nos damos conta de que a dominação, o conflito, a guerra são presentes. Essa ideia da história de que a gente melhora, de que vamos para uma direção mais pacífica caiu por terra", diz. "A gente está no caos."

E há reações a esse caos. O peruano Fernando Gutiérrez Huanchaco imagina uma religião criada por extraterrestres que pregam uma unidade latino-americana e anticapitalista — o som das orações ecoam numa instalação criada no deserto com uma espécie de aparelhagem futurista.

Denilson Baniwa, um dos principais artistas indígenas contemporâneos no Brasil, retoma suas ficções decoloniais num vídeo. Ele discute a revolta da natureza contra a exploração do território yanomami e da Amazônia pelo garimpo.

Essa tônica de denúncia de um fim de mundo também atravessou obras apresentadas na Bienal de São Paulo. A mexicana Naomi Rincón Gallardo fabulou criaturas meio bicho, meio homem que revivem mitos pré-colombianos num baile sobre escombros.

Mas não é só o universo das artes visuais que tem gritado que vivemos num ensaio do apocalipse. O filme "Não Olhe para Cima", da Netflix com Leonardo DiCaprio, Meryl Streep e Cate Blanchett, reavivou discussões sobre a histeria em torno de catástrofes e o risco de ter no comando de um país quem não crê na ciência.

O longa sobre cientistas que alertam para a chegada de um meteoro caçoa de figuras que amplificam o caos, como os bilionários excêntricos que pretendem salvar o mundo e subcelebridades superficiais.

Outro filme lançado no final de 2021 a tratar do fim do mundo é "A Última Noite", com Keira Knightley e Matthew Goode, que resolvem reunir a família no interior da Inglaterra para esperar a destruição total da humanidade, como consequência da crise climática.

Não que essa seja uma temática nova para o cinema. Humberto Neiva, diretor do curso de cinema da Fundação Armando Álvares Penteado, a Faap, lembra que uma série de filmes bíblicos abordam pestes e catástrofes naturais, num longo arco que passa por diretores como Ingmar Bergman com o jogo de xadrez com a morte que acontece num contexto de epidemia, ou o ainda mais contemporâneo "Contágio", do diretor Steven Soderbergh.

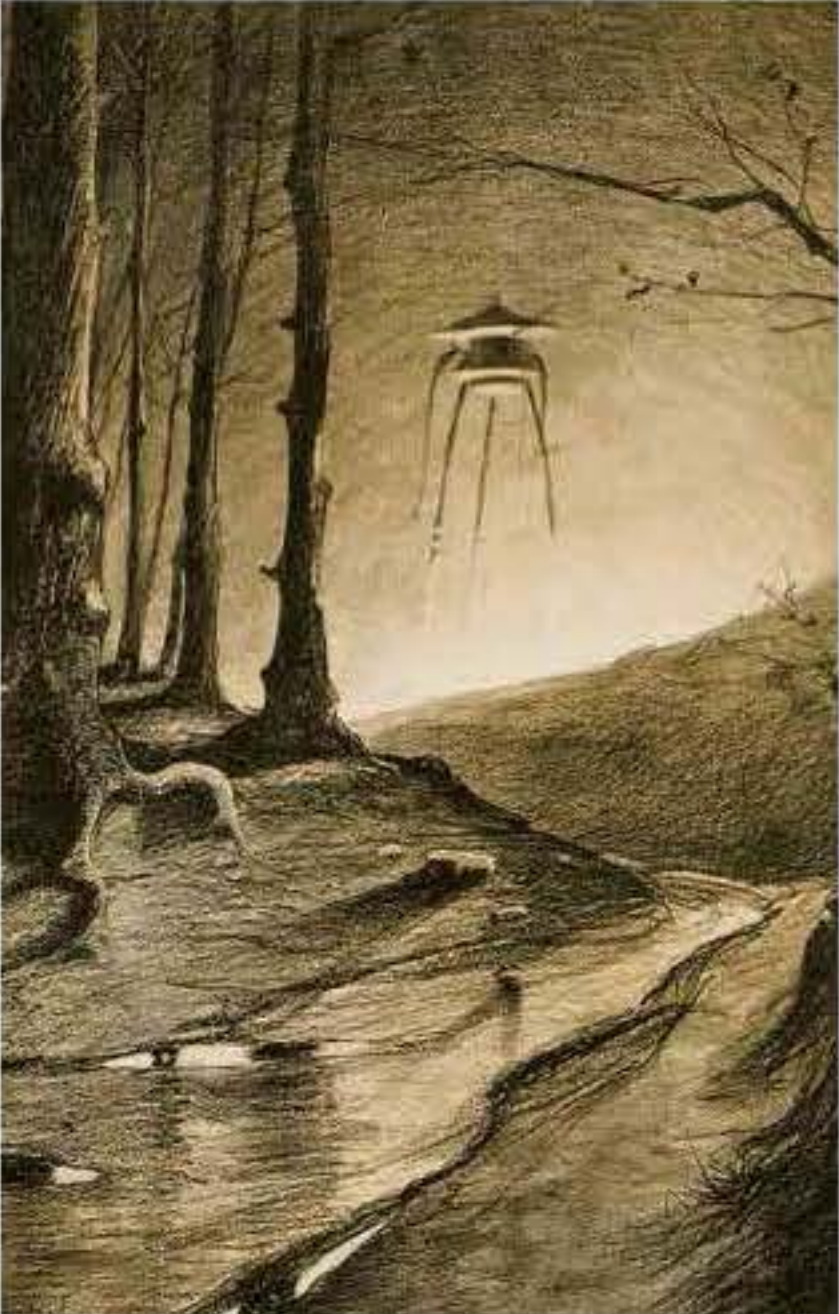
"O cinema sempre elabora questões que são uma interseção entre os acontecimentos do cotidiano com premonições para o futuro", diz ele. "São, de certa maneira, mentiras que trazem discussões profundas e urgentes."

Fernanda Pitta lembra ainda que a literatura decolonial, como a produzida pela portuguesa Grada Kilomba e pela brasileira Jota Mombaça, tem apontado que há certos tipos de corpos que vivem em constante reação para sobreviver.

Ao tratar do que ninguém teria acreditado, a organizadora da mostra também selecionou um conjunto de desenhos eróticos que Alvim Corrêa fez até sua morte, em 1910.

Há ali um aspecto decadente, que beira o macabro. Mas os retratos de prazer que Corrêa cria de corpos femininos não deixam esquecer que, no meio de todas essas guerras, há um jogo incontornável — as disputas entre pulsões de morte e de vida, do desejo e da dominação, da violência e do erotismo. Esse embate nem mesmo o negacionismo estúpido é capaz de encerrar.

Ninguém Teria Acreditado: Alvim Corrêa e 10 Artistas Contemporâneos

Pinacoteca Luz - pça. da Luz, 2, São Paulo. Qua. a seg., das 10h às 18h. Até 11/4. R$ 12 (grátis aos sábados)

Ilustrações de Alvim Corrêa para o livro 'A Guerra dos Mundos', de H. G. Wells, que fazem parte de exposição Reprodução

Companhia Jeová Nissi encena o musical 'Rua Azusa' Divulgação

Musical evangélico propõe libelo antirracismo

'Rua Azusa', da companhia Jeová Nissi, conta história de reuniões que misturavam tons de pele em meio à segregação

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Contar uma das histórias mais caras aos evangélicos pentecostais, sobre um grande despertar espiritual nos Estados Unidos do começo do século 20, é também falar sobre racismo. Disso o diretor teatral Caique Oliveira, de 43 anos, não tinha dúvida.

No dia 14 de abril de 1906, quatro dias antes de um terremoto que arrasou San Francisco, tremores de outra natureza atingiam outro pico californiano. Sob comando de William Joseph Seymour, filho de ex-escravizados, começava uma intensa experiência religiosa que logo chamaria a atenção do Los Angeles Times.

O jornal falou sobre um "murmúrio estranho" vindo de um prédio degradado na rua Azusa, em Los Angeles. Não sem preconceito, a elite local se assustou com aqueles cultos liderados por um pastor negro, abundantes no que fiéis viam como curas milagrosas e glossolalia —pessoas falando em línguas estranhas que antes desconheciam, verborragia que, vista de fora, parecia um transe extático. Evidências do poder do Espírito Santo, para os que creem.

Central no pentecostalismo, corrente que um século depois predominaria no evangelismo à brasileira, o episódio se embrenha na história de um país então coalhado de racistas. As reuniões eram pioneiras em misturar todos os tons de pele numa época em que negros não tinham permissão para frequentar espaços reservados aos brancos, de escolas a banheiros.

Transformado em teatro, "Rua Azusa" era muito mais do que um "musical evangélico", como a imprensa insistia em rotular. O espetáculo montado pela companhia fundada pelo diretor paulista em 2000, a Jeová Nissi, era sobretudo um libelo antirracista.

Oliveira, contudo, precisou recalcular a rota à medida que recebia críticas sobre a abordagem racial da peça que queria justamente discutir o preconceito que o reverendo Seymour e seus seguidores vivenciaram um século atrás.

Quando, há três anos, lançou o musical, por exemplo, usou no roteiro o termo "escravo" para se referir a africanos e descendentes submetidos a trabalho compulsório. Logo recebeu puxões de orelha de ativistas negros.

Atualmente, o termo "escravizado" é usado para falar sem meias palavras sobre povos forçados a trabalhar contra a sua vontade, já que "escravo" dá margem à leitura de que essa condição era indissociável.

Não foi a única vacilada que deu nesse campo, diz Oliveira, que é branco. Tinha a atriz loira que, na versão inicial, interpretava uma espécie de diretora dos acontecimentos narrados pela montagem. "O pessoal veio procurar a equipe, 'como assim vocês estão falando sobre a questão do racismo e colocam uma branca que fica o tempo todo ensinando os negros como se faz?'."

Oliveira lembra o trecho com um navio negreiro. A personagem-diretora decidia que os atores negros precisam se esforçar mais. "Ela cortava e falava, 'isso, gente, muito bom, mas falta um pouco de sofrimento'. Eu nunca tinha percebido isso, né [o viés racista]? Aí o pessoal me abriu os olhos."

Recado dado e acatado. O papel sumiu de cena.

Outro erro que corrigiu foi a passagem em que uma criança, rejeitada por um pai adotivo branco pego de surpresa por sua negritude, ainda assim pede a ele que seja seu guardião. E dá pito —"como assim uma menina que cresce dentro de um abrigo, com toda a força dela, já entendendo a visão de ser uma mulher negra, vai ouvir que a chamaram de macaca e não vai reagir?". "Vai implorar pelo afeto de um criminoso?"

A cena foi reescrita para que o homem, arrependido, saiba bem o crime que cometeu.

Oliveira conta que fez laboratórios com seu elenco, todo evangélico e de maioria negra, e naqueles encontros ouviu muita coisa de embrulhar o estômago. Como a atriz que disse ter escutado, em sua igreja, que seu cabelo black power "não é de Deus" e que, "puxa, por que não deixou liso como antes?".

"Rua Azusa", que deve voltar em cartaz no paulistano teatro Nissi, em janeiro, já foi encenado em quatro igrejas, aí inclusas a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, de Silas Malafaia, e a Batista Atitude, frequentada pela primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Cumpre seu papel de trazer "uma mensagem que não se fala no altar", segundo o diretor. Feridas muitas vezes escanteadas nos centros de fé, "como racismo e agressão contra a mulher", ele lembra.

A Jeová Nissi, ou Deus é nossa bandeira, em hebraico, nunca disfarçou sua raiz cristã, mas conseguiu furar a bolha gospel em 2019, ao ganhar na categoria de revelação em musicais do prêmio Bibi Ferreira, respeitadíssimo entre os pares teatrais.

A companhia, contudo, entrou na pauta nacional por motivo menos feliz. O dramaturgo Roberto Alvim, que na época dirigia o Centro de Artes Cênicas da Funarte, cismou que queria transformar o carioca Glauce Rocha no "primeiro teatro do país dedicado ao público cristão". Indicou a Jeová.

A classe artística não gostou nada da ideia e houve até protesto. "Teatro não é igreja." O combinado foi para o buraco. Pouco depois, Alvim foi nomeado pelo presidente Bolsonaro para chefiar a Secretaria Especial da Cultura. Teve vida breve lá, demitido depois de copiar um discurso nazista.

Três anos depois, Oliveira apresenta um musical que definitivamente não é música para ouvidos discriminatórios.

Sérgio Camargo diz que não quer 'DNA alienígena' e que só aceitaria tomar Coronavac

BELO HORIZONTE O presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo, afirmou nas redes sociais que optará por se imunizar com a Coronavac caso fique "sem saída", devido a exigências sanitárias como o passaporte da vacina.

"Não funciona, mas ao menos foi desenvolvida utilizando método tradicional e já bem conhecido (vacina de vírus inativado)", escreveu. "Não permitirei que injetem 'DNA alienígena' no meu corpo."

A vacina recebeu aval da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e da da Organização Mundial da Saúde.

Um estudo que avaliou a eficácia na vida real das vacinas Coronavac e AstraZeneca contra a Covid-19 indicou que a proteção fornecida pelos imunizantes contra mortes diminui em pessoas com 90 anos ou mais, na comparação com o resto da população.

A pesquisa VigiVac-Covid19 avaliou quase 61 milhões de brasileiros que tomaram uma ou duas doses das vacinas contra Covid-19 no país de 18 de janeiro a 30 de junho de 2021.

As duas doses da vacina Coronavac protegem contra hospitalização e óbito por Covid, mas, passados seis meses, o risco de contrair a doença aumenta em indivíduos com idades entre 18 e 39 anos.

Sérgio Camargo é jornalista profissional e costuma dar declarações polêmicas e repletas de desinformação para agradar a base bolsonarista.

No ano passado, na esteira de denúncias de assédio moral, Camargo foi afastado pela Justiça das atividades relacionadas à gestão de pessoas da instituição que chefia.

À frente da Palmares, responsável por preservar a cultura negra, Camargo empreendeu uma cruzada ideológica. Em junho de 2021, publicou um relatório, segundo o qual metade do acervo de livros da instituição seria excluído.

Biografia de Lula ultrapassa a de Moro em ranking

SÃO PAULO O primeiro volume da biografia do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, escrita por Fernando Morais e publicada pela Companhia das Letras, apareceu à frente do livro autobiográfico do ex-juiz Sergio Moro, editado pelo selo Primeira Pessoa da Sextante, na mais recente lista de livros mais vendidos elaborada pela Nielsen.

Divulgado em parceria com o portal especializado PublishNews, o ranking traz o livro sobre o petista em sexto lugar entre obras de não ficção, enquanto "Contra o Sistema da Corrupção", do ex-magistrado hoje filiado ao Podemos, aparece na 16ª posição.

Enquanto o volume escrito por Morais não parte da pretensão de ser uma biografia oficial do petista, o livro de Moro tem caráter mais confessional, buscando oferecer o ponto de vista do ex-magistrado sobre problemas nacionais sem contrapontos.

Covid suspende shows na Europa, mas Brasil segue atraindo artistas

Festival Transmusicales na França foi o último grande evento do país antes do decreto de um novo confinamento

Felipe Maia

RENNES (FRANÇA) No fim de dezembro, todos os clubes e baladas da França voltaram a fechar as suas portas por ao menos um mês para conter mais um avanço da Covid-19.

A ordem foi dada pelo primeiro-ministro francês, Jean Castex, em anúncio pouco tempo após o encerramento do Transmusicales de Rennes, um dos maiores festivais de música independente do mundo. A edição 2021 do evento fechou um ano que mesclou volta aos palcos e incertezas para a cultura na Europa.

O Trans, como é apelidado, tem tradição de ser a vitrine das novas promessas na música. Em mais de 40 edições, o festival se tornou obrigatório para artistas que querem estourar no mundo.

Já passaram pela pequena cidade de Rennes bandas como Nirvana, Portishead e Jamiroquai e nomes hoje clássicos da música eletrônica, como Prodigy e Daft Punk.

O rock e o eletrônico são os gêneros por vocação do evento. A mais recente edição abriu espaço para o power trio LohArano, de Madagascar, o hardcore iconoclasta do duo britânico Bob Vylan e o pós-punk dos franceses do Gwendoline — queridinhos do público.

Nas picapes, Vinícius Honório representou o Brasil com techno de alta velocidade e a francesa Zazu levou funk dos bailes de rua de São Paulo, o mandelão, para as pistas.

Músicas que fogem aos moldes eurocêntricos também tiveram lugar no festival. O destaque vai para a quase big band Star Feminine, grupo formado por adolescentes do Benim que aprenderam música graças a um projeto local. No palco, as jovens revitalizam a tradição do oeste africano de rumbas e soukous popularizada por nomes como Manu Dibango. Artista que canta em língua cigana, povo alvo de preconceitos vários na Europa, Zinda Reinhardt é outra que marcou o Trans 2021.

"O objetivo do Trans é mostrar artistas que ninguém conhece, então podemos fazer muitas coisas bizarras", diz Jean Louis Brossard, cofundador do festival. "Artistas como Beck e Bjork tocaram aqui e explodiram logo depois."

Som de popularidade inconteste na França, o rap também vem ganhando espaço na vitrine do Transmusicales. O principal nome do hip-hop a se apresentar no festival foi Ziak —artista que vem galgando postos no disputado ranking do rap francês.

O rapper segue a linha do drill, subgênero com rimas abrasivas e estética obscura. Sobre o palco, Ziak rimou sem nunca tirar o lenço que cobre o rosto. Na plateia, muitos estavam de máscara anti-Covid, adereço comum embora não fosse obrigatório.

"Acredito que precisamos voltar a fazer shows, mesmo com máscaras", diz Brossard, agitador cultural de peso no cenário francês. "É difícil saber o que vai acontecer nos próximos meses. Agora tem a variante ômicron. E depois? A vida sem música, sem cultura, não é mais a vida."

Festivais desse tipo são fontes de renda para cidades europeias de menor porte ou sem tradição para a vida noturna. Para fazer frente à concentração cultural de metrópoles, municípios como Rennes investem pesado em eventos que atraiam capital —financeiro, a princípio, mas também social a longo prazo.

Continua na pág. C5

DJ Pone em apresentação no festival Transmusicales, na cidade de Rennes, na França Sebastien Salom-Gomis/AFP

Psica mistura Elza Soares e metaleiros de Belém em festa que antecipou o tom de 2022

Jairo Malta

BELÉM "Em Belém tudo vem dos rios e passa por barcos, a música paraense não é um item diferente", afirma o produtor de eventos Jeft Dias, enquanto ao fundo, num palco montado sobre o rio Guamá, acontece o show da banda Fruto Sensual, um dos grupos de tecnomelody mais tradicionais do estado do Pará.

Essa foi uma das apresentações que deram a largada ao Psica, festival de música que aconteceu durante três dias no meio do mês passado e que levou pessoas de muitas regiões diferentes do país para o norte do Brasil.

O evento, que teve Elza Soares e a equipe de som Crocodilo Prime como artistas principais, chamou a atenção pela variedade de ritmos e públicos que se misturaram nos quatro palcos do festival também realizado no estacionamento de um shopping.

A começar pelas bandas de rock que davam início à programação de cada dia —vale ressaltar que em Belém existe uma cena roqueira forte com bandas que viajam pelo exterior em turnê, mas que não aparecem muito no Sudeste.

Uma delas, a Baixo Calão, estava sendo aguardada por uma multidão de metaleiros. Tocando grindcore —estilo de rock mais pesado do que o hardcore—, o grupo iniciou a maratona de shows no mesmo dia que destacou Marina Sena, Chico César e o tecnomelody estridente da aparelhagem Crocodilo Prime, ou seja, nomes de estilos completamente diferentes do rock.

Essa variedade de gêneros não é comum em grandes festivais. O Primavera, Te Amo, evento que aconteceu em São Paulo uma semana antes do Psica, teve em sua programação artistas de estilos parecidos com os de outros festivais —caso das rappers gêmeas Tasha e Tracie e de Karol Conká.

Vale dizer que escalar atrações de públicos tão distintos num mesmo dia pode ser um tiro no escuro. Basta lembrar o Rock in Rio de 2001, quando o show de Carlinhos Brown, que abria o dia de apresentações dedicadas ao metal e tinha como destaque o Guns N' Roses, teve de ser interrompido.

Continua na pág. C5

A aparelhagem Crocodilo Prime durante show no festival Psica Tuyuka Lara/Divulgação

Continuação da pág. C4

A persistência da pandemia foi um banho de água fria para a maioria dos programadores e produtores de festivais do continente, que esperavam ter retomado as atividades no verão do hemisfério norte.

O britânico Glastonbury declarou logo no começo do ano que não teria edição em 2021 —assim como em 2020. A ausência do maior evento de música da Europa afugentou outras marcas de peso, como os espanhóis Primavera e Sónar.

O efeito dominó que se estendeu afetou festivais menores. Dentro do setor, uma das maiores vítimas econômicas da pandemia, eventos desse tipo são a linha de frente em termos de público. Foram os primeiros a serem cancelados e serão os últimos a voltar.

Um estudo realizado pelas universidades de Montpellier e Paris Nanterre, da França, mostrou que só nesse país o prejuízo estimado pela ausência de festivais foi da ordem de € 2 bilhões, ou quase R$ 13 bilhões —isso só em 2020.

O prejuízo começou a ser mitigado com o avanço da vacinação no primeiro semestre de 2021. Na França, cuja capital é apinhada de teatros, cinemas de rua e casas de espetáculos, o governo apelou à cultura para aumentar a adesão.

Em agosto, o presidente francês Emmanuel Macron declarou obrigatória a apresentação de um passaporte da vacina para entrada em equipamentos culturais e bares. A medida permitiu que baladas e grandes eventos reabrissem as portas pouco a pouco.

Franquia de peso no mundo da música eletrônica, o festival Nuits Sonores, em Lyon, teve palcos quase com lotação completa. Mas o clima de volta à normalidade durou até meados de dezembro.

O Trans, que ocorre já às vésperas do inverno, foi o último a surfar a onda da pandemia quase parando. A ameaça da variante ômicron e o novo aumento do número de casos de Covid-19 botaram a música na Europa no "pause" outra vez.

No vácuo deixado pelos novos confinamentos da cultura no continente, o Brasil volta a atrair os olhos de artistas internacionais. Festivais de renome como as versões nacionais do holandês DGTL, do alemão Time Warp e o recém-chegado Gop Tun anunciaram que devem ocorrer normalmente no primeiro semestre. Resta acompanhar se as datas serão mantidas em meio às incertezas da pandemia.

Continuação da pág. C4

Isso porque o músico baiano começou a receber uma onda de vaias e foi atingido por garrafas e copos de plástico.

Vinte anos depois, o festival carioca passou a ter edições fora do país e mudou o estilo. Artistas como Ivete Sangalo, Anitta e rappers internacionais marcam presença nos palcos principais do megaevento anualmente. Mas a lição foi aprendida. Nos dias dedicados ao rock mais pesado, só bandas do gênero se apresentaram —em 2011, na volta do Guns N' Roses ao festival, quem abriu o dia foi o Detonautas, por exemplo.

Por outro lado, a aposta do festival paraense Psica em diversificar o lineup foi um dos seus principais acertos.

"Aqui a gente não tem acesso a shows como no sudeste do país", afirma Norah Costa, articuladora comunitária que viajou de Santarém, cidade do interior do Pará, até Belém para assistir aos três dias de shows. "Querendo ou não eles são os ídolos que a gente ouve aqui. Nem sei explicar a sensação de ver um show de Black Alien em uma região amazônica."

Costa ainda argumenta que a cultura musical local continua sendo importante, mas que ter a oportunidade de ver artistas de outros lugares do país foi o motivo determinante para viajar até o evento na capital paraense.

"Quando eu vi a aparelhagem do Crocodilo Prime como artista principal de um evento com Elza Soares e tantos outros grandes artistas, ainda podendo ouvir grupos tocando carimbó a todo momento, não tinha como eu não ir", ela acrescenta.

Segundo Gerson Junior, diretor do Psica e um dos responsáveis pela curadoria do festival, a distância é a grande vilã dos eventos locais.

"Aqui a gente tem o que chamamos de custo amazônico, que são os custos adicionais por causa da dificuldade de deslocamento, logística et cetera. Tudo sobe de preço porque as passagens aéreas são muito mais caras para cá", afirma o produtor.

Além da dificuldade em levar artistas ao norte do país, que foi um dos motivos de o Psica não apostar só em apresentações de gêneros parecidos, a forma como a periferia de Belém ouve música influenciou também a escolha da programação. Jeft Dias, que divide com Junior a curadoria do festival, comenta que nos extremos da cidade as pessoas ouvem música de forma mais eclética.

"A gente tenta levar para nossa curadoria a forma que a periferia amazônica consome arte e música. Eu fui criado na feira, e no dia a dia a gente consome o rock anos 1980 do vizinho, a lambada, a música gospel dos feirantes, o tecnobrega do bike som e por aí vai. Daí a gente tenta levar tudo isso para o festival", afirma Dias.

Outra particularidade do evento são os artistas locais. Quando estão no palco, são recebidos com coro dizendo seus respectivos nomes, e os shows costumam ser sempre emocionantes. Quando saem dos holofotes, se comportam como pessoas anônimas circulando entre o público —como é o caso dos rappers Nic Dias, Mc Super Shock e da cantora de brega Layse.

Esse orgulho dos artistas com relação ao pertencimento à cultura local também foi um chamariz para o evento.

"Essa pegada de trazer para dentro de um festival a identidade do lugar foi uma das coisas que me motivou a ir", afirma a maranhense Ingrid Barros, realizadora audiovisual. "Todo o visual, a linguagem puxada para o tecnobrega, a identidade com a comunidade por assim dizer, tudo isso chamou a atenção."

Com cerca de 8.000 pessoas por dia, o saldo do Psica foi positivo, e a tendência é que, em 2022, segundo estimam os organizadores, a dose eclética do público no festival seja ainda mais diversa e inclusiva. Resta ficar de olho para ver se outros festivais seguirão o sucesso do Psica.

O jornalista viajou a convite do Psica

Zé Celso tira a roupa de Gianecchini para falar de libertação e desejo

Qual Zé do Caixão contra o monoteísmo, diretor do Oficina impõe a sua visão do teatro como transgressão em 'Fédro'

STREAMING
Fédro
★★★★☆
Brasil, 2021. Direção: Marcelo Sebá. Com: José Celso Martinez Corrêa e Reynaldo Gianecchini. Disponível no Star+

Inácio Araujo

Aconteceu uma coisa estranha durante a projeção prévia de "Fédro". Em dado momento, Reynaldo Gianecchini se dirige a José Celso Martinez Corrêa, abreviando seu nome a Zé, maneira íntima de tratar esse ator-diretor que é mais conhecido como Zé Celso.

Nesse instante, não sei bem por quê, me lembrei de outro Zé, o Zé do Caixão criado por José Mojica Marins. São diferentes mas próximos em uma série de coisas. Cada um combate o monoteísmo à sua maneira. Zé do Caixão vê o povo como uma carneirada submissa, a quem despreza, não hesita em matar para satisfazer um desejo, nem em humilhar os pobres supersticiosos.

A semelhança diz respeito ao lugar que Zé, o Celso, o dionisíaco, atribui ao desejo. Para ele é um lugar de encontro, de afetividade, do vinho, do teatro. É às religiões monoteístas que se opõe, não às crenças. Em particular as indígenas e de origem africana, que incorpora de várias formas.

Não por acaso, seu diálogo com Gianecchini se desenvolve em torno da libertação. Este é o ato primordial do teatro. Estará Gianecchini preparado para ele? Bem, logo de cara ele esclarece que começou no Oficina de Zé Celso, mas logo foi embora, seduzido pela TV. Parece lamentar o tempo perdido. O encontro é em busca desse tempo. Ele se entrega a Zé Celso como Fédro a Sócrates, o mestre maior.

Este exerce seu poder, não à maneira de Zé Mojica, pela imposição e pelo terror. Mas, sim, há um quê de imposição nisso. Mas pela libertação vale tudo. E essa, na visão de Zé Celso, é a finalidade do teatro. A nudez. É se apoderar do próprio corpo e ao mesmo tempo doar esse corpo ao outro.

Por vezes é constrangedor. E Gianecchini sente bem o constrangimento quando Zé Celso sugere que ele tire a roupa. Reluta, mas por fim aceita. Não é dos momentos mais felizes da conversa. A ideia de nudez parece mais consequente quando, ao constatar que o seu microfone saiu do lugar, Zé Celso pede para o recolocarem ali mesmo, em cena —sem esconder nada. Tudo tem de ser às claras.

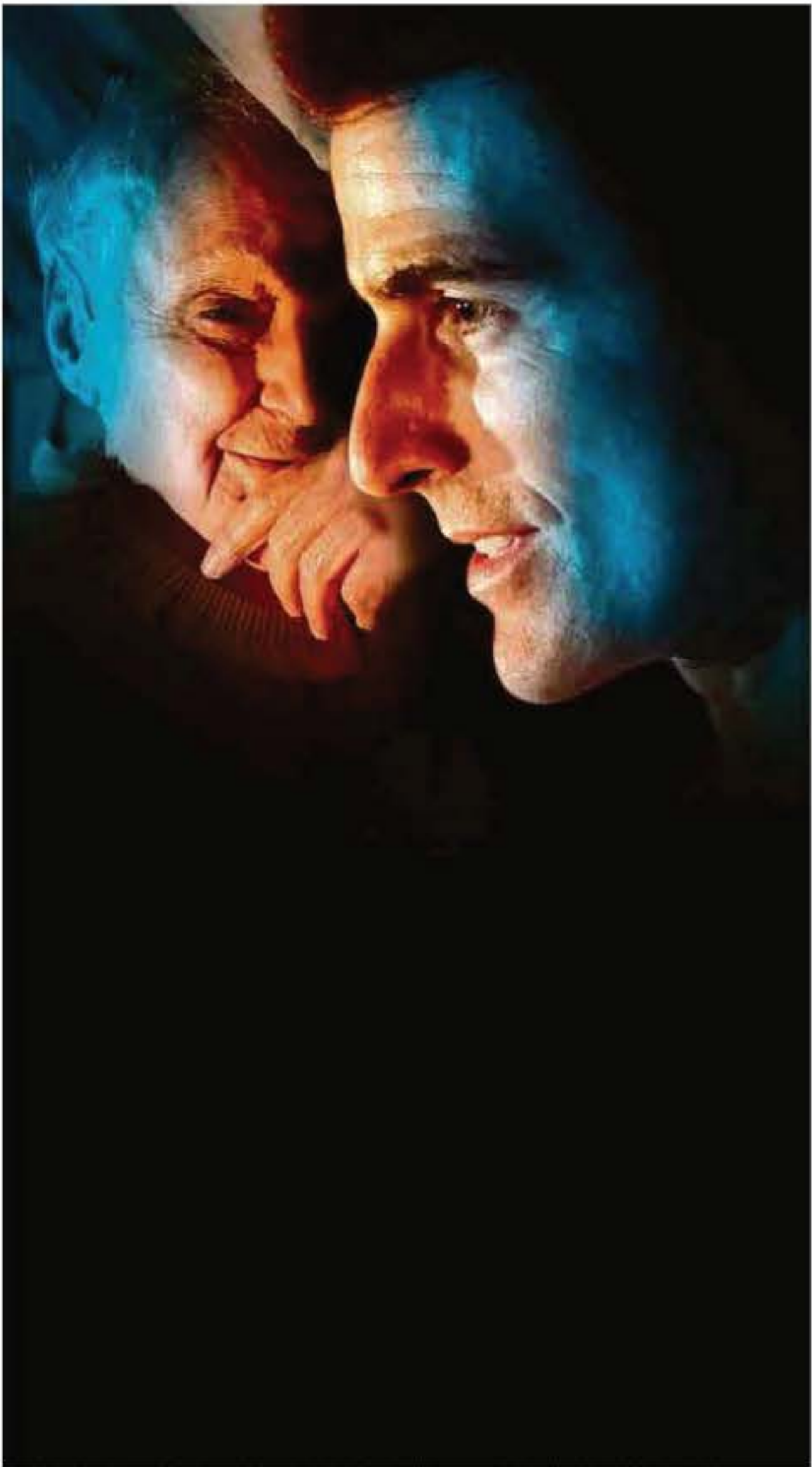
Oswaldiano, tropicalista, mutante, Zé Celso representa ainda esse espírito transgressor, bem anos 1960, que hoje soa como antiguidade num mundo como o atual, de estruturas fechadas, indevassáveis. Isso parece fazer bem a ele.

Lembro o último filme de Mojica, em que o ex-candidato a super-homem nietzschiano Zé do Caixão sai da cadeia e, antes de chegar à primeira esquina, é assombrado pelo tráfego violento da cidade. Seus pobres poderes já são insuficientes contra toda a agressividade neoliberal.

Zé Celso parece ter se dado melhor com o tempo presente. Está no apartamento para conversar, tocar piano e cantar. A cidade parece distante, um cenário, uma abstração que não pode atingir o diretor.

Talvez seja um problema do teatro —ocupa um lugar especial no mundo e nas pessoas, mas esse lugar é específico, não atinge o dia a dia. Ao contrário da Grécia, onde os deuses circulavam entre os homens, aqui o monoteísmo vigora fora do teatro e dos terreiros de crenças indígenas ou afro-brasileiras. O que não impede que essa conversa, que essa adesão plena ao encontro não tenha sua beleza e, talvez, eficácia.

Em todo caso, essa conversa soaria mais dotada de tempos se tivesse alguns pontos de respiro. Por exemplo, alguns temas poderiam reger capítulos. Não era preciso perder o tom de espontaneidade buscado —os temas, em Zé Celso, são recorrentes—, mas daria um tempo, um descanso ao espectador e o deixaria mesmo em melhores condições de absorver as palavras que podem não ser socráticas, mas são de um mestre, sim.

Quando, por exemplo, lembra que o teatro é tragédia ou comédia, mas não drama —não mais, em todo caso—, lança bem o que seu diálogo tem de mais constante —o combate de Eros contra Tânatos, ou entre experimentação e rotina, é que, em sua visão, dá sentido à existência.

O diretor José Celso Martinez e o ator Reynaldo Gianecchini em cena de 'Fédro' Divulgação

Cenas do filme 'Cora', longa de Gustavo Rosa de Moura e Matias Mariani, inspirado no romance 'Antonio', de Beatriz Bracher Divulgação

'Cora', pedante e confuso, dialoga com obra de Beatriz Bracher

CINEMA
Cora
★★☆☆☆
Brasil/Dinamarca, 2019. Direção: Gustavo Rosa de Moura e Matias Mariani. Com: Vera Valdez, Almir Martins, João Menezes. 12 anos. Em cartaz

Não sei se a história da família de Cora será compreensível a partir da leitura de "Antonio", o livro de Beatriz Bracher com que o filme de Gustavo Rosa de Moura e Matias Mariani afirma buscar diálogo.

Não sei também se existe em "Antonio" alguma pista sobre a história narrada no filme por Cora no ano de 2064. Não a vemos, mas ela diz ter nascido em 2016, portanto, tem quase 50 anos no momento em que se dedica à narrativa.

Cora vive em Copenhague e é dinamarquesa como a mãe —embora, se bem entendi, tenha nascido no Brasil— e busca descobrir a história de seu estranho pai, Benjamin, a partir de certa documentação filmada em super-8 e gravada em base digital.

As imagens em super-8 não são facilmente visíveis, enquanto as digitais são com frequência corrompidas. São fragmentárias, claro. Como sabemos pelo menos desde "Cidadão Kane", todo homem é indecifrável. Ao menos, um labirinto. Tentar descobrir o sentido da vida é fracassar.

Mas a história de Benjamin é um pouco mais complicada, porque remete a seu pai, Teo, a figura que a rigor rege sua existência, até onde pude entender. Cora mergulha no pantanal familiar que o filme busca descrever. Por vezes parece se perder tanto quanto o espectador. Seria esse o objetivo do filme? Não é a descartar.

Pois ali temos amigos de Teo (e Isabel, a avó), que falam sobre ele. Raul (Fábio Miguez, até aqui mais conhecido como um talentoso pintor da geração Casa Sete), narrador discreto, que mais parece se espantar ao descobrir a trajetória da família de Benjamin (ou pretende ocultar a história) e o exuberante e falador Haroldo, que fala muito e não diz nada. Esses depoimentos não ajudam muito. Há o de Isabel, a mulher de Teo, mas ela está muito doente, mal se entende o que diz.

Cora parece perdida nessa história que, nos velhos super-8, parece a de uma família feliz, mas onde não faltam traumas, exotismos, comportamentos antissociais. Cora quer decifrar tudo isso, a genética. Ela carrega uma melancolia escandinava diante de uma família brasileira cuja exuberância não a ajuda. Cora acredita que será o último elo dessa história, e esse parece ser seu único consolo.

Se a narração começa em um ponto indeterminado (as gerações que se sucedem), marcada por imagens e palavras ora truncadas, ora inaudíveis, sempre fragmentárias, a dificuldade em acompanhar tudo não parece buscada pelo filme. Decorre do acúmulo de imprecisões de toda espécie, enquanto palavras e imagens se acotovelam em busca de um sentido que, no fim das contas, será esclarecido —Cora vai resolver melancolicamente, é nela que se encerra a história. Não haverá mais descendentes.

O experimentalismo proclamado pelas velhas imagens pode até não ter essa intenção, mas soa um tanto pedante e o resultado lembra aqueles filmes da avant garde francesa de 1920 —intelectualizado demais, enigmático demais, mas, antes de tudo, confuso demais para que dele o espectador (eu, pelo menos) consiga se aproximar. **IA**

Gloria à farofa

Pobre da civilização que desconhece o advento desta iguaria

Gregorio Duvivier
É ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos

Cá estou eu, almoçando um delicioso peru envelhecido por 20 dias na geladeira envolto em farofa de Natal —esse delicioso conglomerado de farinha, manteiga, bacon, suco de peru e tâmara. E nesse momento tenho pena dos estrangeiros, que desconhecem a farofa e comemoram esse arremedo, que é o Natal sem farofa.

A farofa é coisa nossa. E acolhe tudo. Não conhece restrição. Abraça a manteiga, recebe o alho, adora banana, vai bem com ovos, e também bacon, miúdos e, por que não, abacaxi. Aqui em casa, ralamos cenoura e beterraba, porque não há legume que uma criança negue —desde que esteja envolto em farofa. Todos os nutrientes que a minha filha consome eu devo à farofa.

A farofa não quer ser prato principal. Aceita sua coadjuvância. Ninguém, em sã consciência, almoça uma farofa. Poucas pessoas, no entanto, almoçam sem farofa. Sempre cai bem. Experimente na salada, ou na sopa, e nunca mais recorrerás ao crouton.

Há quem louve a culinária francesa. Tenho pena do glutão francófono. O que dizer de uma população que come até caramujo mas desconhece a farofa? É preciso falar a verdade: o tal do boeuf bourguignon não passa de um picadinho sem farofa. Pior: sem farofa nem banana.

Ou seja: sem tudo aquilo que faz um picadinho valer a pena.

Os americanos também consomem nosso tradicional frango de padaria, aquele que gira em televisões de cachorro e exala o melhor cheiro do mundo —chamam de rotisserie chicken. Mas nem tente pedir o saquinho amarelo. Não saberão nem do que se trata. Sim, eles comem frango de padaria órfão de farofa.

A soul food americana também cozinha feijões pretos com porco. Ou seja: eles têm feijoada, só que sem farofa. Arrisco dizer que toda a culinária do mundo não passa de uma versão piorada da nossa, porque sem farofa.

A farofa não morre nunca. Na geladeira, não somente sobrevive por semanas como também conserva os alimentos que envolve. Atenção: essa afirmação não tem o menor embasamento científico. Não me responsabilizo por eventuais mortes por intoxicação, mas tenho a impressão de que, enquanto uma carne na geladeira dura alguns dias, a mesma carne picadinha no meio da farofa dura pra sempre.

"Glória à farofa, à cachaça, às baleias", escreveu Aldir. "Glória a todas as lutas inglórias, que através da nossa história, não esquecemos jamais." É preciso saudar a farofa.

Catarina Bessel

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | **QUI. Flávia Boggio** | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Novela teen sobre banda pop ganha versão para o streaming

Rebelde
Netflix, 16 anos
A novela mexicana sobre uma banda pop formada por estudantes de um colégio de elite fez sucesso em toda a América Latina na primeira década deste século, além de ser responsável por fazer deslanchar a carreira de cantoras como Dulce María e Anahí. Esta nova versão não é um remake, mas uma história inédita, com novos personagens e outros vindos da trama original.

Voluntários: Tudo pela Ciência
Disney+, livre
Por que alguns sons incomodam mais do que outros? Por que dói tanto arrancar os pelos do nariz? Rafael Cortez responde a essas e outras perguntas inusitadas com a ajuda de voluntários, nesta série produzida pelo canal National Geographic.

Orquestra
Arte1, 21h30 livre
Criado por Anselmo Zolla e dirigido por José Possi Neto, este espetáculo da Studio 3 Cia. de Dança tem trilha do compositor e maestro brasileiro Heitor Villa-Lobos.

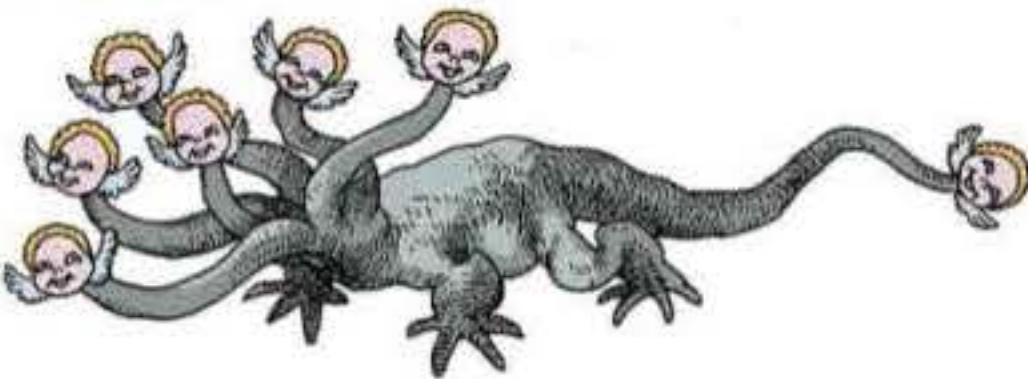
Em Busca do DNA de Jesus
History, 22h10, 14 anos
Quem eram os antepassados de Jesus Cristo? Será que ele deixou descendentes? Este especial visita os arquivos do Vaticano e usa tecnologias recentes para elaborar a árvore genealógica de Jesus.

O Manicômio
Telecine Premium, 22h, 16 anos
Neste filme alemão de terror, um grupo de youtubers invade um manicômio abandonado. O objetivo é passar 24 horas lá dentro. Só que o lugar foi palco de experiências terríveis com seres humanos e é, obviamente, mal-assombrado.

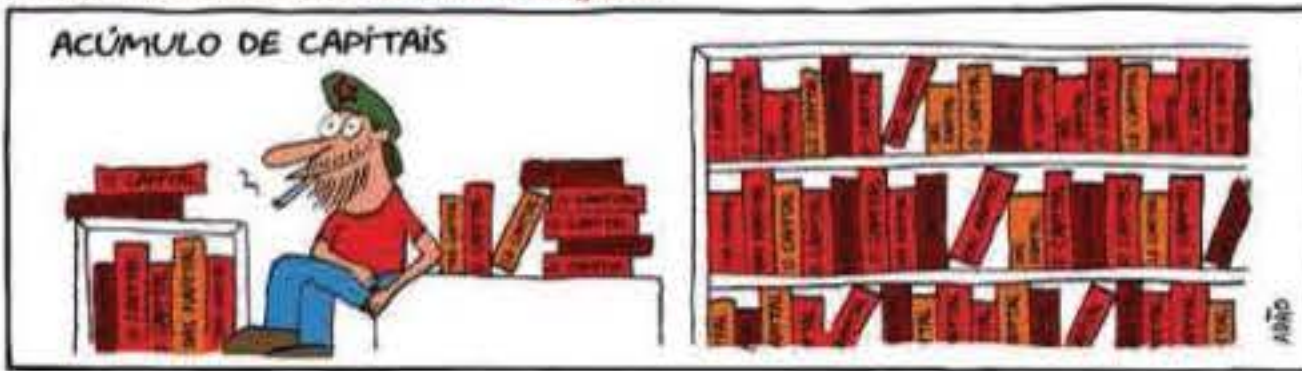
Meu Ex É um Espião
Globo, 22h35, 16 anos
Duas amigas começam a ser perseguidas, sem saberem por quê. Uma delas descobre que seu ex-namorado trabalha para a CIA. Comédia inédita na TV aberta, com Mila Kunis e Kate McKinnon.

Quilos Mortais
Record, 22h45, 12 anos
Sucesso no canal Discovery, estreia na TV aberta o reality show que acompanha a luta de obesos mórbidos para perder peso. Apresentação de Celso Zucatelli.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

DIFÍCIL

3	4					7		
		2		1				
5		8						
4			9		1			5
		9		8		4		
2			5		6			3
						9		7
				9		6		
		7					2	4

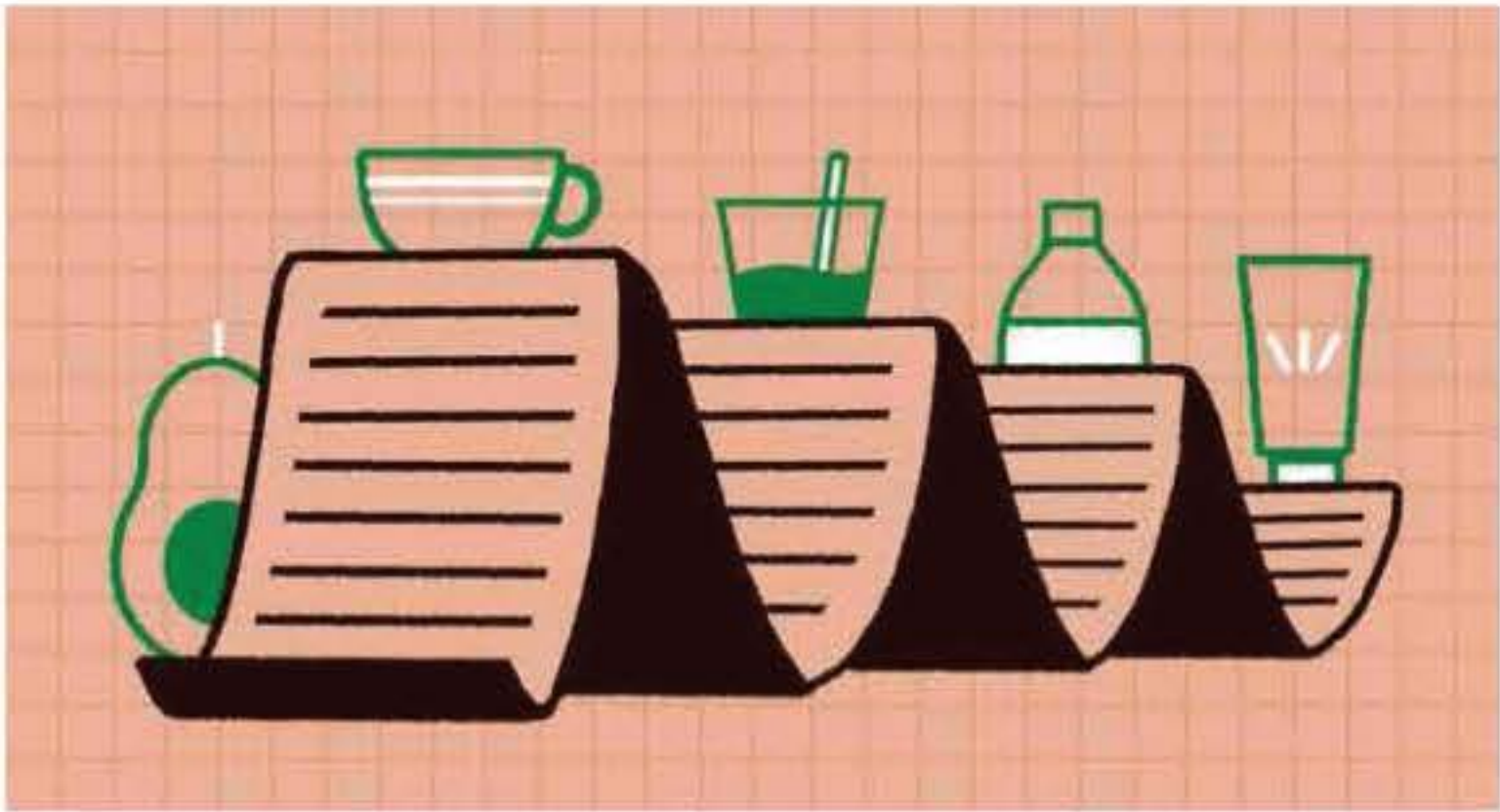
O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Agasalho para o pescoço **2.** Peça em que alguma coisa se apoia / Evandro Mesquita, ator e músico da banda "Blitz" **3.** (Fís.) Resistência que a matéria oferece à aceleração **4.** Ponto ou coisa em que se deseja acertar / Ilha da Indonésia, importante centro turístico **5.** (Red.) Uma reserva com cobras, aves e onças / (Pop.) Pessoa que falta a compromisso ou promessa feita **6.** (Quím.) Prata / Face **7.** Um jogo legal **8.** Ornatos artísticos que reproduzem objetos da natureza **9.** Tornar-se cinzento / Artigo indefinido **10.** Adversário / (burro) Grande quantidade **11.** Dar como presente **12.** A nota entre fá e lá / Cuidar **13.** Planta armada de espinhos de flores solitárias, cultivada como ornamental.

VERTICAIS
1. Plantação de certos tubérculos comestíveis / Conjunto de 12 dúzias **2.** A primeira desinência verbal / Um dos mais antigos problemas charadísticos, variante do anagrama **3.** Peneira / (Fut.) Chute de curva, com efeito, desferido com o lado do pé **4.** Canto patriótico ou religioso / Utilizar de novo **5.** Vale 1.000, em romanos / Uma grande capital nordestina **6.** (Le) Um dos arquitetos mais importantes do século XX / Um dado numérico do endereço da carta **7.** No baralho são, geralmente, 52 / Fio de bigode **8.** Venda imposta pelos credores / Lugar onde se junta e recolhe o gado **9.** O mês do dia das mães / A bala também chamada jujuba / Rubem Alves, escritor de "A Maçã e Outros Sabores".

HORIZONTAIS: **1.** Cachecol, **2.** Arrimo, Em, **3.** Inércia, **4.** Alvo, Bali, **5.** Zoo, Furão, **6.** Ag, Rosto, **7.** Loteria, **8.** Grutesco, **9.** Grisar, Um, **10.** Rival, Pra, **11.** Oferecer, **12.** Sol, Zelar, **13.** Amapola.
VERTICAIS: **1.** Carazal, Grosa, **2.** Ar, Logogrifo, **3.** Crivo, Trivela, **4.** Hino, Reusar, **5.** Eme, Fortaleza, **6.** Corbusier, CEP, **7.** Cartas, Pelo, **8.** Leilão, Curral, **9.** Maio, Goma, RA.

André Stefanini

Eu prometo: nada de abacate

As melhores resoluções de Ano-Novo são as que acabamos tomando sem perceber

Marcelo Coelho

Autor dos romances 'Jantando com Melvin' e 'Noturno', é mestre em sociologia pela USP

Nunca levei muito a sério minhas promessas para o novo ano. Bem que eu tento, mas acho que a melhor abordagem é ir administrando as coisas de mansinho.

É uma grande frustração verificar que uma dieta sem carboidratos extinguiu-se depois de 15 dias; o fracasso moral traz prejuízos maiores, sem dúvida, do que os benefícios obtido pelo breve período de redução calórica.

Confuso, o corpo deixará de acreditar em você; a alma, essa, já tinha razões de sobra para a desconfiança.

Mas foram boas as resoluções que tomei, não digo sem pensar, mas sem saber quando. Cortar o açúcar no café, por exemplo. Ou, aí me lembro bem, juntar um pouco de leite desnatado à xícara gigantesca e preta —isso foi depois de uma violenta crise de acidez estomacal.

Na mesma linha, os refrigerantes, mesmo diet, foram se extinguindo aos poucos. É sabido que fazem mal a quem tem problemas de refluxo. Se tivesse decretado que não iria consumi-los nunca mais, qualquer infração se tornaria o precedente para muitas outras.

"Perdido uma vez, perdido sempre." Não; o superego precisa ser enganado. Se lhe dermos o direito de legislar, a nossa democracia interior se desestabiliza. Surgem as revoltas violentas, os atos de desobediência civil, as birras, os processos penais e as condenações.

Meio sem perceber, criei o hábito de treinar uma hora ou duas, diariamente, no piano. Como é um instrumento eletrônico, posso usar fones de ouvido e me exercitar durante a noite. Mas sem hora marcada, quase que sem objetivos concretos, e sem drama quando não compareço.

Depois de muita insistência familiar e médica, e depois de anos de insubmissão, passei usar sempre o filtro solar, faça chuva ou faça sol, saindo de casa ou não. Esqueci o momento em que isso começou; só sei que, 90% das vezes, começo o dia besuntado e feliz.

Já é um dever cumprido, antes mesmo de pensar no que tenho de verdade para fazer —e no que não garanto que vou.

Uma página de conselhos que li recentemente recomenda, com razão, que deixemos de lado a lista das tarefas a cumprir. E que pensemos, em troca, na quantidade de coisas que conseguimos fazer ao longo do dia anterior. Não levei o carro para a revisão, mas passeei com o cachorro. Ou: não passeei com o cachorro, mas levei o carro para a revisão.

Na verdade, tudo isso se resume a um simples verbo: vivi. Cuidei da vida. Não por acaso, comemoramos a noite do Réveillon com a queima de fogos, sem pensar nas resoluções que deixamos de cumprir.

A festa não assinala as cruzinhas e traços que ticamos a cada linha de nossa planilha de projetos. Sem contabilidade nem culpa, as luzes se abrem para todos os lados, flores breves de desperdício no meio da noite.

A lista ressurge com o peso, ou o otimismo, da manhã. Insisto: melhor pensar no que já foi feito, ou na resolução que, só com um pouquinho mais de cuidado, poderá facilmente se cumprir.

Vejo que, aos poucos, estou abandonando o consumo de carne vermelha. É o que recomendam os ambientalistas e o que se impõe com o aquecimento global. Mas não foi por isso. De resto, se fosse por isso, seria um pouco ridículo.

Não acredito nessa coisa de que problemas se resolvem "se todo mundo fizer a sua parte". Se eu fizer a minha, e os outros não, serei mártir, moralista ou otário, mas estarei salvando pouquíssima coisa.

Muito engraçado usar esse condicional: "se todo mundo...". Alguém perguntou a esse "todo mundo" se vai participar da campanha? A vontade geral, para lembrar Rousseau, não nasce da soma de vontades enfiadas no seu isolamento, agindo cada uma por si.

Parei de comer carne vermelha porque... fui parando. Quando vejo, prefiro frango, até peixe, quem sabe. Parei, mas não parei totalmente. Foi o que eu quis, não o que resolvi.

Melhores ainda são as resoluções que nem precisei tomar. Noticia-se que o abacate é sério inimigo da ecologia; sua pegada de carbono, dizem, impõe respeito a um bezerro de tamanho médio.

Suprimir o abacate? Eis uma atitude que não preciso tomar. Entre meus muitos erros, não se inclui o gosto por essa substância, que da fruta não tem o caldo, nem do legume a fibra. Coisa pastosa e dúbia, sem a honestidade da banana, a vida da pitanga, a feiura da jaca, a dignidade triste do figo, os olhares traiçoeiros da uva, o tédio sensato da maçã, a alma benigna do mamão.

Está resolvido. Passo o ano sem abacate e considero meu dever cumprido.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | **QUI. Drauzio Varella**, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Pela vida, o Carnaval de rua deve ser cancelado em SP e em todas as cidades

Nesta 3ª, Rio de Janeiro suspendeu festa, frente a epidemia de influenza e a Covid em aceleração

OPINIÃO

Nabil Bonduki

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, foi relator do Plano Diretor e Secretário de Cultura de São Paulo

Como Secretário Municipal de Cultura, em 2015 e 2016, coordenei a equipe da prefeitura que organizou o Carnaval de rua de São Paulo no momento do seu maior crescimento.

Em 2013, no início da gestão Haddad, quando meu antecessor, Juca Ferreira, provocado pelo Manifesto Carnavalesco, promoveu a regulamentação do Carnaval de rua, apenas 42 blocos saíram às ruas. Em 2016, esse número chegou a 384, com um crescimento de 914%.

A prefeitura que, até então, promovia apenas os desfiles do Sambódromo e reprimia a ocupação das ruas pelos blocos, ignorando uma manifestação cultural que tem raízes antigas na cidade, passou a apoiar o Carnaval de rua, tornando São Paulo uma das referências da festa no país.

Foi com grande entusiasmo e empolgação que participei desse processo cultural, que se insere na crescente ocupação do espaço público que vem mudando a paisagem de São Paulo, priorizando uma cidade para as pessoas.

Por essa razão, é com tristeza que defendo a tese de que o Carnaval de rua de 2022 deve ser cancelado não só em São Paulo, mas em todas as cidades brasileiras, como o Rio fez nesta terça-feira (4).

Desde março de 2020, os setores responsáveis da sociedade e que prezam a vida têm, baseados em evidências científicas, defendido a adoção de medidas de prevenção para conter o coronavírus.

As recomendações básicas são: evitar aglomerações, manter distanciamento e usar máscaras. Após a vacinação alcançar patamares elevados, passou-se a exigir, em eventos públicos, a comprovação de vacina.

Conheço bem o Carnaval de rua, como gestor público, pesquisador e folião. É impossível garantir qualquer um desses quatro requisitos nos blocos.

Carnaval de rua é, por natureza, um evento de aglomeração e de proximidade entre as pessoas. Cantar, pular, dançar, se abraçar, paquerar, beijar são da sua natureza, assim como tomar cerveja. Não por acaso, os patrocinadores são as cervejarias. E quem bebe, quem canta, quem beija não usa máscara.

Não existe controle capaz de assegurar essas prevenções. Também é impossível exigir comprovante de vacinação, pois o evento que é livre e aberto, sem cercas, percorre as ruas da cidade. São centenas de blocos e milhões de pessoas.

A prefeitura acaba de divulgar que 696 blocos se cadastraram em São Paulo, um recorde. Vários desses blocos reúnem dezenas de milhares de pessoas. No total, estariam nas ruas alguns milhões de foliões, de todos as regiões do país e do exterior. O mesmo vale para os grandes polos carnavalescos, como Rio, Salvador, Recife e Olinda.

Antes do Rio, muitas cidades já cancelaram o Carnaval, como Belo Horizonte e 71 municípios paulistas, a tendência é de ainda maior concentração naquelas que insistirem na realização do evento.

O argumento de que grande parte da população já está vacinada e de que as internações estão baixas não justifica a imprudência. Um quarto da população não tomou nem a primeira dose e um terço não tomou a segunda. E sabe-se que muita gente faleceu mesmo com a 2ª dose.

Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta na rua da Consolação, em São Paulo Nelson Antoine · 16.fev.20/UOL

Bloco passa ao lado do monumento das Bandeiras e Assembleia Legislativa, no Ibirapuera Eduardo Knapp · 1º.mar.20/Folhapress

Foliões pulam o Carnaval no bloco Bastardo, no bairro de Pinheiros Adriano Vizoni · 23.fev.20/Folhapress

Ademais, na avaliação do risco Carnaval, não se podem usar os dados da vacinação e internação de cada cidade individualmente, pois as pessoas circularão por todo o país. Mesmo que São Paulo tenha uma alta taxa de vacinação (82%), circularão pela cidade pessoas de regiões com taxas inferiores. O mesmo ocorrerá nas demais cidades. Por isso a decisão sobre esse tema deveria ser nacional.

Os casos de Covid estão se acelerando em todo o mundo, em decorrência da variante ômicron. Pela primeira vez, os novos casos superaram 1 milhão de contaminados em único dia. O Carnaval tem grande afluxo de turistas e, como mostrou reportagem da **Folha**, a exigência de passaporte de vacina nos aeroportos é deficiente.

No Brasil, além da epidemia de influenza, os casos de Covid estão aumentando aceleradamente, fenômeno obscurecido pelo apagão de dados do Ministério da Saúde.

Nas unidades do Einstein, na última semana, 80% dos casos positivos era da ômicron e a taxa de positividade cresceu de 0,6% para 8%. O monitoramento da Abrafarma (associação que reúne grandes redes farmacêuticas) mostrou um aumento de positivos de 524 em 1º de dezembro, quando 10 mil exames foram feitos, para 5.334, do total de 31.332 exames realizados em 29 de dezembro.

Embora, aparentemente, a letalidade e as hospitalizações provocadas pela ômicron sejam baixas, sobretudo na população vacinada, isso ainda não está totalmente comprovado. Ademais, aglomerações com uma população apenas parcialmente vacinada podem gerar novas variantes.

A Covid tem surpreendido até os especialistas nesses dois anos. No início, duvidaram da extensão da pandemia. Depois da primeira onda, parecia que tinha passado, mas aí veio a variante gama. E, depois, a delta apareceu na Índia e agora a ômicron, sequenciada na África do Sul.

Está claro que não podemos relaxar. O Comitê Científico do Consórcio do Nordeste recomendou o cancelamento do Réveillon e do Carnaval. Na mesma linha, o governador Rui Costa decidiu que não haverá Carnaval na Bahia em fevereiro: "Precisamos ter responsabilidade com a saúde e a vida das pessoas. Realizar o Carnaval no modelo tradicional, em larga escala, se mostra inviável".

Frente a esse quadro, vários artistas, como Daniela Mercury, Preta Gil e Tiago Abravanel, cancelaram seus blocos.

Alguns prefeitos estão considerando a possibilidade de cancelar o Carnaval de rua e autorizar o das escolas de samba, nos sambódromos, e as festas em salões fechados. Isso também é muito discutível, pois, além do risco sanitário, gerará uma discriminação. Quem pode pagar se diverte, e os pobres são excluídos.

No Réveillon do Rio, o prefeito Eduardo Paes foi nessa linha, utilizando a própria segregação urbana para excluir os mais pobres. Promoveu o espetáculo de fogos em Copacabana, mas paralisou o transporte coletivo. Só os moradores da zona sul ou os motorizados puderam participar.

Frente à autorização do governo de Pernambuco para realizar festas fechadas, o secretário de Cultura do Recife reagiu: "É muito pertinente a pergunta de como pode ser feito um Carnaval assim, porque ele não pode ser de poucos. O Carnaval que a gente conhece e deseja é o de todos".

Depois de Eduardo Paes, no Rio, Ricardo Nunes, de São Paulo, deve decidir o que fazer nesta semana. Espera-se que prevaleça o bom senso e que o Carnaval seja cancelado em todo o país.

O logotipo da CES (Consumer Electronics Show) da Consumer Technology Association (CTA) é exibido fora de centro de convenção em Las Vegas Patrick T. Fallon/AFP

Mercado de feiras continua otimista, apesar de variante

Ômicron forçou mais adiamentos, mas indústria está pronta para retomada

MERCADO

Alistair Gray

LONDRES | FINANCIAL TIMES "Quando o mundo parou, você continuou andando." O slogan receberá dezenas de milhares de empresas da indústria da construção, comerciantes e distribuidores que pagaram até US$ 600 (R$ 3.400) cada um para participar da feira World of Concrete (Mundo do Concreto) neste mês em Las Vegas —a menos que a variante ômicron do coronavírus forçasse um cancelamento no último minuto.

Quantas exposições corporativas poderão se manter neste ano, é uma dúvida renovada.

Justamente quando os executivos tinham começado a preparar suas conferências novamente, após meses de restrições, a cepa de rápida disseminação da Covid-19 provocou mais uma rodada de adiamentos.

Na ExCel, um local no leste de Londres, a feira de tecnologia da educação Bett, o evento ICE do setor de jogos e a exposição de óculos 100% Optical, que teriam grande participação em seus setores, foram adiados no início do ano.

Alguns expositores, enquanto isso, se retiraram de feiras que continuam acontecendo. Amazon, Meta e Twitter estão entre vários grupos tecnológicos que desistiram de participações presenciais na feira CES (Consumer Electronics Show), embora os organizadores estejam determinados a seguir em frente com o evento, que deve começar nesta quarta (5), também em Las Vegas.

Depois de sobreviver a restrições anteriores provocadas pelo coronavírus, executivos inflexíveis por trás de algumas das maiores feiras setoriais estão tentando posicionar suas companhias para ter vantagens quando a pandemia finalmente recuar.

"Efetivamente, estamos agendando, remarcando, negociando, renegociando a cada três meses há quase dois anos", disse Stephen Carter, executivo-chefe da Informa, maior promotora mundial de feiras setoriais. Mesmo assim, acrescentou ele, "os clientes continuaram muito decididos a participar —quando têm condições".

Carter está tão confiante que identificou os eventos como uma das áreas prioritárias para expansão da Informa, juntamente com as publicações acadêmicas.

Neste mês, a companhia de mídia FTSE 100 divulgou planos de oferecer um portfólio de dados e publicações de ativos de consultoria avaliado em pelo menos 1,7 bilhão de libras (R$ 13 bilhões), e reaplicar uma parte dos fundos em seu negócio de eventos.

Os investidores continuam cautelosos. As ações da Informa caíram pelo menos 40% desde o início de 2020, enquanto a GL Events, de Paris, baixou 25% no mesmo período e a Emerald Holding, listada em Nova York, 62%.

No entanto, antes do surgimento da ômicron havia sinais encorajadores para o setor de que os delegados cansados do Zoom estavam ávidos para retornar.

Dados do Centro de Pesquisas da Indústria de Exposições (Ceir) mostram que o índice de cancelamento em exposições de empresas para empresas nos Estados Unidos melhorou de 98% no segundo semestre de 2020 para 19% no terceiro trimestre de 2021.

Apesar de um início lento no ano e de preocupações persistentes sobre o coronavírus, a Ceir estima que 15,3 milhões de pessoas participaram desses eventos nos EUA em 2021 —mais que o dobro do ano anterior, embora menos que a metade dos níveis pré-pandêmicos.

> Efetivamente, estamos agendando, remarcando, negociando, renegociando a cada três meses há quase dois anos. [Mesmo assim] os clientes continuaram muito decididos a participar —quando têm condições
>
> **Stephen Carter**
> executivo-chefe da Informa

"A retomada mostra que o modelo é forte", disse Paul Thandi, executivo-chefe do grupo NEC, dono do Centro Nacional de Exposições do Reino Unido, em Birmingham. Entretanto, desde a propagação da ômicron "os expositores se tornaram mais avessos a riscos", acrescentou.

"Eles temem gastar milhares em estandes, pessoal e outras despesas", explicou ele.

Os eventos que deveriam ocorrer na NEC no ano novo e que foram remarcados incluem a Lamma, uma feira de maquinário agrícola.

Apesar dos cancelamentos generalizados, poucos organizadores de grandes eventos até agora sofreram sérias dificuldades financeiras, em parte porque suas companhias matrizes têm interesses em outros setores que não foram tão duramente atingidos pela pandemia.

Uma exceção é a Comexposium, sediada em Paris, que passou grande parte do último ano em um "procedimento de salvaguarda", embora tenha saído dele em outubro, depois que os acionistas injetaram 110 milhões de euros (R$ 713 milhões) no negócio.

Alguns outros organizadores recorreram aos acionistas por dinheiro no início da pandemia, ajudando-os a superar a tempestade. A Informa levantou 1 bilhão de libras (R$ 7,68 bilhões) em uma emissão no ano passado, equivalente a cerca de 20% de seu capital patrimonial.

Esquemas de licenças e outras formas de apoio do governo foram boias de salvamento. Em casos em que as autoridades impuseram restrições que impediram a realização de eventos, os seguros também foram cruciais, apesar de um âmbito de cobertura às vezes limitado.

A pressão nos fluxos de caixa dos organizadores também foi menos intensa do que poderia ser, já que os expositores em geral pagam antecipadamente, disse Dan Assor, consultor da indústria de eventos.

Ele acrescentou que, de certa maneira, as mais atingidas foram as subcontratadas —geralmente companhias menores que fornecem equipamento como iluminação e mesas de atendimento, além de apoio logístico. "A cadeia de suprimentos foi dizimada", disse Assor. "Muitos autônomos desapareceram."

Assim como em outros setores perturbados pelo coronavírus, os executivos esperam que algumas mudanças sejam duradouras.

Mark Shashoua, executivo-chefe da Hyve, disse que espera um abalo nas feiras menores. Mesmo antes da pandemia, disse ele, houve uma "atração gravitacional" para o evento maior em qualquer setor —tendência que a pandemia apenas acelerou.

"Se o evento e o setor estavam em ascensão antes da Covid, estão se recuperando muito depressa", disse ele.

Sarah Simon, analista da Berenberg, prevê que o setor fragmentado se consolidará. "Em curto prazo, em certos mercados, haverá uma disrupção contínua, o que eu acho que vai expulsar mais empresas fracas", disse. "Há muitos ativos de médio porte aí que poderão ser interessantes."

Analistas disseram que possíveis vendedores poderão incluir o Daily Mail e General Trust (DMGT), que, além de possuir o jornal de maior circulação no Reino Unido, entre outros títulos, também tem um negócio de eventos.

Seu portfólio inclui a Adipec, exposição da indústria de energia promovida pela Companhia Nacional de Petróleo de Abu Dhabi. A DMGT foi recentemente privatizada pelo lorde Rothermere, que estaria concentrado nos ativos editoriais da companhia.

Empresas como a Informa também estão tentando explorar melhor os dados gerados por esses eventos. Elas há muito incentivam os delegados a usar apps especializados, mas as recentes exigências de saúde e segurança tornaram o registro online compulsório em certos casos. Os organizadores estão tentando vender aos participantes serviços digitais mais relacionados, como encontros entre delegados e análises pós-evento.

Diferentemente das conferências, porém, ou pelo menos as discussões no palco que as sustentam, as feiras setoriais não podem ser facilmente recriadas online. É difícil sentir os tecidos, como na feira de moda Pure London, ou sondar remotamente as perspectivas da tecnologia móvel emergente, como na MWC Barcelona.

"É impossível replicar o cara a cara", disse Assor, acrescentando que as feiras facilitaram o comércio desde a Grande Exposição de Londres em 1851.

Chris Skeith, executivo-chefe da Associação de Organizadores de Eventos do Reino Unido, disse que a atração continua constante. "A dica está no nome", disse ele. "Feiras geram comércio."

"Você consegue medir o pulso de tudo o que está acontecendo em seu setor —todos os concorrentes, os clientes, fornecedores estão em um lugar ao mesmo tempo. É uma maneira incrivelmente eficaz de fazer negócios."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Fundadora da firma de testes Theranos é condenada por fraude

TEC

SAN JOSÉ (EUA) | AFP A fundadora da empresa americana de biotecnologia Theranos, Elizabeth Holmes, foi considerada culpada por fraude nesta segunda-feira (3) em um tribunal da Califórnia, em um caso que pôs em xeque a cultura empresarial do Vale do Silício.

O júri concluiu que Holmes foi culpada de enganar investidores para que colocassem dinheiro em sua startup, com sede nessa região da Califórnia, que prometia revolucionar os exames de sangue com ferramentas mais rápidas e baratas do que as utilizadas por laboratórios tradicionais.

Os jurados, porém, inocentaram a executiva de outros crimes e não conseguiram chegar a um acordo sobre várias das 11 acusações que ela enfrentava.

Holmes, de 37 anos, pode ser sentenciada a anos de prisão, em um caso que estabelece uma linha entre a inovação tecnológica e a desonestidade criminosa.

A ex-promessa do Vale do Silício fundou a Theranos aos 19 anos. Ela garantia que a empresa revolucionaria a indústria de testes diagnósticos com máquinas que poderiam entregar resultados rápidos com apenas algumas gotas de sangue, um projeto que atraiu grandes investidores e a tornou uma bilionária aos 30 anos.

Elizabeth Holmes chegando a tribunal da Califórnia nesta segunda Britanny Hosea-Small/Reuters

A mulher chegou a ser considerada a próxima personalidade do mundo da tecnologia, mas seu império ruiu depois que o jornal Wall Street Journal publicou que suas máquinas de diagnóstico não funcionavam como prometido.

O júri completou sete dias de deliberações nesta segunda.

Pequim inicia operação da bolha anti-Covid a um mês do início dos Jogos

Milhares de trabalhadores das Olimpíadas de Inverno passaram a viver em 'circuito fechado'

ESPORTE

PEQUIM E SÃO PAULO | AFP Pequim deu início nesta terça-feira (4) à operação de parte da "bolha anti-Covid" dos Jogos Olímpicos de Inverno, ao finalizar os preparativos dos locais, transporte e pessoal para o megaevento esportivo.

A partir desta terça, milhares de trabalhadores dos Jogos —voluntários, zeladores, cozinheiros e motoristas— ficarão isolados durante semanas no chamado "circuito fechado", sem qualquer contato físico com o exterior.

A China, onde o coronavírus surgiu no fim de 2019, mantém uma estratégia de tolerância zero com a Covid-19. Agora, segue a mesma política para limitar o impacto potencial da pandemia nos próximos Jogos de Inverno, que serão disputados de 4 a 20 de fevereiro, e também nas subsequentes Paralimpíadas.

As medidas adotadas pelo regime chinês diferem das adotadas nos Jogos de Verão de Tóquio, que permitiram mais mobilidade para voluntários e outros trabalhadores após um isolamento inicial.

A imprensa internacional e cerca de 3.000 atletas devem começar a chegar à capital chinesa nas próximas semanas e permanecerão na bolha do momento de sua chegada até a saída do país.

Para entrar na bolha, será preciso estar com o esquema de vacinação completo, ou ter respeitado uma quarentena de 21 dias ao desembarcar na China. Todos dentro dela serão submetidos a testes diários e deverão usar máscara o tempo todo.

Regras para a bolha de Pequim

- Quem estiver completamente vacinado não precisa fazer quarentena
- Dose de reforço é indicada, mas não obrigatória
- Quem não estiver vacinado precisará ficar em isolamento 21 dias antes de entrar na bolha
- Só poderão ser frequentados locais oficiais de Jogos, usando apenas o transporte oficial, que terá espaços exclusivos para os credenciados
- Não será permitido nenhum contato com pessoas de fora da bolha

A equipe inicial do Comitê Olímpico do Brasil deverá chegar no dia 24, com os primeiros atletas desembarcando cinco dias depois. A previsão é de que o país tenha de 10 a 14 participantes nos Jogos.

"O maior desafio logístico é o tempo curto entre a definição oficial dos classificados, que só sai no dia 17 de janeiro, e o início da competição. Apesar de já estarmos acostumados com esse tipo de prazo, Pequim tem a peculiaridade de ser realizado em um contexto pandêmico, com muitas restrições de deslocamento", disse Anders Pettersson, chefe da delegação brasileira.

"Apenas 17 companhias aéreas estão habilitadas a oferecer voos para Pequim no período dos Jogos, saindo de apenas quatro aeroportos até o momento. Então, é um verdadeiro quebra-cabeça que o COB está montando para oferecer a melhor estrutura possível aos atletas e oficiais."

Na última semana de 2021, a China registrou a maior contagem de casos de Covid-19 para um período de sete dias desde a primeira onda da pandemia. A média diária havia batido os 200 casos.

O chefe do Departamento de Imprensa do Comitê Organizador dos Jogos, Zhao Weidong, disse recentemente à AFP que Pequim está "totalmente preparada".

"Hotéis, transporte, hospedagem, assim como nossos projetos olímpicos no âmbito científico e tecnológico estão prontos", acrescentou Zhao.

O público local será admitido e não fará parte do "circuito fechado", mas os organizadores deverão garantir que os torcedores não interajam com os atletas ou com outras pessoas de dentro da bolha.

Ao deixá-la, quem vive na China também precisará entrar em quarentena antes de voltar para casa.

Os jornalistas da AFP em Pequim viram trabalhadores erguendo cercas de arame, vigiadas por guardas em meio às baixas temperaturas do inverno. A maioria dos locais de provas fica fora da capital.

Diplomatas na China disseram à AFP que as medidas parecem tão impenetráveis que temem não poder oferecer assistência aos seus nacionais dentro da bolha.

Big Air Shougang, um local de competição para esqui freestyle e snowboard nos Jogos Olímpicos de Inverno, em Pequim Tingshu Wang - 15.dez.21/Reuters

Com ômicron, pais e alunos enfrentam incertezas no retorno às aulas nos EUA

MUNDO

REUTERS E THE NEW YORK TIMES Milhares de escolas nos EUA adiaram o retorno às aulas após as festas de fim de ano, previsto para começar nesta semana, ou optaram pelo ensino remoto, enquanto a variante ômicron impulsiona os casos de Covid-19 a níveis nunca alcançados.

Mesmo com o aumento de infecções, no entanto, algumas regiões americanas decidiram manter os planos de reabertura, como a cidade de Nova York, fortemente impactada pelo atual surto e onde um de cada três testes realizados ao longo da última semana teve resultado positivo para coronavírus, segundo dados divulgados nesta segunda-feira (3).

As escolas de Arlington, no estado de Massachusetts, por exemplo, mantiveram o ensino presencial, optando por liberar os alunos mais cedo nesta segunda e na terça-feira (4), além de realizarem testes por grupos de funcionários e estudantes.

O governador Charlie Baker, que foi pessoalmente cumprimentar quem chegava à escola Saltonstall, em Salem, classificou como um sucesso a abertura da maioria dos estabelecimentos de ensino do estado para o ensino presencial. "Houve todo tipo de conversa na última semana sobre como as escolas não abririam em Massachusetts hoje", afirmou, em entrevista. "[Mas] as escolas abriram."

O estado rejeitou pedidos da Associação de Professores para manter os estabelecimentos fechados nesta segunda a fim de priorizar a realização de testes de funcionários. Nas últimas duas semanas, o número de casos aumentou 137% no estado, segundo levantamento do jornal The New York Times.

Já na capital do estado, Boston, onde os alunos retornaram presencialmente nesta terça, o prefeito disse que a cidade faria todo o possível para manter as escolas abertas para o ensino presencial, mas reconheceu também que a escassez de funcionários pode criar muitas dificuldades.

Autoridades locais divulgaram que 155 funcionários de distritos escolares receberam diagnóstico positivo de Covid-19 ao longo do fim de semana. Em Brockton, a 30 minutos de Boston, uma enorme fila de carros se formou em um drive-thru para realização de exames. Segundo o jornal Boston Globe, outro posto do tipo, em Springfield, precisou ser fechado devido à alta demanda.

Pessoa realiza teste para Covid-19 em uma rua de Nova York, cidade muito impactada pelo atual surto Angela Weiss/AFP

Alta de casos da doença faz Nova Déli impor confinamento

AFP E REUTERS A capital da Índia, Nova Déli, vai impor confinamentos durante os fins de semana na tentativa de conter uma nova alta de casos de Covid, em grande parte impulsionada pela variante ômicron.

O país sofreu um devastador surto de coronavírus em 2020 que lotou hospitais, crematórios e cemitérios. No ano passado, o número de infecções registrado diariamente havia se mantido em um nível relativamente baixo até a última semana —nas últimas 24 horas, a Índia contabilizou 37.379 novas contaminações, maior número desde setembro.

As novas restrições sanitárias em Nova Déli foram tomadas no mesmo dia em que o primeiro-ministro da capital, Arvind Kejriwal, anunciou estar infectado e com sintomas leves.

Kejriwal, que participou de um comício político sem utilizar máscara no dia anterior, afirmou que está isolado em casa e pediu aos que estiveram em contato com ele recentemente que façam testes de detecção da Covid.

A cidade já havia fechado na última semana ginásios e cinemas, além de ter imposto um toque de recolher noturno na tentativa de conter a propagação da ômicron.

Agora, o governo insta todos os habitantes a ficarem em casa desde a noite de sexta até a manhã de segunda-feira, e empresas terão de garantir que ao menos metade de seus funcionários trabalhe de casa.

O governo federal havia recomendado a autoridades locais que impusessem restrições de movimento à população caso os resultados de mais de 5% dos exames de Covid fossem positivos. Na segunda, a taxa de infecções de Nova Déli era superior a 6%.

As mais de 482 mil mortes por Covid ao longo da pandemia na Índia, de acordo com dados da Universidade Johns Hopkins, constituem a terceira cifra mais alta do mundo, atrás apenas de EUA e Brasil. O número pode ser, segundo projeções, dez vezes maior, já que é comum que óbitos e suas causas não sejam notificados oficialmente no país.

Na segunda, a Índia começou a vacinar adolescentes e, a partir da próxima semana, oferecerá doses de reforço do imunizante contra a Covid a pessoas com mais de 60 anos.

Balé Bolshoi vira referência para tênis de mesa

Modelo de governança e estrutura da escola de dança servirão de inspiração para treinamentos da confederação

ESPORTE
OPINIÃO

Edgard Alves

SÃO PAULO O tênis de mesa do Brasil melhorou sua performance em eventos internacionais na última década e está empenhado na tentativa de chegar ao patamar dos destaques mundiais da modalidade. Para tanto, busca caminhos impensáveis até pouco tempo atrás, como a inspiração no balé. Isso mesmo, decidiu tomar também como referência uma escola de dança.

Um passo nesse sentido foi dado há um mês com o envio pela CBTM (Confederação Brasileira de Tênis de Mesa) de alguns de seus dirigentes ao balé Bolshoi de Santa Catarina, cujo projeto tem como meta a alta performance.

A Escola do Teatro Bolshoi do Brasil é a única filial no mundo do tradicional e renomado balé da Rússia. Sem fins lucrativos, funciona em Joinville desde março de 2000, com apoio dos governos municipal e estadual e do grupo chamado Amigos do Bolshoi. Tem como missão formar artistas cidadãos e figurar entre as dez principais escolas da especialidade do planeta.

A instituição seleciona 140 novos interessados anualmente, do Brasil e do exterior e oferece aos alunos bolsa de estudos integral, alimentação, transporte, uniformes, figurinos, assistência social, orientação pedagógica, odontologia preventiva, atendimento fisioterápico, nutricional e assistência médica de emergência pré-hospitalar.

São seus valores disciplina e paixão, excelência, tradição com capacidade de se reinventar, respeito às diferenças e aos talentos, humildade, transparência e comprometimento com a sustentabilidade do negócio.

A governança e a estrutura multidisciplinar do Bolshoi catarinense impressionaram os visitantes. O coordenador de seleções olímpicas da CBTM, Lincon Yasuda, está convencido de que só colocar mesa e bolinha não garantirá o pleno desenvolvimento do tênis de mesa.

Para ele, a melhor solução é uma estrutura completa, que possibilite se dedicar integralmente tanto ao esporte quanto aos estudos. Enfim, uma metodologia que acompanhe o aluno desde a iniciação até o nível de excelência.

Nessa mesma direção, embora num estágio ainda inicial de discussão, a CBTM estuda a viabilidade de montar um centro de treinamento da modalidade, que permitirá concentração de atividades e evolução das seleções nacionais.

Nas Olimpíadas, o Brasil nunca ganhou medalha, mas mostrou em Tóquio, no ano passado, que pode sonhar com o inédito pódio. Hugo Calderano ficou em quinto no individual, enquanto Gustavo Tsuboi terminou em nono.

O brasileiro Hugo Calderano durante Mundial de Tênis de Mesa, em Singapura Then Chih Wey - 6 dez. 21 /Xinhua

Por equipes, o conjunto masculino (Hugo Calderano, Gustavo Tsuboi e Vitor Ishiy, mais o reserva Eric Jouti) chegou em quinto, e o feminino (Bruna Takahashi, Caroline Kumahara e Jéssica Lie Yamada, mais a reserva Giulia Takahashi), em nono.

Na temporada 2021, em novembro, Calderano quebrou um jejum de 83 anos de atletas das Américas ao alcançar o quarto posto no ranking mundial. Três chineses o superaram: Fan Zhendong, Ma Long e Xu Xin. Nas Américas, apenas um atleta havia chegado tão longe: Sol Schiff, dos Estados Unidos, em 1938, reconhecido como o quarto melhor do mundo daquele ano pela ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa).

Calderano, o astro do tênis de mesa nacional, continua morando e treinando em Ochsenhausen, na Alemanha, onde defendia o clube da cidade, mas se transferiu recentemente para o time russo Fakel Gazprom Orenburg, pentacampeão europeu. Ele viaja à Rússia nos períodos de competição pela nova equipe.

Pelo trabalho que vem desenvolvendo, a CBTM venceu pela segunda vez consecutiva o Prêmio Sou do Esporte de melhor governança entre as confederações nacionais do setor. A Sou do Esporte é uma associação sem fins lucrativos que atua como rede de relacionamento entre atletas, entidades esportivas, poder público e setor privado.

A confederação brasileira tem outras novidades. Vai implantar mudanças na distribuição de recursos para as seleções nacionais. A proposta é promover benefícios para novos talentos. A UniTM (Universidade do Tênis de Mesa) também está inserida neste processo, inclusive com o apoio da ITTF, através dos projetos da área de desenvolvimento da entidade mundial.

[...]

Governança é um dos desafios para o desenvolvimento dos esportes no Brasil. Assim sendo, o tênis de mesa idealiza um projeto para novos tempos, jornada que merece um voto de confiança e paciência

A UniTM é um braço educacional da CBTM, que tem o objetivo principal de abrigar um programa completo de capacitações para o desenvolvimento de treinadores, árbitros e gestores da modalidade.

Alaor Azevedo, presidente da CBTM e vice da federação internacional, afirma que quando despontam atletas com potenciais resultados é preciso investir nesses talentos. Ou seja, dar respaldo aos novos valores e deixar a tarefa para equipes capacitadas.

Governança é um dos desafios para o desenvolvimento dos esportes no Brasil. Assim sendo, o tênis de mesa idealiza um projeto para novos tempos, jornada que merece um voto de confiança e paciência.

Onana afirma que distração resultou em punição por doping

O MUNDO É UMA BOLA

Luís Curro

SÃO PAULO André Onana se lembrará bem de novembro de 2021. Nesse mês, ele pôde voltar a participar de jogos depois de uma suspensão por doping.

Atuou duas vezes por Camarões, nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2022, e uma por seu clube, o Ajax, da Holanda.

O goleiro de 25 anos jamais concordará com a punição que lhe foi dada, meses antes, pela Uefa. Em depoimento à publicação The Players' Tribune, Onana esmiuçou sua versão da história, rejeitada pela entidade que comanda o futebol na Europa.

Mais que isso, relatou o desgosto e a penúria de ficar longe dos gramados.

"Banimento por 12 meses. Nada de futebol. Campeonato Holandês? Copa da Holanda? Liga dos Campeões? Copa das Nações Africanas? Tudo se esvaiu. Um ano [suspenso] para um jogador de futebol? É como se fossem dez anos. É uma eternidade."

Onana se lembrará bem de fevereiro de 2021.

Ele se surpreendeu quando recebeu uma ligação do médico do Ajax avisando que ele tinha tido um teste positivo para furosemida.

Trata-se de um medicamento indicado para hipertensão e outros distúrbios e que age também como diurético, para perda de peso. Está na lista de substâncias proibidas pela Agência Mundial Antidoping.

A reação do goleiro — que está na Holanda desde 2015, depois de passar pelas categorias de base do Barcelona, e ficou muito perto de disputar a decisão da Champions League em 2019— foi de absoluto espanto.

O goleiro André Onana, do Ajax, da Holanda andreonana 24 no Instagram

"Quem me conhece sabe que não bebo, não fumo e jamais tive contato com drogas. Nunca tinha ouvido falar de furosemida. Só uso remédios prescritos pelos médicos do time ou da seleção. Que história é essa?"

Sem entender o que podia ter acontecido, descobriu, ao conversar com sua namorada, que uma distração doméstica o colocaria no banco dos réus.

Ela lhe disse: "André, furosemida está no remédio para gravidez que os médicos me deram". A ficha caiu. "Fui tomar um remédio para dor de cabeça e peguei o errado. Tomei o receitado para Melanie. Droga! As embalagens eram praticamente idênticas."

Uma pequena pílula de 40 mg bastou, concluiu ele, para que seu teste desse positivo.

Quem me conhece sabe que não bebo, não fumo e jamais tive contato com drogas. Nunca tinha ouvido falar de furosemida

André Onana
goleiro

O camisa 24 do Ajax esperava que, com essa justificativa, a Uefa entendesse e lhe desse apenas uma advertência. O argumento para ter furosemida em casa era bem convincente, pensou ele: "Eram as pílulas dela. Não sou trapaceiro, foi só um erro estúpido."

Não adiantou. "Deram o vermelho direto", diz ele. A "eternidade" a que se referiu acabou sendo "menos eterna" porque ele recorreu à Corte de Arbitragem do Esporte, que, em junho, reduziu a punição para nove meses.

A sanção, obviamente, prejudicou sua carreira. Não era permitido treinar com o Ajax, nem comparecer às partidas, mesmo que como espectador.

O goleiro então foi enviado pelo clube à Espanha, onde passou a se exercitar diariamente, a fim de não perder a forma, com uma equipe de treinadores. "Treinei como nunca. Como uma máquina."

Na volta, descobriu que quando você está fora algumas coisas mudam. No Ajax, agora é reserva. O veterano Pasveer, 38, contratado na sua ausência, ganhou a posição.

Na seleção de Camarões, contudo, Onana é titular. E a redução da pena lhe dará a chance de realizar um sonho: participar, em seu país, que é a sede da edição deste ano, da Copa das Nações Africanas.

"Todos levam golpes. Todos caem. Aprendi nesse ano como me reerguer". E concluiu: "Quero representar meu país. Quero vencer a Copa das Nações e me tornar uma lenda para sempre. Quero ser o melhor goleiro do mundo".

Arnaud Montebourg, ex-ministro da Economia e candidato à eleição presidencial, em Belfort Sebastien Bozon - 20.out.21/AFP

Unificação pode ser última chance da esquerda francesa

Com as eleições se aproximando, o que já foi uma força poderosa na política do país se encontra em frangalhos

MUNDO

Constant Méheut e Léontine Gallois

PARIS | THE NEW YORK TIMES A situação desanimadora da esquerda francesa antes das eleições presidenciais do próximo abril foi exemplificada à perfeição em telefonemas feitos recentemente por Arnaud Montebourg, ex-ministro governamental socialista cuja campanha para presidente mal chegou a ser notada nas pesquisas de opinião.

Montebourg postou no Twitter vários vídeos em que ele telefona para quatro outros candidatos de esquerda, todos os quais vêm tendo resultados tão ruins quanto os dele nas pesquisas. Foi um esforço desajeitado de último minuto para exortar os socialistas, verdes, comunistas e outros esquerdistas a se unirem em apoio a uma chapa presidencial única, sob pena de serem esmagados pela direita e pela extrema direita em abril. Ninguém atendeu.

Com as eleições se aproximando, a esquerda —no passado uma força poderosa na política francesa— se encontra em frangalhos. Muitas de suas vozes mais conhecidas parecem incapazes de apostar naquilo que, para analistas e para seus seguidores, oferece o único caminho possível para a vitória: a união.

Num país que vem se deslocando para a direita, a esquerda se vê sem voz em questões como segurança, imigração e identidade nacional. E ela não conseguiu aproveitar em benefício próprio a onda de protestos pelo ambiente e pela justiça social, que deveria ter-lhe aberto oportunidades de angariar apoio.

"A esquerda se encontra em situação de fragilidade ideológica sem precedentes", comentou Rémi Lefebvre, que é professor de ciência política na Universidade de Lille. "Nesse contexto, estar dividida é suicídio."

Anne Hidalgo, prefeita de Paris e candidata presidencial do Partido Socialista Lionel Bonaventure - 12.dez.21 / AFP

Em meio ao caos e à inação, agora se vê um esforço para buscar ordem. Contornando as táticas partidárias tradicionais, a chamada "Primária do Povo", um esforço crescente liderado por um grupo da esquerda que está farto do sectarismo e fragmentação dos partidos políticos, vai promover uma votação em janeiro para seus apoiadores escolherem um candidato único, antes de o eleitorado francês como um todo ir às urnas.

As sondagens atuais apontam a razão pela qual alguns elementos da esquerda estão procurando outro caminho. Sete candidatos de esquerda concorrem à Presidência no momento, e nenhum deles chega a ter 10% das intenções de voto.

Juntos, esses candidatos representam cerca de um quarto dos votos, ou seja, 20 pontos menos do que tinha a esquerda francesa uma década atrás. A chance de qualquer candidato de uma esquerda unificada receber votos suficientes para chegar ao segundo turno da eleição —na qual provavelmente enfrentaria o presidente atual, Emmanuel Macron— parece pequena.

Mas o esforço para realizar uma primária em janeiro traz a esperança de um caminho para a esquerda recuperar sua relevância. E tem o potencial de agitar ainda mais uma campanha presidencial que já foi perturbada pela entrada na disputa da figura polarizadora do escritor e celebridade televisiva de extrema direita Éric Zemmour.

A esquerda francesa foi dominada durante anos pelo Partido Socialista e por sua política democrata-social; no entanto a vitória de Macron nas eleições presidenciais de 2017 assinalou o fim do sistema bipartidário no qual os socialistas solidificaram uma posição bastante assegurada.

Hoje a esquerda é uma mistura confusa, dividida principalmente entre os socialistas, os verdes e o partido de extrema esquerda França Insubmissa —para não falar na constelação de pequenos partidos de extrema esquerda saídos do quase colapso do Partido Comunista.

Os líderes da campanha pela primária começaram a trabalhar em defesa da proposta em janeiro. Passaram meses negociando com a maioria dessas agremiações para chegar a uma plataforma comum de dez proposições de justiça social e climática, incluindo um aumento dos impostos sobre os ricos e o fim do uso de pesticidas até 2030.

Mais de 300 mil pessoas já aderiram à iniciativa —o equivalente a 40% de todos os filiados a partidos de esquerda na França. Elas vão votar em janeiro para escolher um candidato comum e prometeram fazer campanha por esse candidato.

Samuel Grzybowski, um porta-voz da Primária do Povo, disse que sua equipe foi pressionada pelos partidos estabelecidos a encerrar o processo. Alguns partidos teriam até oferecido ajudá-los a conquistar cadeiras no Parlamento caso se afastassem da corrida presidencial.

"Tem sido um longo 'Baron Noir'", ele disse, aludindo a um série de sucesso na TV que retrata o lado escuso da vida política francesa —uma espécie de versão francesa de "House of Cards".

Jean-Luc Mélenchon, líder da França Insubmissa, descreveu os chamados por unidade como tardios e patéticos. Aos poucos, entretanto, a maré começou a virar.

Os chamados desesperados de Montebourg obtiveram atenção e então a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, candidata presidencial do Partido Socialista, que viu sua base de apoio cair para menos de 5%, reconheceu que a esquerda se dirige para um desastre.

"Esta esquerda fragmentada, esta esquerda que hoje leva muitos de nossos cidadãos ao desespero, precisa se reagrupar", ela disse em transmissão do jornal de TV mais visto na França. "Precisamos organizar uma primária."

Seguiu-se uma carta pública exortando os partidos a concordarem com a proposta da primária. Chamados semelhantes já haviam sido lançados por membros de vários outros partidos.

O movimento ganhou ímpeto adicional quando Christiane Taubira —carismática ex-ministra da Justiça no governo de François Hollande, presidente socialista da França entre 2012 e 2017— anunciou que estava considerando a possibilidade de candidatar-se à Presidência e que investiria toda sua força "nas últimas chances de unidade".

No dia seguinte ela disse que o esforço pela primária "parece o último espaço no qual será possível construir essa unidade".

A iniciativa de Taubira provavelmente vai aumentar a pressão sobre os candidatos que ainda não aderiram à primária de esquerda, como o Yannick Jadot. Minutos após o anúncio de Taubira, Sandrine Rousseau, líder dos verdes que também está fazendo campanha por Jadot, afirmou que é necessária "uma coalizão da esquerda".

"A balança do poder acaba de pender em nosso favor", disse Grzybowski.

O apelo por uma primária dos cidadãos espelha o desencanto crescente com os partidos de esquerda tradicionais. Muitas pessoas de esquerda hoje consideram as políticas de justiça social e economia equitativa dos partidos superadas. Algumas ainda encaram a política econômica de François Hollande, favorável às empresas, como uma traição.

"Não são mais os partidos políticos que impelem o debate público", disse Hugo Viel, 23 anos, voluntário da Primária do Povo.

"São os movimentos sociais, as marchas climáticas, o movimento #MeToo, os coletes amarelos", ele disse, citando muitos protestos que agitaram o país recentemente e que tratam de questões como desigualdade econômica, racismo e violência doméstica.

Mas os partidos políticos de esquerda têm dificuldade para traduzir esses protestos em propostas concretas e apoio maior. Estão fora de contato com esses movimentos sociais, têm tido dificuldade para ampliar sua presença fora das grandes cidades e mergulharam em disputas internas amargas, com choques entre vertentes concorrentes de feminismo e antirracismo de gerações diferentes.

Tradução de Clara Allain

> **Não são mais os partidos políticos que impelem o debate público. São os movimentos sociais, as marchas climáticas, o movimento #MeToo, os coletes amarelos**
>
> **Hugo Viel**
> voluntário da Primária do Povo

Elijah Wood

Aceitei muito tempo atrás que estaria para sempre ligado a Frodo

Passados 20 anos, ator falou de suas lembranças e aprendizados durante a árdua aventura cinematográfica de 'O Senhor dos Anéis'

Divulgação

Elijah Wood, 40
Protagonista da trilogia 'O Senhor dos Anéis', dirigida por Peter Jackson. O ator foi responsável por dar vida ao personagem Frodo, criado por J. R. R. Tolkien. Depois do papel, integrou o elenco da série 'Wilfred' e se dedicou a produções menores. Também fundou um selo musical independente e trabalhou como DJ

F5

Carlos Aguilar

THE NEW YORK TIMES Há mais de duas décadas, o ator Elijah Wood, 40, guarda dois pés peludos de hobbit na mesma caixa em que os recebeu.

Ele ganhou o presente logo depois de concluir a filmagem principal da trilogia "O Senhor dos Anéis", na Nova Zelândia e não se lembra se os pés são um par novo ou se são o adereço que ele realmente usou nas cenas em que interpretou Frodo, o baixinho e valente herói a quem é confiada a missão de destruir um anel de ouro malévolo.

"Tenho certeza de que eles vão se estragar, com o tempo, porque látex não dura para sempre", disse Wood por telefone, de Los Angeles. "Mas estavam em boa forma da última vez que abri a caixa."

O estranho suvenir serve como lembrança tangível da produção incomum dos três épicos de fantasia, adaptados dos romances de J.R.R. Tolkien e filmados consecutivamente ao longo de 16 meses, período que foi seguido por três anos de rodagem de cenas adicionais e de viagens de divulgação a cada final do ano.

O processo todo só parece ter chegado a uma conclusão em 2004, quando o terceiro dos filmes, "O Senhor dos Anéis - O Retorno do Rei", triunfou no Oscar, conquistando 11 prêmios, entre os quais o de melhor filme.

Não foi o primeiro contato da trilogia com o Oscar. O primeiro filme, "O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel", que recentemente foi incluído no registro de filmes da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, conquistou quatro prêmios depois de seu lançamento, em 19 de dezembro de 2001.

Passados 20 anos, Wood falou de suas lembranças sobre a monumental aventura cinematográfica. Abaixo, trechos editados da conversa.

*

Quando você pensa nos filmes "O Senhor dos Anéis" e na maneira pela qual eles redefiniram sua carreira, quais são as lembranças que permanecem mais vívidas? Muitas vezes me lembro dos momentos de pausa entre cenas, e não só das cenas monumentais com centenas de figurantes vestidos de orcs, que certamente são uma coisa extraordinária. Mas me lembro também de momentos aparentemente banais, como ter nossos pés de hobbit tirados porque tínhamos de deixar a locação, já que tinha começado a nevar.

Nós sentados em cima de uma lavadora e secadora no hotel, tomando um uísque, enquanto a equipe removia nossos pés. Ou as viagens de surfe nos finais de semana com os outros hobbits e Orlando [Bloom, que interpretou o elfo Legolas], e a camaradagem de nossa vida cotidiana.

Todos deixamos a grande variedade de lugares dos quais viemos e criamos juntos uma vida na Nova Zelândia, fazendo companhia uns aos outros. Passados 20 anos, continuamos conectados dessa maneira, mesmo que não nos vejamos há muito tempo.

Em que momento você sentiu que esse episódio em sua vida tinha se concluído? Foi muito difícil deixar para trás tamanho feito de transformação? O momento mais profundo de sentir que eu estava deixando aquilo de lado e de questionar o que faria a seguir surgiu quando a filmagem principal acabou.

Foi o momento em que todos nós estávamos mais exaustos. Estávamos todos muito investidos no mundo do filme que estávamos fazendo e de repente isso acabou, algo que acontece com frequência quando você está fazendo um filme: você faz parte daquele microcosmo e de repente é arremessado para a ponta oposta daquilo, chegando de volta à sua realidade. Foi essa a experiência, multiplicada em um grau muito grande.

Minha experiência de vida foi tão definida por estar na Nova Zelândia com aquele grupo de pessoas, que a mudança súbita de estar em casa de novo me pareceu muito abrupta.

Eu só queria continuar a trabalhar em coisas muito pequenas e muito diferentes de "O Senhor dos Anéis". Fiquei muito triste ao ver tudo acabar, mas também estava pronto para levar minha vida adiante e ter novas experiências.

Relacionamentos fraternos muito estreitos como o que existe entre Sam e Frodo na trilogia agora são mais comuns na mídia. Quais eram seus pensamentos sobre a amizade entre os dois personagens, na época? Minha interpretação daquilo era que se tratava de um companheirismo incrível.

Embora meu personagem, Frodo, seja visto como o herói, existe ainda mais heroísmo verdadeiro em Sam [o hobbit interpretado por Sean Astin] e na maneira pela qual ele recolhe os cacos e segue em frente, quando Frodo não consegue mais continuar.

Os dois precisavam um do outro, e Frodo certamente precisa de Sam. Havia uma compreensão verdadeira disso.

Quando fui apresentado a Sean, nós dois íamos experimentar nossas perucas em um hotel em Los Angeles. Eu imediatamente lhe dei um abraço e disse "ei!", porque eu sabia quem ele era. Nós nos abraçamos porque sabíamos que estávamos a ponto de embarcar em uma jornada incrível juntos, como atores trabalhando com outros atores, mas também havia a intuição de que ele e eu teríamos uma jornada juntos.

E isso foi confirmado, totalmente. Muito do que vemos no filme, tanto em nosso relacionamento quanto em outros, reflete a realidade do que estávamos experimentando.

O poder de contar histórias reside no fato de que as pessoas se relacionam àquilo que está sendo expressado. Já ouvi muitas interpretações diferentes sobre Sam e Frodo, da comunidade LGBTQ, mas também de pessoas que enfrentam problemas com vícios e se identificam com Gollum.

Frodo é uma criatura bastante vulnerável que tem uma carga inimaginável a carregar. O que você aprendeu ao personificá-lo por tanto tempo? Uma das grandes mensagens dos livros no que tange a Frodo e aos hobbits em geral é que até mesmo a menor das pessoas, não só em estatura mas no sentido daquilo que ela se sente capaz de fazer, é capaz de grandeza, de promover mudanças reais, de ter um impacto real.

O que Frodo tinha a enfrentar parecia insuperável, mas ele foi capaz de fazê-lo graças à sua bondade, gentileza, pureza de coração e talvez sua inocência.

São essas as coisas que os hobbits personificam e esse é o motivo inerente para que consigam resistir à corrupção do anel por mais tempo do que os seres humanos.

Mas o que torna Frodo único é uma maneira de ver o mundo sem qualquer cinismo. Também existe coragem, talvez uma coragem cega de não saber o que virá à frente e, com isso, não se permitir ter medo. Se eu tivesse de aprender uma coisa de tudo isso, é que existe uma força moral em seu caráter que tornava tudo aquilo possível.

Você acha que seria possível fazer esses filmes hoje da mesma maneira que foram feitos na época? Havia um senso forte de que não estávamos sendo fiscalizados. Peter e a equipe em geral foram autorizados a fazer o filme do jeito que queriam sem muita interferência externa.

Isso não significa que o estúdio não tivesse medo, ou não estivesse investindo no resultado do trabalho. Estavam cientes dos riscos de fazer os filmes em filmagem contínua.

Não sei se seria possível fazê-los da mesma maneira hoje. A internet também mudou, não é? Havia menos escrutínio quanto aos filmes. Sabia-se menos sobre eles.

Podíamos fazer filmes dentro de uma bolha. Tínhamos problemas bobinhos, com, por exemplo, a presença de fotógrafos em uma colina, mas eram desimportantes [risos]. Não sei se isso seria possível agora. O mundo todo está online e quase todo mundo tem muito acesso a quase tudo.

Estar associado perpetuamente a "O Senhor dos Anéis" foi sacrificado, em algum momento? Aceitei muito tempo atrás que estaria para sempre ligado a Frodo e, assim, isso não me incomoda. Honestamente, seria triste e um peso, se fosse diferente [risos]. Estou completamente acostumado a pessoas me chamarem de Frodo na rua, e não pelo meu nome.

É representativo de uma das grandes experiências de minha vida, filmes que adoro e lembranças que guardarei para sempre. No fim dos meus dias, é a isso que estarei ligado, provavelmente mais do que a qualquer outra coisa.

Só posso comparar a situações semelhantes como o caso de Mark Hamill ou Harrison Ford. Eles estão associados a seus personagens clássicos [em "Star Wars"] mais do que a quaisquer outros.

Agora que estamos diante do precipício dos 20 anos [de lançamento dos filmes], o que parece bem difícil de mentalizar, minha reflexão é acima de tudo gratidão e um grande amor, e jamais me incomodará estar associado a esses filmes, ou que, na memória das pessoas, eles sejam a maior lembrança sobre quem sou.

Tradução de Paulo Migliacci

"Embora meu personagem, Frodo, seja visto como o herói, existe ainda mais heroísmo verdadeiro em Sam [o hobbit interpretado por Sean Astin] e na maneira pela qual ele recolhe os cacos e segue em frente, quando Frodo não consegue mais continuar

"Uma das grandes mensagens dos livros no que tange a Frodo e aos hobbits em geral é que até mesmo a menor das pessoas, não só em estatura mas no sentido daquilo que ela se sente capaz de fazer, é capaz de grandeza, de promover mudanças reais, de ter um impacto real

"Estou completamente acostumado a pessoas me chamarem de Frodo na rua, e não pelo meu nome

É representativo de uma das grandes experiências de minha vida, filmes que adoro e lembranças que guardarei para sempre. No fim dos meus dias, é a isso que estarei ligado, provavelmente mais do que a qualquer outra coisa